

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

# *Da compreensão*

## *novas viagens de Gulliver*

**Margarida Maria Knobbe**

Natal, RN  
2007

MARGARIDA MARIA KNOBBE

# *Da compreensão*

## *novas viagens de Gulliver*

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida.

Natal, RN  
2007

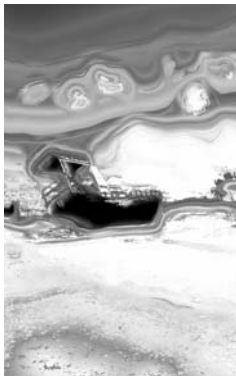


Ilustração da capa (manipulação digital sobre fotografia):  
Fabio Domingues

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Knobbe, Margarida Maria.

Da compreensão – novas viagens de Gulliver / Margarida Maria Knobbe.  
– Natal, RN, 2007.  
155 f.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Área de Concentração: Cultura e representações.

1. Compreensão – Tese. 2. Comunicação – Tese. 3. Mundialização – Tese. 4. Ética – Tese. I. Almeida, Maria da Conceição Xavier. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.74:001

# **BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida / UFRN**  
**Orientadora**

---

**Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira / UFPE**  
**1º. Examinador**

---

**Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho / PUC-SP**  
**2º. Examinador**

---

**Prof. Dr. José Willington Germano / UFRN**  
**3º. Examinador**

---

**Prof. Dr. Alex Galeno / UFRN**  
**4º. Examinador**

---

**Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira / UERN**  
**Suplente**

---

**Profa. Dra. Josimey Costa / UFRN**  
**Suplente**

# Agradecimentos

Nós, seres humanos, somos apenas sombras de todo o nosso potencial. Quando a distância entre duas sombras se torna pequena, uma delas atrai a outra, deformando-a. O espaço preenchido, que antes separava as duas sombras, pode ser entendido como compreensão.

Agradeço, portanto, a todas as sombras amigas que me deformaram e, ao preencherem o espaço que nos separava, mesmo que por breves instantes de cochilo da luz, me fizeram compreender algo ou alguém.

Dirijo um agradecimento especial a Ceiça Almeida e ao Grecom, por me ensinarem a fazer das sombras do conhecimento um importante desafio a ser vivido.

Agradeço também

Ao amor

À minha família

Aos amigos

Aos mestres e a todos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN

À Capes

Aos professores integrantes da Banca Examinadora

## Resumo

Tendo como operador cognitivo o livro *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, a tese, escrita no formato de um diário de bordo, vai desvendando pistas para uma arqueologia da compreensão, além de problematizar as interconexões entre comunicação e compreensão no atual processo de planetarização. Em seguida, realiza alguns ensaios que problematizam a ética, a ciência e a condição humana, sob inspiração do Parlamento das Coisas, sugerido por Bruno Latour, onde estão presentes, simetricamente, as ciências, os cientistas, as políticas, as naturezas, as culturas e as sociedades. Para tal aventura, são agenciadas idéias de pensadores de diversas áreas do conhecimento, como Edgar Morin, Henri Atlan, Hans-Georg Gadamer, Isabelle Stengers, David Bohm, Maria da Conceição de Almeida, Cremilda Medina, María Zambrano, Michel Serres, Boris Cyrulnik, entre outros. Letras de música, registros literários e cinematográficos servem de pontos de apoio para a contextualização da narrativa dessa viagem que comporta não somente a compreensão da complexidade do ser humano, mas também a compreensão das condições em que são forjadas as mentalidades e praticadas as ações. Assim, toda compreensão é uma viagem sem fim: chega a alguns portos, se reabastece e volta a partir. Toda compreensão é pontual, parcial, provisória, lacunar e inacabada.

Palavras-chave: compreensão, comunicação, mundialização, ética

## Abstract

Having as a cognitive operator the *Gulliver's Travels* book, by Jonathan Swift, this thesis, formatted as a log-book, tries to unveil tracks to a archeology of comprehension, farther to render problematic about interconnections between the communication and the comprehension at the current process of "planetarization". After that, it creates a few essays that render problematic about ethics, science and the human condition, under the creative impulse of *The Parliament of the Things*, suggested by Bruno Latour, where sciences, scientists, politics, natures, cultures, and societies are presented symmetrically. For such adventure, ideas from thinkers of a several knowledge areas were used, such as Edgar Morin, Henri Atlan, Hans-Georg Gadamer, Isabelle Stengers, David Bohm, Maria da Conceição de Almeida, Cremilda Medina, María Zambrano, Michel Serres, Boris Cyrulnik, and others. Lyrics, literary and cinematographic pieces are used as support tips to argue the travel's narrative that holds, not only the understanding of human being's complexity, but also the understanding of the conditions where mentalities are forged and actions are practiced. Thus, all comprehension is an endless travel: it arrives to the harbours, reloads, and then, leaves again. All comprehension is strict, unfair, temporary, lacunary and unfinished.

Keywords: comprehension, communication, globalization, ethics

## Résumé

Ayant comme opérateur cognitif le livre *Les voyages de Gulliver*, de Jonathan Swift, la thèse, écrite au format d'un journal de bord, suit dévoilant des indices pour une archéologie de la compréhension, au-delà de problématiser les interconnexions entre communication et compréhension à l'actuel procès de planétarisation. En suite, réalise quelques essais qui problématisent l'éthique, la science, et la condition humaine, sous l'inspiration du Parlement des Choses, suggéré par Bruno Latour, où sont présents, symétriquement, les sciences, les scientifiques, les politiques, les natures, les cultures, et les sociétés. Pour une telle aventure, sont agencées des idées de penseurs de diverses domaines de la connaissance, comme Edgar Morin, Henri Atlan, Hans-Georg Gadamer, Isabelle Stengers, David Bohm, Maria da Conceição de Almeida, Cremilda Medina, María Zambrano, Michel Serres, Boris Cyrulnik, dentre autres. Lettres de musique, registres littéraires et cinématographiques servent de points d'appuy pour la contextualisation du récit de ce voyage qui ne comporte pas seulement la compréhension de la complexité de l'être-humain, mais aussi, la compréhension des conditions dans lesquelles sont forgées les mentalités et pratiquées les actions. Ainsi, toute compréhension est un voyage sans fin: arrive à quelques ports, se ré-approvisionne et part à nouveau. Toute compréhension est ponctuelle, partielle, provisoire, lacunaire et inachevée.

Mots-clés: compréhension, communication, mondialisation, éthique

# Roteiro

<b>A Gulliver</b>	<b>09</b>
<b>Um eterno mar</b>	<b>11</b>
Viagem sem fim	12
Carta náutica	17
<b>Porto e embarque</b>	<b>21</b>
Advertência	22
Contemplando ondas, derivas e marés	25
O que é vida?	30
O que é conhecer?	33
O que é comunicar?	37
Suicídio social X humanismo planetário	41
O que é compreender?	44
<b>Viagem a Liliput e a Brobdingnag</b>	<b>55</b>
Velas ao vento	56
Sou tu quando sou eu	56
Onde tudo é super-hiper	74
<b>Viagem a Laputa e a Balnibarbi</b>	
<b>(Lagado, Luggnagg, Glubbdubdrib e Japão)</b>	<b>102</b>
Entretecendo novas paisagens	103
Rede de bifurcações	103
Em nome da ciência	123
A fabricação de mortos-vivos e imortais	127
Sobre bonecos e borboletas	139
<b>Viagem ao país dos houyhnhnms</b>	<b>142</b>
Teorema de Esopo	143
<b>À guisa de posfácio</b>	<b>146</b>
Entre a aurora e o crepúsculo	147
<b>Fontes de <i>insights</i> e desdobramentos</b>	<b>149</b>

## A GULLIVER



I waved my cap toward the island

1

*Meu querido amigo,*

*Espero que te encontres bem no topo da tua altura de gigante das histórias do meu tempo de ser menino.*

*Tu foste o gigante e o anão dos meus sonhos enfeitados de mar e de chuva miudinha. Embarquei contigo nas naus que iam para toda a parte sem chegarem a parte nenhuma, e fui, como tu, marinheiro, soldado, aventureiro, conselheiro de reis e motivo de espanto para homens do tamanho de um polegar. Mas tudo a sonhar. Sempre e só a sonhar. Ai Gulliver, se tu soubesses como me fizeste perder o*

*sentido da distância e a verdadeira medida das coisas. O que um dia era gigante, no outro tinha a pequenez de uma ervilha ou de uma pérola de orvalho.*

*Espero que te encontres bem e que, quando te apetecer sair do livro do Senhor Swift, me escrevas ou me telefones para eu ir contigo ao cais mais longínquo da bruma e da tempestade.*

*Tu deves saber onde eu moro, porque personagens como tu nunca se esquecem de quem as leu, amou e admirou.*

<sup>1</sup> Ilustração disponível em: <<http://img441.imageshack.us/img441/8978/laputa9nk.gif>>.

*Eu cresci contigo enquanto tu crescias e minguiei a teu lado quando tu te tornavas anão. Contigo percebi que o nosso tamanho, na realidade, depende sempre dos olhos de quem nos vê.*

*Não te esqueças de dar notícias, porque eu continuo a ter um barco pronto para as grandes viagens que tu deixaste por fazer. É só fazer a mala e partir. A mala não: um saco de lona com a roupa leve que se deve vestir no calor dos trópicos.*

*Não te esqueças de dar notícias. Ainda me hás-de ensinar de que forma é que os homens, as ilhas e os países mudam de tamanho no grande mar dos livros, no oceano dos sonhos mais antigos.*

José Jorge Letria<sup>2</sup>



---

<sup>2</sup> LETRIA, 1998, p. 4-7.

<sup>3</sup> Ilustração *Gulliver na academia de Lagado*. Disponível em:  
<<http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/mossa/p2.jpeg>>.

# Um eterno mar



*Vai, vai, vai, disse o pássaro:  
O gênero humano não pode suportar  
tanta realidade.*

T. S. Eliot

*O conhecimento pode ser disseminado  
e partilhado de forma mais lúdica,  
mais estética, mais prazerosa.*

Maria da Conceição de Almeida

---

<sup>4</sup> *Gulliver*, de Marianne Aatz, 1985. Disponível em: <<http://www.marianne-aatz.de/Bildseiten/1986/gulliver.htm>>.

## Viagem sem fim

*Raro é o sonho que começa e acaba na mesma noite.  
A verdade não está num só, mas em muitos sonhos.*

Provérbio africano

Não há um cenário específico. Há, apenas, impressões de caminhos perpassados por vultos indefinidos que provocam sensações: alegria, tristeza, amor, raiva, medo, determinação. De repente, me vejo junto às últimas páginas de minha dissertação de mestrado *Além do finito e do definido – os intelectuais sob os ecos da fábula A cigarra e a formiga*<sup>6</sup>, na qual busquei negar às minhas idéias do desconhecido a cor das noções do conhecido. Na conclusão do texto, me identifico com os personagens da *Peça ininterrupta* de Michael Ende:

*Depois dessa viagem – da qual a narrativa capta poucas paisagens e solavancos – alguma coisa ficou diferente. A fenda no espaço do formigueiro não volta a se fechar. Não posso e não quero defender-me quanto a isso. Nada será como antes.*

*Sinto-me parte do espelho daquela Peça ininterrupta descrita por Michael Ende. E entre os seus personagens – trajando roupas de saltimbancos de um desbotado multicolorido e aventureiro – que percorrem o mundo composto somente por fragmentos, buscando a palavra perdida, através da qual tudo se relacionava com tudo:*

- De onde viemos? Da montanha do céu.*
- O que fazíamos lá? Cada um de nós situava-se em um cume e gritava as palavras uns para os outros. Era uma peça para o Sol, a Lua e as estrelas, encenada sem cessar porque conservava o mundo unido. Um dia houve uma desgraça: notamos que faltava uma palavra. Ninguém a havia roubado; nós tampouco a esquecêramos. Ela simplesmente não estava mais lá... Desde então, estamos viajando para tentar reencontrá-la.*
- E quem ou o quê nos conduz? A palavra.<sup>7</sup>*

---

<sup>6</sup> Defendida em 1999, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, com a orientação da Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.

<sup>7</sup> KNOBBE, 1999, p. 174-175.

Repasso, de memória, o que fiz nesses anos em busca da *palavra perdida*, enquanto a vida criava situações desconexas, ora mais fragmentárias, ora em direções mais totalizadoras, íntegras. Fragmentos de relacionamentos, pessoais e profissionais, se perderam, para sempre, ou se metamorfosearam. Porém, a busca da *palavra perdida* manteve-se no caminho do conhecimento, embora também metamorfoseada. Avanços e retrocessos marcaram esse caminho, mas o balanço é positivo, considerando a minha permanência, mesmo após o mestrado, como pesquisadora do Grecom – Grupo de Estudos da Complexidade.

O Grecom, para mim, é o espelho da Peça ininterrupta. Seus componentes, verdadeiros saltimbancos aventureiros, percorrem o mundo composto por fragmentos, buscando os saberes que se interrelacionam com tudo. Isso ficou mais claro depois que pesquisei todas as monografias, dissertações e teses gestadas naquela miniatura de universidade dentro da UFRN. Inicialmente, eu havia me proposto a fazer dessa experiência acadêmica a referência para pensar uma outra ciência, uma nova universidade em meu doutorado. A investigação tomou outro formato, a partir do convite de Ceíça Almeida para contarmos, juntas, a experiência de ciência e de vida mesclada no grupo, em comemoração aos seus 10 anos de existência. Daí nasceu o livro *Ciclos e Metamorfoses – Uma experiência de reforma universitária*, editado pela Sulina, em 2003.

A produção do texto para o livro me trouxe outros questionamentos sobre a *palavra perdida*. Aprofundando-me nas noções expressas por Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*<sup>8</sup>, que usei como referência para analisar os trabalhos, a assertiva *a comunicação não garante a compreensão* passou a me incomodar mais do que antes. Aprender e ensinar a compreensão, como propõe Morin, inclui todas as formas de comunicação, não apenas aquela que se vale da fala e da escrita. Principalmente para compreender a condição humana não bastam a *palavra perdida*, da história de Michael Ende, nem a *despalavra*, do poeta Manoel de Barros:

*a palavra nascida para o canto – desde os pássaros.  
A palavra sem pronúncia, ágrafa (...)  
o som que ainda não deu liga (...)  
A palavra que tenha um aroma ainda cego.  
Até antes do murmúrio. Que fosse nem um risco de voz.  
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.  
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.  
O antesmente verbal: a despalavra mesmo<sup>9</sup>.*

---

<sup>8</sup> MORIN, 2000.

<sup>9</sup> BARROS, 1998, p. 53.

É necessário ir aquém e além da palavra. Antes da despalavra e depois da palavra, simultaneamente. Uma experiência semelhante à empreendida pela norte-americana Marlo Morgan junto a um grupo de aborígenes australianos, contada em seu livro *Mensagem do outro lado do mundo*<sup>10</sup>. Convidada de honra pela auto-denominada Tribo das Pessoas Reais, Marlo se lança, sem esperar, numa expedição de quatro meses pelo deserto da Austrália, vivendo todas as duras penas e simples alegrias daquela outra cultura, sem conhecer a língua nativa.

Como não há perspectiva de que eu participe de uma aventura tão radical quanto a de Marlo Morgan, aceito o conselho do equilibrista que acompanha os saltimbanco da Peça ininterrupta:

— *Pode-se sair ou chegar a qualquer lugar quando se consegue mudar o sonho.*

Pergunto o que significa mudar o sonho, e ele responde:

— *Mudar o sonho significa inventar uma nova história e depois entrar nela. Afinal de contas, o que você aprende na academia, se nem ao menos sabe disso?*

As palavras do equilibrista me lembram o que escrevemos na introdução de *Ciclos e Metamorfoses*:

*Esse pequeno grupo de sonhadores escolheu como estilo apostar na produção de um conhecimento capaz de transformar sementes de morte em sementes de vida; preferiu olhar para o mundo com lentes polifônicas como condição de entender os fenômenos do mundo em sua complexidade; decidiu politizar a ciência através do compromisso diário de suas práticas de vida; acreditou na boa utopia de um mundo onde homens, mulheres e crianças possam, com maior frequência, rir, sorrir e gargalhar<sup>11</sup>.*

O sonho do qual fala o equilibrista se assemelha, por um lado, à tarefa do intelectual como criador de fatos portadores de sentido de futuro, conforme sugere Jöel de Rosnay. Na afirmação de Ceiza Almeida, *espera-se do intelectual uma adesão sem limites aos ideários de uma política de civilização e humanidade (...) Comprometido com o seu tempo, seu lugar e com tarefas pontuais e inadiáveis, sim, mas também construtor de futuros*. Sendo sempre um nômade, na vida e nas idéias, deve visualizar *horizontes mais amplos, contextuais, trans-históricos, meta-locais*<sup>12</sup>.

Por outro lado, assemelha-se também aos sonhos que obsedam alguns cientistas. Einstein, por exemplo, *imagina que se desloca no espaço cavalgando num raio de luz e tenta conceber como, dessa montada, se pode aperceber o mundo*. E o químico alemão August Kekulé Von Stradonitz,

---

<sup>10</sup> MORGAN, 1995.

<sup>11</sup> ALMEIDA; KNOBBE, 2003a, p. 9.

<sup>12</sup> Ibid., op. cit., p. 19.

conta Paul Caro, descobriu em sonhos no ano de 1865 a estrutura do benzeno, formada por um anel de seis átomos de carbono sob a forma de pares dançantes<sup>13</sup>.

Esses sonhos podem ser entendidos como precursores do pensamento, como revela Boris Cyrulnik:

*De facto, o pensamento arranca-se ao organismo, graças ao onirismo. Depois, é preciso que um outro compreenda esta emergência para dela fazer um trabalho de palavra, a fim de criar um novo mundo.*<sup>14</sup>

Vou, então, em busca do novo sonho. Como costuma acontecer antes de toda viagem, sinto um misto de medo, ansiedade e espanto. Estou à beira de um cais incerto. Percebo que a pesquisa, na realidade, já havia começado antes mesmo que eu tivesse transposto para as palavras as minhas intenções. Isso acontece quase sempre: antes de verbalizar nossas escolhas e trazê-las para a consciência, elas já estão lá, num cantinho do inconsciente.

Essa constatação me faz pensar que o método complexo, proposto por Edgar Morin, não se inicia com a escolha das estratégias de pesquisa. Os fluxos cognitivos que alimentam o pleno emprego das qualidades do pesquisador podem estar longe no tempo cronológico, presentes muito antes da abertura de um itinerário. Assim como o sonho é precursor do pensamento, ele é também um precursor da estratégia, do método.

As interrogações que alimentam a minha reflexão ora se manifestam quase visíveis, ora escondem-se na sombra do pressentimento. Como expressa Ernildo Stein, *cada pensador tem o seu anjo com quem luta no invisível e a quem resiste até extrair o segredo que progressivamente pressente*<sup>15</sup>.

Pressinto em mim, desde os tempos de menina, um Gulliver fascinado e angustiado com um mundo no qual *o que um dia era gigante, no outro tinha a pequenez de uma ervilha ou de uma pérola de orvalho*<sup>16</sup>. Convido, então, esse Gulliver para me acompanhar nesta grande viagem e me ensinar *de que forma é que os homens, as ilhas e os países mudam de tamanho no grande mar dos livros, no oceano dos sonhos mais antigos*<sup>17</sup>. Mais do que isso, quero entender melhor como se processa a nossa compreensão/incompreensão deste mundo e porque a comunicação não garante a compreensão.

---

<sup>13</sup> CARO, 1993, p. 91; 81.

<sup>14</sup> CYRULNIK, s/d-a, p. 89.

<sup>15</sup> STEIN, 2001, p. 53.

<sup>16</sup> LETRIA, op. cit.

<sup>17</sup> Idem.

Tento, desta forma, transformar a emergência dos pensamentos arrancados do meu organismo, graças ao onirismo, num trabalho de palavra. Por isso, a comunicação que surge nesta nova velha história ainda se estabelece sob a ambigüidade do verbo, sob a sua sutileza. Não poderia ser diferente. Existimos num domínio semântico criado pelo nosso *linguageamento* (Maturana e Varela), que também se refere ao ir além e aquém da palavra.

Segundo Humberto Maturana, o processo do *linguageamento* ocorre quando há uma coordenação de coordenações de comportamento, e não é exclusivo dos seres humanos, mas um acoplamento estrutural comum a todos os seres vivos. A diferença nos humanos reside na capacidade de expandir o domínio lingüístico, de modo a incluir a reflexão, a consciência da consciência e a aptidão para a singularização e criação de novos padrões de comunicação.

Tecendo continuamente a rede semântica na qual está embutido, o ser humano existe na linguagem, pela qual cria o seu mundo. É esse mundo, com seus oceanos, ilhas e continentes de sentidos, que percorro, como andarilha/navegante, para empreender minha incursão nos mistérios da compreensão.



## Carta náutica

*É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada.*

Gilles Deleuze

Para desenhar o mapa a seguir, recorro a Morin. Segundo ele, o caminho que vislumbro *comporta não somente a compreensão da complexidade do ser humano, mas também a compreensão das condições em que são forjadas as mentalidades e praticadas as ações*<sup>18</sup>. Além disso, os paradigmas ou visões de mundo, mesmo diante de fatos em si – porque os fatos também são construções humanas –, *elucidam parcialmente mas cegam globalmente*<sup>19</sup>. Não basta conhecer e comunicar fatos e idéias para compreendê-los. Portanto, longe de desenhar certezas planas, esses enunciados, à partida, me obrigam a não confiar cegamente nas interioridades e nas exterioridades visíveis, impulsionando possibilidades de ação. Embalada pelos diversos ritmos do tempo, busco relativizar os centros e identificar onde se cruzam e se separam as dobras do que se diz e do que se pensa.

Tomo a narrativa como uma respiração. Cada idéia posta no papel é uma zona de passagem aonde chegam, para em seguida partir novamente, os estados do pensamento. Encolher, esticar, deslizar, contristar vivências e idéias nas palavras são formas de manter o pensamento em ação. Nesse trajeto em espiral, é necessário, por vezes, rir e gargalhar, evitando os riscos da intoxicação de sentido.

Tudo o que está aqui dito é imperfeito e foi sendo anotado aos poucos, no calor mesmo da pesquisa. Escolho, como Morin, a caminhada ao caminho, o que significa impossibilitar a estação de chegada.

Para tal aventura cognitiva, agencio idéias de pensadores de diversas áreas do conhecimento. Como pontos de apoio para a contextualização da tese, utilizo também letras de música, registros literários e cinematográficos. Isso porque o artista, às vezes mais intuitivo, mais

---

<sup>18</sup> MORIN, 2005, p. 115.

<sup>19</sup> Idem, p. 117.

concreto, é um explorador que observa a sociedade, antecipando e anunciando as mudanças. A *visão do artista precede a do cientista*<sup>20</sup>. Esses guias multidisciplinares estão identificados em **Fontes de insights e desdobramentos**, a última parte deste relato.

James Cook empresta seus traços para ilustrar algumas destas páginas. Os mapas aqui inseridos foram criados por ele para o *Dicionário de lugares imaginários*<sup>21</sup>, seguindo as rotas originais percorridas por Gulliver. As outras imagens são de diversos artistas e garimpadas na internet.

As referências a viagens e ao mar sinalizam a forma pela qual trato os conteúdos: como uma recriação das *Viagens de Gulliver*, descritas por Jonathan Swift, na obra considerada da sua maturidade<sup>22</sup>. Segundo o próprio autor, sua intenção com a história era irritar o mundo e não divertir-lo. Para mim, isso quer dizer possibilitar a compreensão das múltiplas faces humanas, fazendo-nos deparar mimeticamente com as várias realidades que construímos socialmente.

A intenção de Swift de irritar o mundo assemelha-se à idéia do escritor Daniel Munduruku de que é preciso colocar piolho na cabeça das pessoas, para incomodar e fazer pensar. Para Daniel, todo educador deve ser, ao mesmo tempo, quem coloca e quem cata piolho, porque *catar piolho é o carinho que o educador faz na cabeça do educando, estimulando-o pela palavra e pela magia do silêncio*<sup>25</sup>. O livro de Swift também parece servir a esse propósito. Dizem que até influenciou o estilo ensaístico da sociologia de Gilberto Freyre, pois foi a primeira leitura a marcar o pesquisador definitivamente. A história tem sido reproduzida até os nossos dias em diversas versões, as quais, embora não eliminem o caráter de sátira do original para leitores adultos, transformaram-se em fonte de estímulo para o público infanto-juvenil.

Swift é considerado por Edward W. Said um intelectual em estado de inquietude, próprio dos exilados. A experiência do exílio, real ou metafórica, permite ousadias que extrapolam a lógica das convenções, sejam elas políticas, literárias ou científicas. Pensar como exilado elimina confortos e privilégios, mas torna o intelectual o próprio autor de seu saber e de sua liberdade. Para Said, *un intellectuel ressemble à un naufragé qui d'une certaine manière apprend à vivre, avec le pays, et*

---

<sup>20</sup> CARO, 1993, p. 65.

<sup>21</sup> MANGUEL; GUADALUPI, 2003.

<sup>22</sup> Primeira edição publicada anonimamente em 1726, na Inglaterra, sob o título: *Travels Into Several Remote Nations Of The World. In Four Parts. by Lemuel Gulliver, First a Surgeon, and then a Captain of several Ships – Viagens Através de Algumas Remotas Nações Do Mundo. Em Quatro Partes. por Lemuel Gulliver, Primeiro um Cirurgião, e depois um Capitão de Alguns Navios.*

<sup>25</sup> <http://www.danielmunduruku.com.br>

*non sur le pays*<sup>26</sup>. Eu diria também que aprende a viver *com* a humanidade e toda a sua diversidade, e não *sobre* a humanidade.

Outros pensadores se exilaram metaforicamente de seus países para refletirem sobre eles. Montesquieu, por exemplo, publicou as suas *Cartas Persas*<sup>27</sup> em 1721. A obra se baseia nas cartas ficticiamente trocadas por dois aristocratas persas viajando pela Europa. Através desses personagens, Montesquieu satiriza os políticos de seu país, a França; as condições sociais; os enganos do clero e a literatura. Dizem que os argumentos ali impressos influenciaram a revolução francesa.

Esse e outros fatos demonstram que a vida das idéias na noosfera não é compartimentada. As ficções são reais no imenso universo imaginário que consubstancia a vida diária neste planeta. E, como bem diz o químico Paul Caro:

*Todos falam da condição do investigador, dos tormentos que ele suporta, da inquietação que o atormenta, da sua paixão, da rectidão da sua razão quando calcorreia a sua estrada habitual, mas também da sua incrível credulidade quando, algumas vezes, se perde em atalhos que lhe são familiares. É que ele persegue a flor do Imaginário, aquela mesma com que o Grande Hermes forrou as suas socas e semeia generosamente sob os seus passos, seja ela venenosa ou abra o seu perfume às portas do desconhecido*<sup>28</sup>.

Às portas do desconhecido, esta tese, a exemplo do livro de Swift, está escrita no formato de um relato de um naufrago e exilado em seu próprio mundo. Mas há uma grande diferença: o Gulliver do século 21 se depara com outra configuração do planeta. Impossível tentar compreender o mundo e a humanidade, hoje, como há séculos passados. Não há mais ilhas e continentes dispersos. Para o bem e para o mal, como diz o compositor/poeta Caetano Veloso: *O Haiti é aqui. O Haiti não é aqui... Pense no Haiti, reze pelo Haiti... ninguém, ninguém é cidadão*<sup>29</sup>. Ou, para Morin, estamos todos numa nave guiada por motores desgovernados; num Titanic sem piloto, e devemos tomar para nós o papel ético fundamental: tornarmos sujeitos da aventura humana.

Gulliver também representa uma metáfora, como a cunhada por Anthony Burgess, autor da história contada no filme *Laranja mecânica*, dirigido por Stanley Kubrick e lançado em 1971. Alex, o protagonista do romance, tem um dialeto próprio e se refere à *guliver* no sentido de cabeça: *minha guliver dói!* A palavra, que ainda é muito utilizada em *blogs* (diários virtuais na internet), às vezes é

---

<sup>26</sup> SAID, 1996, p. 76.

<sup>27</sup> MONTESQUIEU, 2005.

<sup>28</sup> CARO, op. cit., 1993, p.13.

<sup>29</sup> Música *Haiti*.

entendida também como o órgão sexual masculino. A metáfora *gulliver*, então, para mim, se configura como um pensamento seminal. Pensar dói, mas pensar é fundamental para criar novos pensamentos, novos mundos.

Assim, a seqüência dos capítulos segue o roteiro de Swift com novos enfoques:

- **Porto e embarque** (primeiras pistas para uma arqueologia da compreensão);

- **Viagem a Lilibut e a Brobdingnag** (a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e a humanidade da humanidade de Edgar Morin);

- **Viagem a Laputa e a Balnibarbi (Lagado, Luggnagg, Glubbudrib e Japão)**

Exercícios de compreensão:

Laputa [a ilha voadora] – a ética da compreensão (*O método 6 – ética*, de Morin) entretecida com as práticas científicas e comunicacionais de Maria da Conceição de Almeida (Lagoa do Piató – relações mais paritárias entre a ciência e os saberes da tradição) e de Cremilda Medina (a tríade sentir-pensar-agir na perspectiva de uma nova comunicação, que reencena o mundo e os protagonistas – anônimos, anti-heróis? – que nele se movimentam);

Balnibarbi [e a grande academia de ciências de Lagado], Luggnagg [onde nascem os seres imortais], Glubbudrib [província dos mortos-vivos] – Bruno Latour, Isabelle Stengers, María Zambrano e Michel Serres;

Japão – filme *Dolls*, de Kitano Takeshi, 2002.

- **Viagem ao país dos houyhnhnms** [uma compreensão no domínio do devir: o que é o humano?].

Para mim, toda compreensão é uma viagem sem fim: chega a alguns portos, se reabastece e volta a partir. Os autores que escolhi para os exercícios de compreensão são esses locais de rápida permanência. Por exemplo, Ceiza Almeida e Cremilda Medina exercitam a difícil tarefa de fazer dialogar áreas distintas do conhecimento, deslocando-se do apaziguador signo autoritário para o inquietante e vivo signo dialógico. Latour e Stengers são estrangeiros na ciência porque são híbridos que buscam novas formas para o pensar científico. María Zambrano, uma estrangeira na filosofia, por ser mulher e propor um novo cogito: o do coração. Serres, além de ex-marinheiro, navega como um canhoto invertido pelo mar do conhecimento. Kitano Takeshi, utilizando o tradicional teatro de bonecos japonês *bunraku* no cinema, nos arrasta junto com seus personagens aos extremos do paradoxo sacrifício-indiferença, eu-e-tu.

# Porto e embarque



32

*Não se esqueçam os danos a cobrir,  
o medo de partir,  
e o dom de surpreender.*

Lya Luft

*... atrevo-me a esperar que o cândido leitor me compreenda depois de  
pensar, madura e imparcialmente, na minha situação e no nervosismo em  
que me encontrava.*

Gulliver

---

<sup>32</sup> *Gulliver*, de John Colmer. Disponível em:  
<<http://www.digitalphotouser.co.uk/articles/frames/200205/200205.php>>.

## Advertência

*Nenhum de nós consegue transmitir com clareza suas idéias para o outro.*

Gulliver

Como descrever um estudo sobre a compreensão e a comunicação? Entre tantas formas, escolhi o que chamo de diário de bordo. Afinal, uma tese me parece muito com um diário: um caminho para burilar idéias e reflexões, expondo-as, primeiro, ao espelho. Ver a si mesmo é fundamental. Não é fuga para o silêncio, mas um exercício importante para não se adaptar ao desejo do próprio olhar.

Para narrar as aventuras de Gulliver, Jonathan Swift igualmente constrói um diário, embora seu livro seja definido como uma paródia da história de um viajante<sup>33</sup>. Como pensar e viajar podem ser verbos sinônimos, diversos pensadores escreveram diários. Claude Lévi-Strauss, Edgar Morin e José Saramago entre eles. Lévi-Strauss reviu retrospectivamente parte de sua carreira científica no diário de viagens *Tristes Trópicos*. Morin marcou com suas angústias e descobertas, por exemplo, as páginas de *Diário da Califórnia; Um ano Sísifo; Pleurer, aimer, rire, comprendre*, e outras... para depois reorganizá-las cognitivamente e cientificamente em seus *Métodos*. Saramago comentou os problemas da literatura e do mundo nos *Cadernos de Lanzarote*<sup>34</sup>.

O olhar no espelho, através dos diários, portanto, não é um exercício frio. *A questão central sempre suscitada por esse tipo de escrito é a da sinceridade*<sup>35</sup>.

Por outro lado, trata-se também de um exercício que busca facilitar a comunicação. Comumente, afirma Bruno Latour, *os textos científicos parecem aborrecidos e sem vida... e o leitor é gente escorregadia, obstinada e imprevisível – mesmo os cinco ou seis que permanecem para ler o texto do começo ao fim*<sup>36</sup>.

Talvez o diário, ao contrário, com seu tom de confidência, possa ser capaz de provocar, mais intensamente, a atenção e a curiosidade. Talvez, também, possa ser capaz de melhor revelar a

---

<sup>33</sup> Utilizo a seguinte edição: *As viagens de Gulliver*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM, 2005, Coleção L&PM Pocket, vol. 399.

<sup>34</sup> Lanzarote é uma ilha do arquipélago das Canárias para onde Saramago se mudou com sua companheira Pilar. Os seus diários *Cadernos de Lanzarote* se referem aos anos de 93, 94 e 95.

<sup>35</sup> SARAMAGO, 1997, p. 9.

<sup>36</sup> LATOUR, 2000, p. 90, 95.

complexidade do tema proposto, reconhecendo que o sujeito se inclui no objeto; concebendo a unidade e a diversidade humanas, interligando-as aos seus aspectos físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos, históricos; aliando, ainda, a dimensão científica (a verificação dos dados, a hipótese e a aceitação da refutabilidade) às dimensões epistêmica e reflexiva (filosóficas).

Um diário é quase como uma carta. Penso nos argumentos de André Comte-Sponville: *Por que se escreve uma carta? Porque não se pode nem falar nem calar. A correspondência nasce dessa dupla impossibilidade, que ela supera e da qual se nutre. Entre fala e silêncio. Entre comunicação e solidão*<sup>37</sup>.

A diferença é que uma carta sempre pressupõe um ou mais destinatários específicos, com personalidades próprias. No diário não há compromisso com essas especificidades. Dialoga-se com um amigo invisível ou, num sentido mais ampliado, o diário remete pensamentos a quem interessar possa, sem que seja necessário, *a priori*, formatar trocas. É uma espécie de comunicação na qual o autor, centrando-se em si mesmo, arrisca-se mais para não trair-se. E, depois, num movimento anti-narcísico, desfaz com a sua própria mão a imagem que o contempla.

Livros, cartas, artigos, ensaios, diários, monografias, dissertações e teses – todos são formas de comunicação propiciadoras de amigos (e de inimigos) realizada a distância por meio da escrita. Para Peter Sloterdijk, *faz parte das regras do jogo da cultura escrita que os remetentes não possam antever seus reais destinatários; não obstante os autores lançam-se à aventura de pôr suas cartas a caminho de amigos não-identificados*<sup>38</sup>.

Por outro lado, o diário de viagem retoma, simultaneamente, o que dizem

Montaigne:

*É de evidente utilidade a visita a países estrangeiros; não para nos informar, como fazem nossos fidalgos (...), mas para observar os costumes e o espírito dessas nações e para limar e polir nosso cérebro ao contato com os outros*<sup>39</sup>.

e Morin:

*Quanto mais conhecemos, menos compreendemos o ser humano. (...) O problema humano, hoje, não é somente de conhecimento, mas de destino*<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 35.

<sup>38</sup> SLOTERDIJK, 2000, p. 8.

<sup>39</sup> MONTAIGNE, 1972.

<sup>40</sup> MORIN, 2002, p. 16, 19.



## Contemplando ondas, derivas e marés

*olha a ponte  
a ponte tá na água  
quanta ponte!  
a ponte de luz  
a ponte de luz  
a ponte tá na água  
eu sou a onda.*

Joana Knobbe Ferreira<sup>42</sup>

Paro no porto para preparar a viagem. O que busco pode já ter passado por mim sem que eu notasse. Anotada às pressas num rascunho, encontro uma frase de Tomás Eloy Martínez que diz exatamente isso: *Nós, seres humanos, perdemos a vida buscando coisas que já encontramos.* Penso que posso até já ter esbarrado no que procuro, mas se não lhe dei atenção, não o conheço, não o compreendo.

Olho, indecisa, para as ondas e para as pontes que desafiam meus limites cognitivos. Vejo nelas o meu próprio reflexo. Serei capaz de me descolar desses fenômenos para estudá-los? Estando imbricada neles, qual estratégia permitirá visualizá-los? Quase que em resposta às minhas ansiedades, ouço, ao longe, a voz de Lya Luft, uma das minhas escritoras preferidas:

*A vida, um barco, remos ou ventos,  
tudo real e tudo  
ilusão (...)  
Quem navega, não pensa  
em perda nem permanência:  
só busca o caminho das ondas  
e do ar. (...)  
pois se as estrelas são miragem  
entre cais e horizonte, cada viagem  
chega mais perto da fonte:  
isso não se pode medir nem  
mudar<sup>43</sup>.*

---

<sup>42</sup> A autora escreveu este poema reorganizando as palavras, que ouviu dentro de um ônibus urbano, ditas por uma criança desconhecida, surpresa frente à visão das pontes Hercílio Luz e Colombo Sales, que ligam a ilha ao continente, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

<sup>43</sup> LUFT, 2005, p. 83, 87.

Me disponho a ir em frente, sem pensar em perda ou permanência, navegando guiada pelo método complexo que, *a priori*, não garante total visibilidade.

Nos seis volumes de *O Método*, Edgar Morin me faz estranhar e, ao mesmo tempo, me reconhecer como indivíduo integrante de uma sociedade e pertencente à espécie humana. Estranho e reconheço também os outros pela mesma relação indivíduo/sociedade/espécie. Cada um de nós é único e vários ao mesmo tempo.

A despeito de nossas inúmeras potencialidades, nos comportamos, às vezes, como máquinas triviais, repetindo-nos incessantemente. Talvez seja essa uma imposição da cultura e do pacto social. Como náufragos que remam, remam, remam mesmo sabendo que continuarão à deriva, sem rumo. Porém, na realidade, somos máquinas não triviais, *por dispor de uma possibilidade de afastamento em relação à norma, de um potencial de catálise, de descoberta, de decisão*<sup>44</sup>.

Toda essa riqueza do *antropos* vêm à tona pela via da comunicação, na maioria das vezes, de uma forma sutilmente implícita. A comunicação, por sua vez, se constitui num *fluir de coordenações consensuais de ações*, no dizer de Humberto Maturana. Para haver comunicação, nesse sentido mais amplo e fundamental, é necessário que haja proximidade física ou noológica entre os interlocutores. Essa proximidade responde à aptidão humana ao duplo, a objetivar-se, reconhecer-se *a si mesmo como um outro* (Paul Ricoeur), mecanismos que Edgar Morin denomina de identificação/projeção.

Identificação e projeção são mecanismos contrários e complementares ao mesmo tempo. *O outro participa na construção da minha identidade, porque, ao vê-lo, vejo que é o mesmo: serve-me, então, de espelho*<sup>45</sup>, argumenta o etólogo Boris Cyrulnik.

Esses mesmos mecanismos necessários à comunicação estão presentes nos processos de compreensão. Para Morin, *a compreensão é um modo fundamental de conhecimento antropossocial*, que comporta a projeção (de si sobre o outro) e a identificação (de outro consigo), realizando um duplo movimento que se refere à distinção do eu e do outro, mesmo em conjunção<sup>46</sup>.

Se são assim tão imbricados os fenômenos da comunicação e da compreensão, por que o primeiro não garante a efetivação do segundo? Talvez porque, mesmo sendo necessário para a minha existência, assim que aparece no meu campo de consciência, o outro altera o meu mundo.

---

<sup>44</sup> MORIN, 2002, p. 281.

<sup>45</sup> CYRULNIK, s/d-b, p. 175.

<sup>46</sup> MORIN, 1996, p. 139.

Um paradoxo assim descrito por Cyrulnik: *assim que me sinto observado por outro inquieto-me. A consciência do outro em mim agride-me. A ausência do outro em mim faz-me morrer. Quando estou só, o mundo pertence-me, mas morro. Quando aparece outro no meu mundo, agride-me e permite-me viver*<sup>47</sup>.

A comunicação com o outro-mesmo raramente gera compreensão. E os conflitos se acentuam com os altos índices de ansiedade provocados pelas contingências psíquicas e sociais. Por exemplo, cita Cyrulnik, *para os animais dominados, tal como para os seres humanos deprimidos, o encontro não é um enriquecimento, mas sim uma agressão*<sup>48</sup>. No entanto, ainda argumenta o etólogo, *de todos os organismos, o ser humano é, provavelmente, o mais dotado para a comunicação porosa (física, sensorial e verbal), que estrutura o vazio entre dois parceiros*<sup>49</sup>.

De outra parte, as formas de comunicação que herdamos do século XX nos afastaram tanto da base física quanto da base noológica, primárias, das coordenações consensuais de ação. Os vazios se acumulam. Há um silêncio em meio a todo barulho. Um silêncio que não se classifica como *o intervalo preciso para as modulações da comunicação, a respiração de sentido*<sup>50</sup>. Não é uma fuga de palavras, é o dito da recusa. A escuta desse silêncio não contém a presença do outro. O que conterà? Resistência? Rancor? Desprezo? Controle?

Talvez pela recusa do outro e pela destruição do sentido, a linguagem tenha se tornado caduca. Apenas o som inteligível das palavras reveste o vazio que persegue o silêncio. As palavras pronunciadas não esconjuram esse silêncio, não preenchem o abismo de sentido. É assim porque adotamos as couraças dos mídias, a sua impessoalidade, até na convivência familiar.

É possível observar na vida cotidiana alguns traços comportamentais que refletem a ascendência que as máquinas inteligentes – o computador, a TV e outras *caixas pretas* (Paul Caro) – exercem sobre nós, forçando-nos ao silêncio. Nas palavras do filósofo Jean-Michel Besnier:

*uma concepção do mundo é igualmente feita de atitudes estabelecidas como uma segunda natureza: por exemplo, suportamos cada vez menos a ambigüidade nas relações humanas, preferindo, em seu lugar, uma linguagem simplificada (...) Não é verdade que a informática convival ou mesmo os sistemas especializados nos prometem uma comunicação sem esforço nem ironia, sem profundidade nem mal-entendidos?*<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> Op. cit., p. 183.

<sup>48</sup> Op. cit., p.185.

<sup>49</sup> CYRULNIK, s/d-b, p. 92.

<sup>50</sup> LE BRETON, 1997, p. 75.

<sup>51</sup> BESNIER, 2001, p. 159.

Não é igualmente sintomático o fato de que, em meio a todo processo de mundialização, inclusive dos meios de comunicação, se amplifique o *mal primordial da incompreensão humana*?<sup>52</sup>. Contra as recusas e o silêncio que copulam com os aspectos perversos, bárbaros e viciosos do ser humano, consubstanciados nas incompreensões, ambições, sede de lucro, poderes e explorações que habitam o nosso mundo, Morin propõe uma reforma do pensamento, mas também uma reforma do ser humano mesmo. Tal metamorfose *supõe uma reforma radical dos sistemas de educação, que supõe uma grande corrente de compreensão...*<sup>53</sup>.

A palavra compreensão, contudo, já está presente como operadora de conhecimento em qualquer proposta ou nível escolar. É palavra-chave em toda investigação científica. Compreender, afirma-se, é um dos objetivos da ciência, especialmente das ciências ditas sociais, embora muitas vezes seus resultados sejam apenas tentativas de explicação. Às vezes, dissociando meios e fins, criamos técnicas (meios) para explicar o que pretendemos compreender (fim). Ao longo da história humana, na ciência e fora dela, criamos *instrumentos teóricos e, associados a esses, técnicas, habilidades (teorias, techné, ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender (matema), para saber e fazer como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência, em ambientes naturais, sociais e culturais (etnos) os mais diversos*<sup>54</sup>.

As técnicas por si mesmas não explicam ou fazem compreender. Nem a ciência. Nem a arte. Há sempre um ou mais sujeitos cognoscentes por trás e à frente desses processos. Penso na técnica/arte do cinema, por exemplo. Mais especificamente, penso em Charles Chaplin e em sua capacidade de compreensão do que ocorria no mundo para criar o filme *O grande ditador*, em 1940, época na qual muitos governos, inclusive o dos Estados Unidos, eram complacentes e, digamos, se faziam de inocentes em relação ao perigo que Adolf Hitler representava para a humanidade. Por que Chaplin atingiu tal compreensão enquanto a maioria da população mundial, mesmo aqueles que possuíam informações privilegiadas sobre os acontecimentos, precisaram assistir às cenas do genocídio como fato consumado, anos depois, para acionar os seus mecanismos da compreensão?

No roteiro da comédia dramática de Chaplin, produzido em 1939, enquanto a Alemanha nazista invadia a Polônia, nos primeiros passos da Segunda Guerra Mundial, o grande ditador Hynkel possui todo o globo terrestre, brinca e dança com ele até explodi-lo.

---

<sup>52</sup> MORIN, 2003, p. 363.

<sup>53</sup> Idem, *ibid.*, p. 365.

<sup>54</sup> D'AMBROSIO, 1996, p. 26, 27.

O filme encontrou resistências para ser exibido até nos Estados Unidos. No Brasil, censurado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), no governo de Getúlio Vargas, *O grande ditador* foi considerado comunista e desmoralizador das Forças Armadas.

No entanto, ainda hoje permanece atual a compreensão de Chaplin, na voz do personagem barbeiro judeu: *Mais que máquinas, precisamos de humanidade (...) Pensamos demais e sentimos pouco.*

O que é, então, compreender? É pensar? É sentir?

Diz Morin que tanto a superioridade quanto a inferioridade dos humanos é ter sentimentos, que podem ser loucos<sup>55</sup>. Os sentimentos devem mesmo ser importantes nos processos de compreensão/incompreensão, mas será que são suficientes para deflagrá-los, para explicá-los e para compreendê-los?

Morin também afirma que os poderes da compreensão são insuficientes para compreender a própria compreensão. Para isso, a compreensão deve combinar-se por um lado com processos de verificação (em relação aos riscos de erro e de incompreensão), por outro lado com processos de explicação:

*Enquanto compreender é captar as significações existenciais de uma situação ou de um fenômeno, explicar é situar um objeto ou um acontecimento em relação à sua origem ou modo de produção, às suas partes ou componentes constitutivas, à sua constituição, às suas utilidades, à sua finalidade; é situá-lo numa causalidade determinista e numa ordem corrente<sup>56</sup>.*

Há uma dialógica entre compreensão e explicação. Para Morin, a compreensão se refere aos aspectos do pensamento simbólico/mitológico/mágico: concreto, analógico, captações globais, predominância da conjunção, projeções/identificações, implicação do sujeito, pleno emprego da subjetividade. E a explicação está ligada às características do pensamento empírico/lógico/racional: abstrato, lógico, captações analíticas, predominância da disjunção, demonstrações, objetividade, dessubjetivização. Mesmo sendo necessária à compreensão, a explicação pode trai-la e gerar incompreensão, porque seus princípios da objetivação, determinação e racionalidade estão sujeitos às cristalizações e erros da racionalização, quando se julga que tudo é explicado ou explicável por uma visão de mundo ou uma teoria.

Além da dialogia entre o pensamento *mito-lógico*, que abarca a recursividade dos processos de explicação e compreensão, *viver é conhecer*, segundo o biólogo Henri Atlan. Essa concepção

---

<sup>55</sup> MORIN, 2002, p. 55.

<sup>56</sup> MORIN, 1996, p. 140.

baseia-se na premissa de Humberto Maturana de que os sistemas vivos são sistemas cognitivos, independentemente da existência de um sistema nervoso nos organismos. Ainda de acordo com Atlan, as propriedades de conhecimento, de consciência e de compreensão emergiram das organizações celulares. Não são atribuídos, porém, às células isoladas, mas emergem a partir de interações entre as células, sobretudo os neurônios que podem se *auto-organizar e apresentar propriedades cognitivas, mesmo que nenhum destes neurônios conheça, nem compreenda o que quer que seja*<sup>57</sup>.

Nem no âmbito individual nem no âmbito social um termo pode ser reduzido ao outro. Considerando a comunicação social, também não devemos confundir comunicação e compreensão. *A comunicação, lembra Morin, é comunicação de informação às pessoas ou grupos que podem entender o que significa a informação.* Mas a compreensão é um fenômeno que mobiliza poderes subjetivos para considerar o outro também como sujeito. Multiplicamos as formas de comunicação no planeta e não conseguimos compreender próximos e distantes<sup>58</sup>.

Tendo por base as concepções de Morin, Maturana e Atlan, considero que, apesar de terem nascido no mesmo berço, conhecer não é compreender. Conhecer é tratar informações; compreender é assumir para si e incorporar o conhecimento. Também suponho que os processos comunicativos em nossa sociedade têm distanciado cada vez mais a comunicação da compreensão. Para avançar, necessito, antes de mais nada, estabelecer alguns parâmetros do que entendo por vida, conhecimento e comunicação.

## O que é vida?

Esta é uma longa discussão. Todas as ciências e a filosofia elaboram inúmeras versões de explicação sobre a vida, sem necessariamente nos proporcionar uma compreensão inteligível. Mesmo a física e a biologia não chegaram a uma definição consensual.

As reflexões do físico Erwin Schrödinger, por ocasião de suas palestras proferidas em 1943<sup>59</sup>, foram um grande avanço nessas especulações. Suas idéias, publicadas no livro *O que é*

---

<sup>57</sup> ATLAN, 2003, p. 256.

<sup>58</sup> MORIN, 2002, p. 42-43.

<sup>59</sup> Palestras proferidas sob os auspícios do Dublin Institut for Advanced Studies do Trinity College, Dublin, fevereiro de 1943.

vida? *O aspecto físico da célula viva*<sup>60</sup>, concentraram-se em dois temas da biologia: a natureza da hereditariedade e a termodinâmica dos seres vivos, e ainda são motivo de pesquisas e debates entre os cientistas contemporâneos. Tanto que Michael P. Murphy e Luke A. J. O'Neill organizaram, em 1995, a obra *O que é vida? 50 anos depois – especulações sobre o futuro da biologia*<sup>61</sup>.

Segundo Stuart A. Kauffman, um dos articulistas do segundo livro, Schrödinger, de forma profética, adivinhou corretamente *que a vida atual está baseada na estrutura de grandes sólidos aperiódicos*. Mas, mesmo sendo muito o que o físico previu, ele não considerou *os comportamentos auto-organizados de sistemas termodinâmicos abertos*, como os seres vivos<sup>62</sup>.

As descobertas de Schrödinger continuam a inspirar novas maneiras de pensar que tentam compreender o fenômeno da vida. E nos levam também a reconhecer o inacabamento da ciência, do conhecimento e da própria vida.

Ocorre que, com os avanços da biologia e da medicina experimentais, o conceito de vida torna-se cada vez menos explicativo, considera Henri Atlan, *ao passo que os fenômenos biológicos eram explicados quimicamente, ainda que paralelamente e por meio de novos conceitos acrescentados, tais como os de homeostasia, de meio interior, de secreções internas, etc.*<sup>63</sup>. Também para Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *o ser vivo não está por toda a parte igualmente vivo. Dizer que funciona longe do equilíbrio é, no mínimo, insuficiente*<sup>64</sup>.

A versatilidade das noções e as reduções construídas pela ciência foram enfocadas por Edgar Morin em suas obras. No *Método II – A vida da vida*, Morin afirma que a vida se apresenta *sob caracteres tão diversos que nenhuma definição consegue abarcá-los e articulá-los em conjunto*. Por isso, temos que considerá-la em sua complexidade, respeitando *os seus caracteres versáteis, multidimensionais, metamórficos, incertos, ambíguos e até contraditórios*<sup>65</sup>.

Assim, poderíamos dizer que *a complexidade viva é a diversidade organizada*<sup>66</sup>. Esta assertiva pode não satisfazer ao pensamento simplificador, que tende a dissolver a vida e julgá-la por uma de suas partes ou dimensões, mas incita ao pensamento complexo como um desafio e uma brecha. Esta brecha pode nos levar, por exemplo, a compreender a vida também pelo seu contrário:

---

<sup>60</sup> SCHRÖDINGER, 1997.

<sup>61</sup> MURPHY; O'NEILL (Org.), 1997.

<sup>62</sup> Ibid., p. 133, 134.

<sup>63</sup> ATLAN, 2000, p. 40.

<sup>64</sup> PRIGOGINE; STENGERS, 1997, p. 143.

<sup>65</sup> MORIN, 1999, p. 325, 326.

<sup>66</sup> Idem, *ibid.*, p. 335.

a morte. Noções opostas, mas igualmente complementares, vida e morte são condições indissociáveis: vivemos de morte e morremos de vida.

A mesma brecha pode nos levar a reconhecer, por outro lado, que existe uma unidade substancial entre seres vivos e não-vivos. Ao contrário do que se concebia antigamente, as fronteiras entre vivo e não-vivo tendem a se apagar, segundo Atlan. Para ele, *um conjunto de moléculas pode, em certas condições, se auto-organizar e apresentar propriedades dos seres vivos mesmo que nenhuma das moléculas que o constituem seja viva*<sup>67</sup>. É o que consubstancia o fenômeno da emergência.

Em outras palavras, um ser vivo é constituído pela deriva e bifurcação de outros não-vivos. É fundamental enfatizar a presença do outro na concepção da vida porque esse é um elemento que vai configurar, desde sempre, mais um paradoxo que integra a vida e o humano: a oposição complementar da alteridade com relação à identidade.

Reunindo esses argumentos, podemos sintetizar, para avançar nos desdobramentos desta viagem, que a vida é diversidade auto-eco-organizada; contrária e dependente da morte; uma unidade complexa, que não pode ser reduzida à utilidade, à adaptação e a quaisquer de suas características, surgida a partir da emergência de interações entre elementos não-vivos.

Assim como os conceitos elaborados sobre a vida, a própria vida *não pára*, como dizem os poetas Lenine e Dudu Falcão na música *Paciência*, mesmo sendo *a vida tão rara*:

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
A vida não pára  
Enquanto o tempo acelera e pede pressa  
Eu me recuso faço hora vou na valsa  
A vida é tão rara*

*Enquanto todo mundo espera a cura do mal  
E a loucura finge que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
O mundo vai girando cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência*

*Será que é o tempo que lhe falta pra perceber  
Será que temos esse tempo pra perder  
E quem quer saber  
A vida é tão rara (Tão rara).*

---

<sup>67</sup> ATLAN, 2003, p. 255.

## O que é conhecer?

De forma semelhante ao que acontece em relação às definições sobre a vida, as teorias e os métodos tentam dar conta do universo polimorfo do conhecimento. Cada um deles, teorias e métodos, representa avanços ou retrocessos, de acordo com a época e a sociedade nas quais é empregado.

Como num quebra-cabeças, cada contribuição de cada pensador sobre o processo do conhecimento aproxima-nos um pouco mais de sua forma e de seu desenho, mas ainda estamos longe de visualizar as peças encaixadas como um todo acabado. Principalmente se levarmos em conta a instigante hipótese de que há uma relação indissociável entre vida e conhecimento, ou seja, viver é conhecer. Entendendo de forma inseparável a vida e a cognição, superamos a divisão cartesiana entre mente e matéria. A mente não é mais um elemento isolado, mas o próprio processo da vida. O processo de conhecer é, então, muito mais amplo do que a concepção de pensar. Até os organismos mais simples são capazes de percepção e, portanto, de cognição.

Se a vida não pára, o conhecimento também não. Se viver é conhecer, o conhecimento humano, portanto, é um fenômeno multidimensional e multirrelacional que necessita da conjunção de inúmeros processos inseparáveis. É produto, ao mesmo tempo, de fenômenos físicos, biológicos, cerebrais, mentais, psicológicos, culturais e sociais. No entanto, mesmo que possa ser partilhada, a experiência do conhecimento é intransferível. *O processo cognoscente é na sua essência egocêntrico: o sujeito conhece por si, para si*<sup>68</sup>.

Reconheço que o avanço na produção do conhecimento está ligado a condições e possibilidades tanto individuais quanto coletivas. E há diversos obstáculos no caminho do conhecimento – o erro, a ilusão, os tabus, os limites etc... – contra os quais temos que encontrar os desvios e brechas possibilitados pela própria caminhada.

Nesse percurso, às vezes também confundimos o crescente acesso às informações no mundo contemporâneo como, obrigatoriamente, o aumento do nosso conhecimento. Essa é uma das falácias dos tempos modernos. Não basta ter acesso às informações. É preciso tratar, computar, processar, mastigar as informações para transformá-las em conhecimento. Nas palavras de Conceição Almeida,

---

<sup>68</sup> ALMEIDA, 2003a, p. 43, 44.

*Só se processa conhecimento pela absorção e transformação das informações acolhidas pelo sistema cognitivo que supõe o indivíduo em sua corporeidade e vivendo em sociedade. O conhecimento é um permanente engolir, ruminar, selecionar o que faz sentido e vomitar o que degenera os modelos internos de compreensão das coisas*<sup>69</sup>.

O conhecimento é, como sugere Morin, *ao mesmo tempo atividade (cognição) e produto dessa atividade*<sup>70</sup>. A partir do tratamento de sinais/signos/símbolos, o aparelho cognitivo humano traduz as representações, os discursos, as idéias, as teorias. Ou seja, o conhecimento humano é uma recriação, de dados exteriores e interiores, *construída cerebral e espiritualmente*<sup>71</sup>.

Considerando que conhecer é recriar, temos que aceitar o paradoxo, o inacabamento e a incerteza que parasitam todo conhecimento. Assim como na vida, se há aí um desafio, há também uma brecha. Por ser inacabado e incerto, o conhecimento possibilita conjugar reconhecimento e descoberta.

Essa conjugação requer outros dois movimentos, antagônicos e complementares. De um lado, a necessidade que tem cada ser humano de abastecer-se de grãos cognitivos para o futuro, como a formiga da fábula de Esopo. De outro, o impulso de cantar, compartilhar o seu conhecimento, comunicá-lo, como a cigarra.

Essas considerações eu já desenvolvi, de certa forma, na dissertação de mestrado. Revisitando-as, agora, as reencontro com um novo frescor, o que me leva à necessidade de resgatar outras dimensões do conhecimento. Um resgate, por exemplo, de suas raízes perceptivas e imanentes, como faz Michel Serres:

*...não existe nada no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro, cujas metamorfoses gestuais, posturas móveis e a própria evolução imitam tudo aquilo que o rodeia. Nosso saber origina-se do saber de outros que o aprenderam a partir do nosso. Ao ensinar, lembrar e expor esse saber, nós o aumentamos em ciclos indefinidos de crescimento positivo que, por vezes, ficam bloqueados pela estupidez da obediência*<sup>72</sup>.

Não podemos desprezar a inteligência do corpo porque o complexo psico-sócio-físico de cada humano está em contínua interação. Cada complexo psico-sócio-físico, por sua vez, se acopla a outros, criando vários níveis de redes sócio-motoras interconectadas, como se fossem um tipo de epiderme.

---

<sup>69</sup> Idem, p. 44.

<sup>70</sup> MORIN, 1996, p. 191.

<sup>71</sup> Id., *ibid.*, p. 196.

<sup>72</sup> Apud KNOBBE, 2004, p. 132.

A chave para entender esse processo se chama autopercepção, que se manifesta apenas nos animais superiores e de maneira plena no ser humano. A autopercepção é a faculdade especial que permite saber que sabemos. É também o que chamamos de consciência. De acordo com Maturana, *só podemos entender a consciência humana por meio da linguagem e de todo o contexto social no qual ela está encaixada. Como sua raiz latina – com-scire (conhecer juntos) – poderia indicar, consciência é essencialmente um fenômeno social*<sup>73</sup>.

E a consciência, para o poeta Paul Valéry, é antes de tudo carnal: *o mais profundo é a pele*. Porém, nos esforçamos para, em nome da racionalidade, usar um intelecto descarnado inclusive no acionamento dos sentidos:

*A maioria das pessoas vê com o intelecto muito mais freqüentemente do que com os olhos. Em vez de espaços coloridos, elas tomam conhecimento de conceitos. Uma forma cúbica, esbranquiçada, vista em altura, e vazada de reflexos de vidro, é, para elas, imediatamente uma casa: a Casa! Idéia complexa, acorde de qualidades abstratas. Se elas se deslocam, o movimento das fileiras de janelas e a translação das superfícies que desfigura continuamente as suas sensações lhes escapam pois o conceito não muda*<sup>74</sup>.

Entre sensações e conceitos, o conhecimento também diz respeito à capacidade de entrar nesse mundo compartilhado de significados e deparar-se com as questões inerentes à comunicação, porque ser humano é existir na linguagem e num domínio semântico. Criamos um mundo junto com os outros, na medida em que sabemos como sabemos e criamos a nós mesmos. Como diz Boris Cyrulnik, cada um de nós é um corpo que produz um mundo virtual, habitando-o. *E o simples fato de o homem habitar num mundo semantizado provoca, constantemente, contra-sensos*<sup>75</sup>.

O próprio conhecimento se dá pela comunicação. A partir da rede nervosa e dos terminais sensoriais, revisitamos nossas visões de mundo, re-criando-o em forma de representações, noções, idéias e teorias. Enquanto vivemos, vamos armazenando no cérebro uma série de conceitos, sob a forma de registros inativos. Esses registros são reativados a partir de estímulos visuais, táteis, sonoros, lingüísticos etc., recriando sensações e ações associadas. Por exemplo, a imagem de uma xícara de café *evoca ao mesmo tempo representações visuais ou táteis de sua forma, cor, textura e*

---

<sup>73</sup> CAPRA, 1996, p. 227.

<sup>74</sup> VALÉRY apud BOSI, 1998.

<sup>75</sup> CYRULNIK, s/d-a, p. 25.

*temperatura, o odor e o gosto do café, assim como a trajetória da mão e do braço quando levam o café à boca*<sup>76</sup>.

Por outro lado, mesmo que os mecanismos do conhecimento sejam idênticos em todos os humanos, o contexto social influencia a forma como os pensamentos são expressos. Para alguns pesquisadores das ciências cognitivas, ações e julgamentos que trazem a marca de uma cultura são fruto de conteúdos mentais distintos.

Dessa forma, a reflexão analítica é um legado dos gregos ao pensamento ocidental. Portanto, é um dado histórico. Nas sociedades orientais, ao contrário, é freqüente brincar e pensar através de paradoxos. São lógicas diferentes. Enquanto os ocidentais normalmente se sentem incomodados com uma contradição, tentando resolvê-la, os orientais até tendem a buscá-las, considerando cada idéia ou objeto e seu contrário.

Nem sempre os hemisférios Oriental e Ocidental se distanciam. Até a Idade Média, nos primeiros balbucios da ciência moderna, havia uma unidade de inspiração referente ao conhecimento praticado tanto nas regiões onde nasce o sol quanto naquelas nas quais ele se põe<sup>77</sup>.

Na ciência contemporânea, os precursores da física quântica, embora ocidentais, tiveram que se render à lógica da contradição quando se depararam com a complementaridade dos contrários: a existência simultânea de partículas e ondas, dois conceitos mutuamente excludentes, mas ambos necessários para descrever os processos atômicos. Nas palavras de Werner Heisenberg: *quando se trata de enveredar por novos territórios, a própria estrutura do pensamento (e não apenas seu conteúdo) pode ter que se alterar, para que seja possível compreender o novo*<sup>78</sup>. Ou, como o também físico Niels Bohr freqüentemente repetia: *o oposto de uma afirmação correta é uma afirmação falsa. Mas o oposto de uma verdade profunda pode muito bem ser outra verdade profunda*<sup>79</sup>.

Num outro patamar, Claude Lévi-Strauss afirma que tanto o pensamento selvagem (e não o pensamento *do* selvagem, como alguns querem classificar) quanto o pensamento domesticado (científico) operam a partir da mesma lógica:

*O pensamento selvagem é lógico no mesmo sentido e da mesma maneira que o nosso, mas da forma como somente o nosso é quando aplicado ao conhecimento de um*

---

<sup>76</sup> Revista Viver Mente & Cérebro, 2004, n. 143, p. 48.

<sup>77</sup> CARO, 1993, p.83.

<sup>78</sup> HEISENBERG, 1996, p. 87.

<sup>79</sup> Apud HEISENBERG, op. cit., p. 122.

*universo e, que reconhece simultaneamente propriedades físicas e propriedades semânticas*<sup>80</sup>.

Portanto, todos os humanos carregam potencial tanto para a reflexão analítica quanto para a lógica dos contrários. Pensar por uma ou por outra forma, ou ainda conjugar as duas é uma questão de exercício. Conhecer, então, é uma questão de vida ou de como viver a vida e comunicá-la.

Por outro lado, observa Boris Cyrulnik, *não é necessário compreender para se ser operacional: estou vivo, bem sei. Sou perfeitamente incapaz de dizer como faço para viver e, todavia, não deixo de viver*<sup>81</sup>... Também podemos ser perfeitamente incapazes de dizer como fazemos para conhecer e, todavia, não deixamos de conhecer...

Por isso, apesar de todo avanço das ciências, viver e conhecer são, e talvez sejam sempre, enigmas indecifráveis. Segundo Wolfgang Prinz, diretor do Instituto Max Planck de Ciências Cognitivas e Neurociências de Munique, *acumulamos um conhecimento cada vez mais detalhado sobre a relação entre processos cognitivos e funções cerebrais, mas há grandes deficiências na compreensão teórica dessa relação. Em resumo: sabemos muito, mas compreendemos pouco*<sup>82</sup>.

## O que é comunicar?

Comunicar é muito mais do que juntar palavras, imagens e informações. E não depende apenas do sujeito e das ferramentas que recolhem e transmitem as palavras, imagens e as informações. Em outras palavras, a comunicação não deve ser confundida nem com atos de comunicação, nem com os meios de comunicação, embora o mundo lá fora, o meio, esteja sempre incluído no organismo cognoscente e, portanto, em qualquer comunicação. Esse mundo lá fora copula com os mundos internos, através de agenciamentos diversos, biológicos, simbólicos e outros, desdobrando-se em mestiçagens de corpos, culturas, artificios, linguagens, significações, narrações...

A comunicação humana é uma possibilidade, inclusive de incomunicação. O que nos leva a uma questão que afeta a todas as culturas e gerações: como comunicar a incomunicabilidade? O

---

<sup>80</sup> LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 296.

<sup>81</sup> CYRULNIK, s/d-b, p. 66.

<sup>82</sup> Revista Viver Mente & Cérebro, 2005, n. 144, p. 76.

processo comunicativo me parece indefinido, apesar das teorias em circulação. Há fenômenos comunicacionais mais duradouros e há outros fugazes e instantâneos, difíceis de apreender.

Interfaciente e interfaciada, a comunicação, tanto verbal, escrita, não-verbal, cinestésica etc., só se estabelece com o entrelaçamento do sensível e do racional com o emocional. Por isso, seus fluxos são, ao mesmo tempo, de tradução e de traição. Há sempre a necessidade de reformulação da experiência de quem comunica e de quem é alvo da comunicação.

Cada ato de comunicação é uma bifurcação. É preciso respeitar as possibilidades de ruído, a pluralidade de efeitos que se associam no processo comunicacional. A construção deste texto, por exemplo, já me proporcionou inúmeros *insights* autopoéticos, no sentido de autoproduzir novos acontecimentos cognitivos. Resta exercitar os indissociáveis fluxos exopoéticos, que criam mundos de significações, e heteropoéticos, abertos a outros interlocutores. Porque a comunicabilidade depende do que as mensagens provocam nos outros. São os outros os parceiros que destravam o código do que é comunicado.

No caso das mídias de massa, há redundância e inutilidade de grande parte do processo comunicativo, com uma enxurrada de informações desnecessárias ou tautológicas. Não que os acontecimentos do mundo sejam previsíveis, mas os acontecimentos narrados pela mídia e a forma como são enfocados, geralmente, são totalmente previsíveis. Ora, para que a comunicação se processe, são necessários uma certa redundância e um repertório básico comum, mas se posso prever tudo o que uma pessoa vai me dizer, não há possibilidade de intercâmbio.

A comunicação não é nivelamento, não é eliminação de diferenças. Ao contrário, nos interessamos pela comunicação quando ela nos permite encontrar diferenças. Porém, a maioria dos comunicólogos profissionais adota uma atitude ilhada, praticando velhas fórmulas, enquanto grandes mudanças acontecem no mundo. Décio Pignatari, em seu livro *Informação, linguagem, comunicação*, diz ter a impressão de que os especialistas em comunicação *procuram controlar o fenômeno a distância, sem se deixarem contaminar por ele*<sup>83</sup>.

As teorias também não dão conta desses processos de contágio porque se baseiam num modelo mecânico, tratando a comunicação como mero trânsito de informação. As intersubjetividades, as cargas culturais e outros aspectos do fenômeno comunicacional são tratados como ruídos que devem ser eliminados para não atrapalhar o fluxo da informação.

---

<sup>83</sup> PIGNATARI, 2003, p. 117.

Nascidas a partir dos estudos cibernéticos de Norbert Wiener<sup>84</sup> e Claude Shannon, as teorias da informação ainda em voga transplantam, a frio, os padrões das máquinas para os processos humanos. Excluindo, muitas vezes, a natureza simbólica dos contatos sociais, essas teorias pretendem que *a verdade passe a funcionar a céu aberto*, argumenta Lucien Sfez: *se triunfassem, suscitariam a loucura universal, já que temos necessidade da sombra, de implícito, daquilo que dá à mentira um lugar, o mesmo lugar do desejo*<sup>85</sup>.

As descobertas de Wiener e Shannon foram um grande avanço para as ciências nos idos de 1940. Porém, no lugar de servirem para abrir novos caminhos de pesquisa para a própria comunicação, suas constatações sofreram reduções e enrijeceram-se em dogmas. O estabelecimento dessas *verdades* científicas não considerou que problemas verdadeiramente humanos sempre serão estrangeiros à inteligência das máquinas e à cristalização de dogmas.

Os estudos sobre os processos de comunicação são, em uma palavra, *tautológicos*. Só levam em conta, segundo Sfez, *o mero vaivém de um diálogo sem personagem*<sup>86</sup>.

Para pensar a comunicação, alerta Fritjof Capra, devem ser incluídas todas as *qualidades humanas genuínas, tais como sabedoria, compaixão, respeito, compreensão e amor. Decisões e comunicações que exigem essas qualidades desumanizarão nossas vidas se forem feitas por computadores*<sup>87</sup>. Penso que, além dessas qualidades, devem ser consideradas as características contrárias, tão humanas quanto aquelas citadas por Capra: ignorância, desprezo, desrespeito, incompreensão e ódio. Só assim o estudo da comunicação nos conduzirá no caminho do complexo. Na análise de Lucien Sfez, essa foi a contribuição de Habermas, para quem *a comunicação não é maquinal, mas compreensiva e emerge no momento de rupturas*<sup>88</sup>.

As teorias também não dão conta dos atos de comunicação efetivados por seres humanos em meios ditos virtuais, através dos computadores. Me refiro aos fenômenos comunicacionais fugazes e instantâneos, difíceis de apreender. No jargão da internet, costuma-se chamá-los de bolhas. São normalmente criados por pessoas que formam uma massa virtual, incerta e irregular. Poderíamos dizer até, num certo sentido, que essas massas são descompromissadas com a sua própria existência e manutenção. Aparentemente consolidados, podem desfazer-se no ar como nasceram: sem explicação.

---

<sup>84</sup> WIENER, 1993.

<sup>85</sup> SFEZ, 1994, p. 120.

<sup>86</sup> Idem, p. 102.

<sup>87</sup> CAPRA, 1996, p. 68.

<sup>88</sup> SFEZ, op. cit., p. 111.

Esses indícios reforçam a idéia da necessidade de discutir as teorias da comunicação, tentando compreender os sujeitos que se comunicam, porquê e como se comunicam. Uma ruptura epistemológica que requer reunir sentidos e visões de mundo, além das práticas sociais e culturais, atentando para as novas condições de participação e pertencimento. Há muitas realidades invisíveis à atual percepção científica. Temos, talvez como Spinoza<sup>89</sup>, também que polir as lentes embaçadas dos nossos instrumentos de pesquisa.

Creio, no entanto, que não é preciso criar uma nova ciência – a comunicologia –, como sugerem Gustavo de Castro e Florence Dravet no prefácio do livro *Sob o céu da cultura* que ambos organizaram. Mas concordo com a observação que fazem, citando Morin, de que *hoje temos informações demais e compreensão de menos*<sup>90</sup>.

Também não subestimo o poder das ferramentas utilizadas na comunicação e sua influência no desenvolvimento das habilidades, dos hábitos inconscientes e nas modificações do próprio corpo humano. As configurações naturais e culturais sempre foram capazes disso. Sabemos, por exemplo, que *ao se tornar bípede e com as mãos livres para tatear as coisas do mundo, o homem foi moldando seu cérebro, além da boca, língua e laringe, fazendo surgir o sexto sentido da fala*<sup>91</sup>. Portanto, por que o cérebro e outras partes do corpo não estariam se modificando agora, com o uso mais freqüente dos computadores e dos espaços virtuais?

Essa constatação levanta outra questão de fundo: será que é desejável substituir o conteúdo pelo frasco que o contém?

Embora a nossa civilização valorize as substituições e o que é descartável, creio que

*quando os padrões de nossas comunicações se amesquinham e empobrecem, trocamos o fluxo da vida pelo autismo do verbo e pela evidência das imagens, tornamos pedras. E, como sabemos, qualquer substituição é regressão de complexidade. O ganho acontece pela aquisição e manuseio da diversidade e não na negação de propriedades inerentes à condição humana. Toda substituição, toda unificação e homogeneização empobrecem o diálogo e a compreensão na comunicação, que é a essência da cultura e da condição humana*<sup>92</sup>.

---

<sup>89</sup> O filósofo Baruch Spinoza (1632 – 1677) provia suas necessidades materiais preparando lentes óticas para microscópios e telescópios.

<sup>90</sup> CASTRO; DRAVET, 2004, p. 13.

<sup>91</sup> KNOBBE, 2004, p. 132.

<sup>92</sup> Id., *ibid.*, p. 135.

## Suicídio social X humanismo planetário

Viver e conhecer os argumentos discutidos aqui me fazem experimentar um plissê de correspondências que nem sempre se correspondem: entre fala e silêncio; entre comunicação e solidão; entre compreensão e incompreensão; entre os sentidos e a razão; entre a lógica e a imaginação. O espanto me acompanha. Quanto mais a porta da verdade se abre aos meus pobres neurônios, aos meus adormecidos sentidos e à minha insuficiente experiência, mais me percebo incomunicável e sedenta por mais conhecimento, mesmo que seja por mais uma meia verdade.

Espanto-me ainda mais quando constato que comunicar em prosa o que os poetas sintetizam em versos é tornar incomunicáveis idéias já tão competentemente expostas. Por isso, recorro a Carlos Drummond de Andrade para explicar o que me causa angústia, por um lado, e mais gana de saber, por outro:

*A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em metades  
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia<sup>93</sup>.*

Sem pretender atingir toda a verdade, saio da bolha comunicacional da internet, mimetizo-me no pretume molar dos antigos ajuntamentos de gente, hoje em extinção, e me transporto para dentro das desprezadas massas coloridas e moleculares de Peter Sloterdijk. A massa somos todos

---

<sup>93</sup> DRUMMOND, 1985.

nós, analfabetos e intelectuais, ricos e pobres, homens e mulheres que pactuam com o permutável e com a indiferença. Falta-nos, como sugere Emile Cioran, *exercícios de admiração*<sup>94</sup>.

Quantas vezes nos escondemos sob o espectro do coletivo para justificar um certo desespero embaçado pelo desprezo a nós mesmos? Somos incapazes do esforço para admirar em um dos nossos pares, principalmente no âmbito profissional e intelectual, valores, talentos e obras *que nós mesmos não somos capazes de produzir, mesmo que tivéssemos trinta e seis vidas*<sup>95</sup>.

Vivemos permanentemente estressados pelo excesso, pelas dificuldades de opção, em pânico por termos que tomar decisões. Na vida cotidiana, eu sou onde não penso. Seguindo a manada, o que elogia é puxa-saco; o que insulta é bacana.

Ao mesmo tempo, cultuamos celebridades vazias. Exilamos os sujeitos de suas obras e de suas idéias. E aderimos ao discurso da moda que prega a diversidade, desde que haja consenso do coletivo sobre qual diversidade podemos tolerar. Cada um opta conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia, mas responsabiliza a coletividade por suas opções.

Essa propalada diversidade é o tórumo da diferença e da compreensão. Seja qual for o grupo de referência, *ser massa significa diferenciar-se sem que se faça nenhuma diferença. Indiferença diferenciada é o mistério formal da massa e sua cultura, que organiza um centro total. Por essa razão, seu jargão não pode ser outro senão o de um individualismo afiado*<sup>96</sup>.

A massa compromete a todos no mesmo fracasso. Mata toda tentativa individual de fazer-melhor-do-que-os-outros. Segundo Sloterdijk, *nessas condições o reconhecimento não pode mais significar alta estima ou homenagem, mas baixa estima ou igual estima no espaço neutro, justa concessão de uma insignificância que não se contesta de ninguém*<sup>97</sup>.

A que triste fim estamos empurrando antigos ideais democráticos... ao parlamento das ficções, que antes a sociologia chamava de opinião pública. Não querendo participar das unanimidades, paradoxalmente, criamos o humano homogêneo, para suspeitar *contra tudo o que é criativo e livre*<sup>98</sup>.

Talvez vivamos num universo nietzschiano, como descreve Eduardo Portella:

*O sujeito hesitante, desmobilizado, demissionário, lança mão ainda do repertório de máscaras da vontade de poder — o alegre bal masqué da vida, circundado pela ciência onisciente e pela moral do ressentimento. Ninguém soube como ele (Nietzsche) conviver*

<sup>94</sup> Apud SLOTERDIJK, 2002, p.116.

<sup>95</sup> SLOTERDIJK, *ibid.*, p. 117.

<sup>96</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 107.

<sup>97</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>98</sup> LUHMANN apud SLOTERDIJK, 2002, p. 75.

*com a ironia disfarçada das mascaradas. Máscaras da vontade de poder, cortejo, desfile, inóspitos. No sentido mais profundo. As palavras de Nietzsche ressoam obstinadamente: Tudo o que é profundo ama a máscara*<sup>99</sup>.

O termo barbárie me parece aqui justificado. É o que George Steiner chama de um *mundo absolutamente chato*, no qual tudo se equivale e nada vale nada<sup>100</sup>. É o que mostra, com um humor fino e sutil, o romance *Como me tornei estúpido*, do antropólogo Martin Page, que constata: *A inteligência torna a pessoa infeliz, solitária, pobre, enquanto o disfarce de inteligente oferece a imortalidade efêmera*<sup>101</sup>.

Tentando salvar-se, Antoine, o protagonista da história, tenta renunciar ao pensamento criador porque *tinha poucos amigos, porque padecia dessa espécie de anti-sociabilidade que resulta da demasiada tolerância e compreensão*. Depois de tentativas mal-sucedidas para embriagar-se e suicidar-se, empreende uma jornada rumo à estupidez, argumentando que, na natureza, tudo o que vive muito e contente não é inteligente. Com os humanos, em nosso mundo, *tentar compreender é um suicídio social*<sup>102</sup>.

Bem antes de Page, outros escritores já se dedicaram ao tema, provando que a arte é sempre contemporânea e real, como afirma Dostoiévski. O próprio escritor russo publicou em 1868 a história *O idiota*, na qual o quixotesco príncipe Michkin, acometido de epilepsia, vai a fundo em todas as questões de que trata quando começa a falar, demonstrando uma profunda compaixão humanista por todos os indivíduos.

Akira Kurosawa adaptou a narrativa para o cinema em 1951<sup>104</sup>. No filme, Kenji Kameda, um ex-militar japonês que escapou da morte, passa a sofrer de *idiotice* – amor incondicional à vida e às pessoas. A doença o enreda numa tragédia. O problema maior de Kameda é a sua incapacidade de distinguir e optar pelo bem ou pelo mal. Enxergando no olhar do outro todo o sofrimento de sua humanidade, o idiota Kameda confunde amor com pena. A empatia incondicional acaba causando mais sofrimento. Assim, a compreensão extrema de Kameda se torna incompreensão, com o uso incoerente do livre arbítrio. No desenrolar das cenas, a maldade acaba assumindo uma valoração positiva porque permite o exercício da liberdade de escolha.

---

<sup>99</sup> PORTELLA, 2000.

<sup>100</sup> Apud MATTÉI, 2002, p. 259.

<sup>101</sup> PAGE, 2005, p. 7.

<sup>102</sup> Id, *ibid.*, p. 60.

<sup>104</sup> Filme *Hakushi, o idiota*.

Se, para Dostoievski e Kurosawa, a compreensão se refere à empatia que imobiliza a capacidade de julgamento, portanto, se consuma na doença da idiotia, para Page, a estupidez – renúncia à compreensão – promove uma falsa felicidade. A idiotia poderia ser chamada de hipercompreensão e a estupidez, de hipocompreensão. Idiotia e estupidez são como duas doenças que causam sérios prejuízos à saúde social. São contrários extremos que aniquilam – por excesso ou por falta – a verdadeira compreensão que exige novas emergências de idéias e atitudes.

Paradoxalmente, quem compreende é sempre visto como diferente – encarado como ridículo ou ameaçador – pela maioria das pessoas. Dostoievski, em seu tempo, foi chamado de gênio do mal. Segundo ele mesmo, o seu mal era a consciência. Por isso, pensar criativa e criticamente, muitas vezes, é não existir socialmente. As singularidades – trabalho de ousadia, de inovação; traços sem referências indispensáveis ao grupo – são deletadas. Só sobrevivem as particularidades – traços que pertencem ao todo. Ou seja, quem quiser, hoje, *delimitar os contornos do mundo moderno deve primeiro traçar as fronteiras de seus desertos interiores*. A barbárie não é meramente uma ameaça externa. *A barbárie pode se elevar em cultura assim como o deserto se irriga em jardim*<sup>105</sup>.

Para quem está satisfeito (ou acomodado) à esquizofrenia idiotice-estupidez e com a supremacia dos monólogos articulados, compreender pode ser mesmo um suicídio social. Mas, para quem concorda com Morin, de que é uma questão de sobrevivência assumir a condição humana, rumo a um humanismo planetário, construir uma ética da compreensão é inadiável.

Porém, compreensão é outra palavra polissêmica por natureza. Como reconhecer suas múltiplas faces? Começo por identificar o que alguns pensadores disseram a seu respeito.

## O que é compreender?

O filósofo-médico Álcmeon de Crotona (século V) afirma que o homem difere dos outros animais porque somente ele tem a capacidade de compreensão, enquanto as outras criaturas têm apenas sensações. Para o escoliasta Virgílio, cansamo-nos de tudo, exceto de compreender. Mas, na verdade, mesmo que não compreendamos nada, pontifica o poeta Fernando Pessoa:

*A ânsia de compreender, que para tantas almas nobres substitui a de agir, pertence à esfera da sensibilidade. Substituir a inteligência à energia, quebrar o elo entre a vontade e a emoção, despindo de interesse todos os gestos da vida material, eis o que,*

---

<sup>105</sup> MATTÉI, op. cit., p. 331, 337.

*conseguido, vale mais que a vida, tão difícil de possuir completa, e tão triste de possuir parcial*<sup>106</sup>.

A compreensão pertence à esfera da sensibilidade e da ação porque o pensamento também cansa, de acordo com o poeta. Tentar compreender algo apenas pelo viés da razão conduz a um estado de inércia, à indiferença. Por outro lado, não cansamos de tentar compreender porque é dessa forma que, ao esgotarmos os próprios pensamentos, temos necessidade de sentir o influxo das opiniões alheias, mesmo que não sigamos o seu impulso.

Por sua vez, Diógenes, filósofo cínico (404-323 a. C.), ao tratar dos sentidos, destaca o sensor do paladar – a língua, como um meio privilegiado para obter informações (sintomas) e compreender o prazer e a dor, a saúde e a doença. Há também quem afirme que uma das manifestações táteis, o arrepio, sinaliza a conquista da compreensão. O eriçamento da pele significaria, assim, a informação de que a ação pretendida ou realizada, a sensação, percepção ou entendimento alcançados são confiáveis e merecem validação.

Os sentidos, até hoje, são utilizados para compreender, por exemplo, o vinho. Na técnica da degustação dos *sommeliers*, usa-se o termo compreender como resultado dos exames visual, olfativo e gustativo, sem dispensar a tutilidade e a audição do líquido escorrendo na taça. Infinitas combinações emergem desse processo, assim descrito por Enrico Bernardo:

*A degustação me abriu as portas do prazer e da análise científica. Após anos de aprendizagem, sempre em busca do saber mais exato, misturando profundamente a volúpia da degustação à experiência, descobri quanto uma garrafa pode ser a síntese de um perfeito equilíbrio entre a natureza, a mão do homem, as tecnologias e a história vinícola. A degustação não é outra coisa senão a expressão desse conhecimento criador de harmonia*<sup>107</sup>.

Ou seja, a compreensão é um conhecimento criador de harmonia, situado às portas do prazer e da análise científica.

A história da palavra compreensão é longa e polifônica. Hans-Georg Gadamer atribui ao termo alemão *Verstehen* o significado original de compreender<sup>108</sup>. *Verstehen*, no sentido jurídico, quer dizer representar uma causa perante um tribunal; causa essa que necessita ser compreendida, ou dominada, até o ponto em que se possa fazer frente a toda possível objeção da parte contrária.

---

<sup>106</sup> PESSOA, 1996, p. 243.

<sup>107</sup> BERNARDO, 2006, p. 20.

<sup>108</sup> GADAMER, 1998, p. 394, nota 174.

A compreensão, assim, é encarada como auto-sócio-conhecimento e pressupõe a partilha do sentimento de verdade. A linguagem é o meio no qual se realiza o acordo dos interlocutores para o entendimento da causa.

Martin Heidegger, ainda segundo Gadamer, utiliza o termo compreender como tomar posição a favor de...: *Nesse sentido, vale para todos os casos que aquele que compreende se compreende, projeta a si mesmo rumo a possibilidades de si mesmo*<sup>109</sup>. Hermann Hesse parece concordar com essa assertiva quando diz: *Ninguém pode ver nem compreender nos outros o que ele próprio não tiver vivido*<sup>110</sup>. Nessa concepção, há congruência de padrões de experiência; há acoplamento.

A concepção jurídica, contudo, não encontra eco em outros autores. André Malraux, por exemplo, afirma: *Se compreendêssemos nunca mais poderíamos julgar*. Isso porque participamos juntos de um mesmo sentido. Já Baruch Spinoza, praticamente higieniza o que quer que seja compreender das emoções: *Não rir, nem lamentar-se, nem odiar, mas compreender*<sup>111</sup>. E Jean Piaget atribui à compreensão o segundo estágio do conhecimento, que ocorre quando o indivíduo se apropria da informação para, em seguida, engajar-se num comprometimento<sup>112</sup>.

Na sociologia, Max Weber desenvolveu o método compreensivo para interpretar a ação social. Tomando a compreensão como sinônimo de interpretação, Weber sugere que compreender é captar o sentido e sentido é o que se compreende. Porém, o recurso à compreensão deve dar-se com um distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto e nunca através de uma identificação.

O objetivo principal da sociologia de Weber é a captação de sentido da ação humana porque, segundo ele, chegamos a conhecer um fenômeno social quando passamos a compreendê-lo como fato carregado de sentido. E é esse sentido que dá à ação concreta o seu caráter: político, econômico ou religioso. Portanto, o sociólogo deve ter como meta compreender esse processo, desvendando os nexos e as causas que fornecem sentido à ação social em um determinado contexto.

Gadamer, ao contrário, anti-dogmaticamente, em sua hermenêutica filosófica não busca as causas, mas a história efetual do que se quer compreender. Entende a compreensão como um

---

<sup>109</sup> Id., *ibid.*, p. 394.

<sup>110</sup> In: [www.citador.pt](http://www.citador.pt)

<sup>111</sup> *Idem.*

<sup>112</sup> PIAGET, 1977.

processo ativo, de confronto e resposta, mediatizado através de uma estrutura complexa. Portanto, para ele não basta encarar o compreender como um método – como faz Weber. Muito mais que isso, na concepção de Gadamer, o compreender é o modo pelo qual temos acesso à realidade social. E – concordando com Piaget – a compreensão da realidade social exige comprometimento.

Dessa forma, o funcionamento último de toda compreensão terá que ser sempre um ato adivinhatório de congenialidade, cuja possibilidade repousará sobre a vinculação prévia de todas as individualidades. Em última instância, compreender é re-criar e com-prometer-se. Portanto, pressupõe o sujeito criador plenamente inserido em sua condição *unitas multiplex*<sup>113</sup>.

Essa recriação, de acordo com Humberto Maturana, sempre está condicionada ao padrão de cada sujeito. É do seu próprio lugar de observador, com seus determinismos e contingências, que cada um pode chegar a uma compreensão ou *objetivação entre parênteses*. Essas contingências não são apenas individuais; são também culturais. Um exemplo: o cineasta espanhol Carlos Saura<sup>114</sup> conta que, na época da ditadura franquista em seu país, ia assistir na França aos filmes – proibidos na Espanha – de seu compatriota Luis Buñuel. Em uma dessas vezes, na exibição de *Él*<sup>115</sup>, apenas Saura e mais uns dois ou três espectadores riram durante a sessão. Ao final, Saura percebeu que aqueles que manifestaram ter *compreendido o humor de Buñuel eram todos espanhóis*. Os franceses, por sua vez, experimentaram, segundo Saura, uma compreensão pela via do silêncio e da seriedade em respeito ao cineasta que admiravam.

Mesmo que os padrões de cada sujeito fujam da repetição em direção a bifurcações, variâncias, conforme aposta Ilya Prigogine, a compreensão, ainda assim, será entre parênteses porque diz respeito àquele sujeito. Como afirma um antigo adágio, um leopardo nunca pode mudar as suas pintas...

Apesar do meu universo de pertencimentos, acredito que a compreensão é um desafio que minha mente pode e deve ultrapassar em algumas questões pontuais, através de um diálogo constante com as próprias mutações que consigo identificar em meus padrões de pensamento. Isso significa não estar à procura de soluções, mas de interrogações, principalmente dado que não há solução definitiva se encaramos o pensamento como um sistema aberto.

---

<sup>113</sup> Como Morin designa a unidade genérica, unidade complexa ou unidade múltipla humana e a tríade complexa indivíduo-sociedade-espécie. Unidade que gera a multiplicidade que regenera novamente a unidade.

<sup>114</sup> Em entrevista ao canal de TV Globonews, em janeiro de 2006.

<sup>115</sup> Produzido em 1952, o filme é um estudo do comportamento paranóico de uma pessoa neurótica e autoritária. Consta que Jacques Lacan teria confessado haver utilizado as situações vividas pelo personagem em suas aulas de psiquiatria (In: [www.luisbunuel.org](http://www.luisbunuel.org)).

Talvez seja o que Heidegger chama de *aletheia*, entendida como desvelamento, diferentemente da verdade do pensamento, que traduz como certeza. Em suas próprias palavras: *A aletheia é o impensado digno de ser pensado, é o objeto por excelência do pensamento*<sup>116</sup>. Nesse sentido, a compreensão pode ser a própria memória do ser que compreende, porque carrega toda a história dos avanços e retrocessos do seu aprendizado, do seu conhecimento, num movimento recursivo.

Ou, como quer David Bohm, a compreensão é parte de um fluxo universal de onde podem ser abstraídos inúmeros padrões. Quando diferentes fatores se ajustam e se relacionam como aspectos de uma totalidade, acontece um *lampejo de compreensão*, proporcionado por *atos de percepção*<sup>117</sup>. É o que acontece tanto nos *insights* científicos como nos artísticos. Num *lampejo de compreensão*, por exemplo, Newton elaborou a teoria da gravitação universal: *assim como a maçã cai, o mesmo acontece com a lua e, de fato, com todas as coisas*<sup>118</sup>. Em outras palavras: compreender é *descobrir o imensurável*<sup>119</sup> *através do impensado digno de ser pensado*. Disso se compreende que toda compreensão é fugaz.

A compreensão pode também ser vista como uma bissociação, segundo termo utilizado por Arthur Koestler para designar o ato de criação. Essa bissociação, Koestler localiza no humor, nas ciências e nas artes, e diz respeito à produção de novos *insights*, além do contrabando de idéias e sentidos, como no processo metafórico<sup>120</sup>.

E é a metáfora, para Keith Swanwich, que permite melhor compreender. Para ela, a *metaphorá* – que significa transporte de um lugar para outro – é um fenômeno dinâmico configurado pela interseção de dois ou mais domínios, que nos permite ver as coisas diferentemente, para pensar novas coisas. Swanwich não se refere apenas à metáfora lingüística. A autora defende a tese de que a metáfora é um processo genérico fundamental, inclusive *quando a música informa a vida do sentimento*. Em seu livro *Ensinando música, musicalmente*, ela identifica a metáfora com a música, como *um elemento de novidade que surge das relações potencialmente dissonantes*<sup>121</sup>.

Essa novidade, diz o neurocientista Itzhak Fried, responde à capacidade mental do humano em direção a outra perspectiva. Fried localiza no humor a viagem exploratória e criativa da

---

<sup>116</sup> Apud STEIN, 2001, p. 57.

<sup>117</sup> BOHM, 1992, p. 34.

<sup>118</sup> Idem, p. 44.

<sup>119</sup> Idem, p. 49.

<sup>120</sup> Apud SWANWICH, 2003.

<sup>121</sup> SWANWICH, 2003, p. 25.

compreensão. Segundo a teoria da incongruência, o humor se baseia na percepção de uma incoerência, de um paradoxo, frente ao qual o cérebro abandona todas as expectativas e passa a perseguir novas idéias. Ocorre, então, uma mudança de perspectiva. Passando de uma solução logicamente antecipada a um cenário desconcertante, rimos porque descobrimos que esse novo não é ruim nem uma ameaça<sup>122</sup>.

O riso liberta o pensamento lógico. Ele nos desarma, inclusive no sentido biológico, porque rompe a reação de lutar ou fugir (herança animal impressa em nosso cérebro triúnico<sup>123</sup>), que situações ameaçadoras deflagram, fazendo cair o nível de adrenalina e reduzindo a tensão. Num sentido contrário, a angústia é a compreensão do nada<sup>124</sup>.

A metáfora e o riso são brechas abertas – ou quebras de padrões – na lógica dedutivo-identitária, que possibilitam a compreensão. Ou seja, compreender é transgredir. Da mesma forma que, para a escritora Lya Luft, *refletir é transgredir a ordem do superficial*. Ainda segundo ela, *amadurecer serve para isso: o novo olhar, na lucidez de certo distanciamento, permite compreender aspectos nossos e alheios antes obscuros. Por vezes promove-se uma espécie de anistia. Partindo dela podem-se reconfigurar padrões*<sup>125</sup>. A palavra anistia aqui é usada no lugar de perdão porque não tem conotação religiosa nem dá idéia de bondade.

A reconfiguração de padrões, em termos individuais e sociais, também lembra a letra da música *Da lama ao caos*, de Chico Science: *desorganizando posso organizar; me organizando posso desorganizar...*

Transgredir, amadurecer, anistiar, desorganizar/organizar são termos que evocam um sujeito autor de si mesmo, que está em processo, em viagem, em curso. *Em viagem* significa estar em constante construção e desconstrução da própria identidade, confrontando-a com as alteridades. Assim como a identidade, a compreensão também se constrói por complementaridade, como sugere Teresa Vergani: *todo o sistema de compreensão é um sistema de intercompreensão alicerçado na reciprocidade das diferenças*<sup>126</sup>. Qualquer ato de compreensão é, igualmente, uma escolha,

---

<sup>122</sup> Gelontologia – estudo do riso. Viver Mente & Cérebro – Revista de Psicologia, Psicanálise, Neurociências e Conhecimento – Ano XIII – n. 141, out./2004, p. 34-39.

<sup>123</sup> A partir das pesquisas de Mac Lean, Edgar Morin elabora a versão complexa do cérebro triúnico: uma *unitas multiplex* cerebral humana de uma herança animal ultrapassada, mas não abolida; uma trindade, e não uma tripartição, que comporta o paleocéfalo reptiliano; o mesocéfalo dos antigos mamíferos, e o córtex que, no homem, alcança um desenvolvimento extraordinário com o neocórtex (MORIN, 1996, p. 90).

<sup>124</sup> LÉVINAS, 1998, p. 18.

<sup>125</sup> LUFT, 2004, p. 68, 153.

<sup>126</sup> VERGANI, 1995, p. 29.

consciente ou não. Um *ato de liberdade axiomática*, radicalmente oposto a qualquer processo de dogmatização.

Não há apenas uma compreensão válida acerca de um fato, de um fenômeno, de um processo. Portanto, a compreensão é sempre construída a partir da escolha de um ou mais princípios existentes num universo de diversidade de princípios. A compreensão, então, é sempre relativa, e se justifica *pela autenticidade do relativismo assumido no momento de se decidir a escolha*<sup>127</sup>. Ou, como já cantou o compositor Lobão, a compreensão é a *maravilhosa precariedade na permanência*<sup>128</sup>.

Por outro lado, quando o sentimento de certeza se arvora à condição absoluta – o que não é nada raro ocorrer, pois a certeza dá prazer –, a compreensão se torna loucura. A certeza enlouquece: *se afoga narciso!*<sup>129</sup>

Para facilitar esta minha viagem, incluo alguns marcos na carta náutica, com os sentidos-chave que captei dos diversos autores. Alerto, porém, minhas sinapses, para que não confundam ou reduzam um termo-sinalizador a outro. Atenta a esse perigo, distingo, sem separar, os sinais de como se dá e do que é a compreensão, mesmo que sejam antagônicos:

- pertence à esfera da sensibilidade
- é conhecimento criador de harmonia
- é auto-sócio-conhecimento
- pressupõe a partilha do sentimento de verdade
- pressupõe tomar posição em favor de...
- elimina o julgamento
- está num patamar diferente do das emoções
- é a captação de sentido
- é um ato adivinatório de congenialidade
- é comprometimento
- está condicionada aos padrões do sujeito
- é uma bifurcação nos padrões antes existentes
- é um desafio que a mente pode ultrapassar
- é desvelamento

---

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> Música *Samba da caixa preta*.

<sup>129</sup> Idem.

- é um lampejo
- é proporcionada pela interrelação de inúmeros fatores como aspectos de uma totalidade
- é descobrir o imensurável através do impensado digno de ser pensado
- se dá através de uma bissociação
- é um fenômeno dinâmico
- é novidade
- se dá por mudança de perspectiva
- é provisória
- ocorre quando a mente se liberta da clausura do pensamento lógico
- é transgressão
- ocorre nas brechas da lógica dedutivo-identitária
- opõe-se a toda simplificação
- é uma emergência
- é recriação
- é uma probabilidade local e temporária
- requer a inclusão do sujeito
- é incerta, sutil e fugaz
- nasce do espanto e da vertigem
- se dá por deslocamento de sentido
- surge de relações potencialmente dissonantes
- é recursiva
- é um mecanismo produtivo (criação) e não meramente reprodutivo
- tem caráter de projeto
- supõe amadurecimento
- pode promover anistia
- se organiza desorganizando e vice-versa
- se constrói no confronto da identidade com a alteridade
- é alicerçada na reciprocidade das diferenças
- é um ato de liberdade axiomática
- é relativa
- é loucura

Como mostra esse rápido panorama, embora seja utilizado como sinônimo de diversos processos sensoriais e cognitivos, como informar, conhecer, explicar, interpretar etc., o próprio sentido do compreender ultrapassa todos os termos. Isso prova a tese de R. A. Lockart de que somos todos *abusadores verbais*, ou seja, o significado e a definição usual de uma palavra freqüentemente mostra apenas a sua casca; não conhecemos a sua alma. As palavras significam emoções e conceitos, portanto pré-conceitos.

Comungo da idéia de Gilles Deleuze e de Félix Guattari<sup>130</sup> de que todo conceito, toda noção se esvanece, adquire novos componentes, se reordena. Por isso não há um conceito único que se amolde a uma única coisa. Toda noção possui um contorno irregular, heterogêneo, e sempre remete a outros conceitos em seu devir. Além disso, o pensamento científico, por mais que tentemos limitá-lo a uma rígida configuração, se entrelaça, sem operar uma síntese, às proposições e às percepções da filosofia e da arte.

A palavra compreensão, como tantas outras dos vocabulários de todos os idiomas, serve também para manipulações dissimuladas da linguagem. George Orwell, em seu profético livro *1984*, nos alerta contra o totalitarismo da *novilíngua*, criada pelos poderes para nos obrigar a pensar como eles<sup>131</sup>. Cabe a cada um de nós o esforço de, frente a cada discurso que prega e fala de compreensão, perguntar sobre a ideologia camuflada nas palavras.

Etimologicamente, compreender, nas suas raízes latinas, é formada pela junção do prefixo *com* mais o verbo *prehender* ou *praeendere*, formando *comprehendere* ou *compraehendere*, que significa:

1. com as mãos agarrar, prender, tomar ou apoderar-se de, pegar;
2. apanhar em flagrante, surpreender;
3. então tomar conjuntamente, pelo todo, abrangentemente; ainda atar juntamente, ligando;
4. tomar pela raiz, na base;
5. conceber um bebê (dar à luz, sacar, ter um *insight*).

No idioma inglês, compreender completamente ou corretamente (*to comprehend completely or correctly*) é realizar – *to realize* –, concretizar, perceber, dar-se conta: *to make real; to convert from the imaginary or fictitious into the actual; to bring into concrete existence*<sup>132</sup>.

---

<sup>130</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1992.

<sup>131</sup> ORWELL, 1984.

<sup>132</sup> *Encyclopedia of the Self*: <<http://www.selfknowledge.com/79113.htm>> e *Online Etymology Dictionary*: <[www.etymonline.com](http://www.etymonline.com)>.

Todas essas significações corroboram as características elencadas por Morin sobre o processo da compreensão – que se refere aos aspectos do pensamento simbólico/mitológico/mágico: concreto, analógico, captações globais, predominância da conjunção, projeções/identificações, implicação do sujeito, pleno emprego da subjetividade. A etimologia também confirma as diferenças entre compreender e explicar. Explicação é formada pelo prefixo *ex*, com idéia de saída, de conclusão, acabamento, mais o verbo *plicare* que quer dizer dobrar, enroscar, formando *explicatio*, que pode ser entendido como:

1. ação de desdobrar, desenrolar, estender, desfardar;
2. esclarecimento e interpretação;
3. expor pormenorizadamente, narrando;
4. desembaraçar, livrar, acabar, terminar, concluir.<sup>133</sup>

Em inglês, explicar – *to explain* – também se refere a justificar, ilustrar, motivar e fundamentar. Tomando por base essas significações, considero, como David Bohm, que, ao reforçar continuamente o hábito fragmentário de pensar, acabamos tomando o conteúdo do nosso pensamento por uma descrição do mundo como ele é. Ora reduzimos a compreensão à explicação; ora estabelecemos que uma compreensão dá conta de toda a complexidade da realidade. Porém, na maioria das vezes, a compreensão é unicamente uma teoria, *uma forma de insight (ou introversão), ou seja, um modo de olhar para o mundo, e não uma forma de conhecimento de como ele é*. Por outro lado, não há *nenhuma razão para supor que existe ou existirá uma forma de insight final (correspondente à verdade absoluta), ou mesmo uma série uniforme de aproximações dessa forma final*<sup>134</sup>.

A metáfora bíblica da torre de Babel sintetiza essa impossibilidade da compreensão absoluta. Porém, não são os diferentes idiomas que mais atrapalham a comunicação entre os seres humanos. Nem tanto a ausência de algum sentido, como a audição ou a fala<sup>135</sup>. As muralhas intransponíveis são as emoções e as questões culturais, sociais e políticas. Atualizando o mito bíblico, o filme *Babel* (2006), do mexicano Alejandro González Iñárritu, mostra como essas muralhas se fortaleceram no planeta mundializado. Um labirinto de histórias conecta pessoas que vivem no Marrocos, nos Estados Unidos, no México e no Japão. O enredo<sup>136</sup> compõe-se de pequenos atos

---

<sup>133</sup> BRAGAMICH, 2003.

<sup>134</sup> BOHM, 1992, p. 22, 24.

<sup>135</sup> Para Boris Cyrulnik, a linguagem é o sexto sentido humano.

<sup>136</sup> Um caçador japonês oferece a espingarda ao seu guia marroquino, que a vende a um pastor. Esse, por sua vez, a dá aos filhos para protegerem os rebanhos dos chacais. Os meninos entretêm-se a disparar contra um ônibus de turismo e atingem uma norte-americana, em viagem de reconciliação com o marido. Os filhos do

que se transformam em grandes tragédias, numa demonstração inequívoca da ecologia da ação, sugerida por Morin: *toda ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém*<sup>137</sup>. E é esse jogo do qual todos fazemos parte, mesmo sem consciência do nosso papel de jogadores, que compromete qualquer tentativa de chegarmos às formas absolutas de compreensão e de comunicação.

No filme *Babel*, a decomposição das relações familiares e a hierarquia de cidadania (os norte-americanos são tratados como se fossem mais cidadãos do que os habitantes de outros países) se projetam sobre as solidões individuais que formam nichos culturais, sociais e políticos de coletivos magoados que, por sua vez, transformam as vidas cotidianas em apocalipse. Não há compreensão quando a turista norte-americana precisa de atendimento médico no interior do Marrocos. O governo de seu país, inferindo ter sido ela vítima de um ato terrorista, não permite o envio de uma ambulância marroquina. Não há compreensão quando a babá mexicana precisa cruzar a fronteira com as crianças norte-americanas, para levá-las de volta para casa. Não há compreensão quando os meninos marroquinos tentam explicar à polícia de seu país que não são terroristas. Não há compreensão quando a japonesa surda-muda tenta demonstrar que tudo o que quer é ser aceita como é e amada.

Apesar da incomunicação verbal, são possíveis alguns tênues entendimentos: uma idosa marroquina acalma a dor da norte-americana ferida; a jovem japonesa surda-muda demonstra toda a sua vulnerabilidade a um estranho; as crianças norte-americanas sabem o que a babá mexicana lhes diz em espanhol.

Dessa forma, Iñárritu destrói a babel das línguas e constrói outra, a de um mundo absurdo – porém real – onde reina o desamor, como se repetisse os versos de Renato Russo sobre poema de Luís de Camões: *Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria*<sup>138</sup>. Ou, posso acrescentar: *sem amor eu nada compreenderia... Mas como causar pode seu favor nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo amor?*<sup>139</sup>

---

casal estão aos cuidados de uma empregada mexicana, imigrante ilegal. Sem ter com quem deixá-los, atravessa com eles a fronteira, para assistir ao casamento do filho. No regresso, conduzidos pelo sobrinho da mexicana, têm problemas com a polícia fronteiriça e as crianças acabam perdidas no deserto. A mexicana é extraditada. O caçador japonês, cuja esposa suicidou-se, tem uma filha surda-muda que tenta integrar-se aos grupos jovens de Tóquio, frequentando bares e boates e fazendo uso de drogas.

<sup>137</sup> MORIN, 2005, p. 41.

<sup>138</sup> Letra da música *Monte Castelo*.

<sup>139</sup> CAMÕES, Luís de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. In: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v301.txt>>.

# Viagem a Liliput e a Brobdingnag



*Por mais que alguém se desloque a uma forma espiritual estrangeira, nunca chega a esquecer sua própria acepção do mundo e inclusive da linguagem.*

Hans-Georg Gadamer

*Doravante, todos os fragmentos de humanidade, dispersos há dezenas de milhares de anos, acham-se inconscientemente em conexão. Mas não se constituem de forma alguma, longe disso, um conjunto unificado que pudéssemos chamar de humanidade.*

Edgar Morin

*... nadei para onde o destino me levou, empurrado pelo vento e pela correnteza.*

Gulliver



140

---

<sup>140</sup> Ilustrações de Hans G. Schellenberger. Disponíveis em: <<http://www.mallorca-market.com/english/art/hgsch/illu/index.htm>>.

## Velas ao vento

*O caminho do conhecimento é longo,  
cheio de surpresas e acontecimentos.  
Há reviravoltas e controvérsias  
com as quais só você poderá lidar.*

Juarez Nogueira

Construí tantas digressões de um só fôlego que meu corpo compreendeu, antes que eu tivesse consciência, o que se passava lá fora. As amarras da embarcação se soltaram sozinhas e eu manejava o timão e as velas como um piloto automático. Sem ter tempo para analisar se era suficiente o que levava comigo, já havia deixado a segurança do porto. Pode ser que essa ambivalência seja necessária para um pensamento que está a caminho da tarefa do pensamento...

Passsei muitos dias lendo diversos autores, modernos e antigos. Entregando-me à mercê das ondas de palavras e sentidos, minha embarcação foi virada por uma repentina rajada. Nadei sem rumo e, quando me senti incapaz de continuar nadando, encontrei pé. Caminhei um pouco e divisei uma terra que, depois vim a saber, chama-se Liliput e se localiza numa dimensão para além do espaço e do tempo, esses grandes *separadores* que surgiram com a criação do nosso universo.

## Sou tu quando sou eu

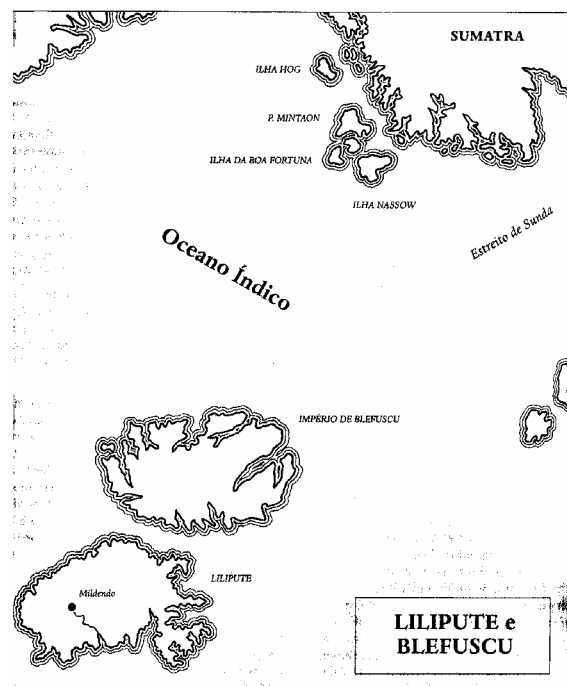
Forçando os olhos o mais que pude, vi inúmeras criaturinhas humanas. Profundamente surpreendida, percebi que eu estava dentro de um livro de quase 800 páginas, sob o qual pairava um sopro de Hermes, o mensageiro dos deuses, com a inscrição: *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, por Hans-George Gadamer<sup>141</sup>.

As criaturinhas humanas à minha volta eram pequenas em comparação ao meu corpo, porque seu tamanho era proporcional ao espaço dentro das páginas que invadi. O tamanho reduzido, porém, nem de longe significava inferioridade, o que, à primeira vista, pode parecer. Essas

---

<sup>141</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998, 2ª. ed.(a edição alemã é de 1960).

figuras representavam grandes pensadores da filosofia ocidental. Entre eles, Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831), Vico (1668-1744), Oetinger (1702-1782), Dilthey (1833-1911), Schleiermacher (1768-1834), Chladenius (1710-1759), Spinoza (1632-1677), Humboldt (1767-1835), Husserl (1859-1938), Henri Bergson (1859-1941), Nietzsche (1844-1900) e Heidegger (1889-1976). Convocados por Gadamer para repassar suas teorias sobre a compreensão, todos esses pensadores viviam numa eternidade onde o tempo fica parado, como num dos sonhos de Einstein<sup>142</sup>.



Frente ao meu espanto pela incongruência entre o tamanho de seus corpos e a importância de suas obras, alguém – não me lembro quem – me explicou que no centro do tempo os ritmos físicos diminuem, sendo necessária outra auto-eco-organização dos seres para que não se imobilizem no ritmo das geleiras. Eles apenas, temporariamente, estavam adaptados às circunstâncias e inércia do centro do tempo que se chamava Lilliput. Se há outra interpretação, deixo para os filósofos filosofarem...

Talvez para compensar a perda de massa corporal, os olhos dos liliputianos também se adaptaram *para que enxergassem tudo o que deve ser enxergado. Eles vêem com incrível exatidão*<sup>143</sup>.

---

<sup>142</sup> LIGHTMAN, 2005.

<sup>143</sup> SWIFT, 2005a, p. 92.

Como não sou filósofa, percebi minha desvantagem frente aquelas pessoas de olhar acurado e suas idéias. Propus, então, que Gadamer me servisse de guia em seu próprio livro para que, dentro de minhas contingências, pudesse dialogar com as idéias daquele povo. Não foi fácil. Difícil nos sentir à vontade em áreas que não dominamos. Por outro lado, é desafiador tentar ampliar o que achamos que conhecemos e dar vez a outras vozes exteriores e interiores.

Uma citação de R. M. Rilke, na epígrafe desta terra-livro, me deu coragem e disposição para continuar:

*Apanhar o que tu mesmo jogaste ao ar  
Nada mais é que habilidade e tolerável ganho;  
Somente quando, de súbito, tens de apanhar a bola  
Que uma eterna comparsa de jogo  
Arremessa a ti, ao teu cerne, num exato  
E destro impulso, num daqueles arcos  
Do grande edifício da ponde de Deus:  
Somente então é que saber apanhar é uma grande riqueza  
Não tua, de um mundo.*

Pensei que minha presença ali, contudo, não era um impulso destro. Senti-me como um apanhador canhoto invertido, como diz Michel Serres. E, assim, tentei seguir os passos de meu anfitrião, que se apresentou como um filósofo alemão com 102 anos de idade<sup>144</sup>.

Procurei, entre os escritos que levava comigo, algo que facilitasse o início da conversa com Gadamer. Encontrei um texto de Emilio Roger Ciurana que servia a esse propósito e dizia:

*Quando uno se pregunta qué es la hermenéutica lo mejor que puede hacer para dar una respuesta es decir lo que no es la hermenéutica. Aunque podemos dar una definición general: “actualmente se denomina con el nombre de hermenéutica a una corriente de la filosofía contemporánea surgida hacia la mitad de este siglo y que se caracteriza principalmente por la idea de que la verdad es el fruto de una interpretación”. Pero la hermenéutica es y no es muchas otras cosas. En un sentido primario el término ermeneía (griego) significa expresión de un pensamiento, interpretación de un pensamiento<sup>145</sup>.*

A ajuda de Ciurana foi importante, mas não suficiente. Resolvi perguntar diretamente a Gadamer qual o seu propósito com esses estudos. Ele me confidenciou, para começar, que o livro, escrito por volta de 1960, não tinha sido bem compreendido pela filosofia alemã, porque seus críticos o interpretaram como uma contraposição às ciências do espírito e julgaram o que ele quis dizer com compreender como método.

---

<sup>144</sup> Gadamer nasceu em 1900 e morreu em 2002.

<sup>145</sup> CIURANA, <http://gramola.fyl.uva.es/~wfilosof/catedratransdisciplinariad.htm>

A intenção de meu guia, de acordo com ele próprio, não era desenvolver uma doutrina da arte do compreender, como a hermenêutica mais antiga<sup>146</sup>. Nem desenvolver um sistema de regras artificiais, nem transformar o conhecimento usual em conhecimento prático. Sua tarefa filosófica foi descobrir e tornar consciente algo que permanece encoberto e desconhecido na disputa pelos métodos nas diversas ciências: o caminho para a consciência histórica pela apropriação da tradição como força civilizatória. E uma tentativa de compreender o que, afinal, são as ciências humanas.

É importante lembrar que em sua sociologia compreensiva, por exemplo, Max Weber não supera a dicotomia entre sujeito e objeto e mantém uma concepção objetivista – a tipificação – do método interpretativo.

Diferentemente, na concepção gadameriana, compreendemos algo a partir do horizonte de uma tradição de sentido, que nos marca e torna essa compreensão possível. Não é uma questão técnica ou de método. É *um encontro – no sentido existencialista do termo –, um confronto com algo radicalmente diferente de nós*<sup>147</sup>. Como um *imprinting* (Morin), estamos sujeitos às especificidades da tradição da qual fazemos parte. E as heranças da tradição chegam a nós através da linguagem. Atualizada a cada experiência hermenêutica, a tradição, contudo, permite sempre novas maneiras de compreender, dependendo do momento histórico e dos sujeitos.

---

<sup>146</sup> Segundo Ciurana (op. cit.): “Aristóteles escribió un tratado que forma parte del **Organon** cuyo título es *Peri hermeneías*. Se trataba de una obrita que se ocupaba de los juicios y proposiciones. En latín la conocemos bajo el título *De interpretatione*. Hoy usamos el término en un sentido muy parecido al original. La hermenéutica sería *el arte de la interpretación de textos*. Las primeras tareas hermenéuticas se dirigieron a la interpretación de las Sagradas Escrituras. En el S. XVI Matthias Flacius Illyricus escribe una *Clavis scripturae sacrae* (1567). Adrian Heerebard escribe una *Ermeneia lógica*. De Matthias Flacius dice Dilthey que le debemos “la construcción definitiva de la hermenéutica” así como “demostrar hermenéuticamente la posibilidad de una interpretación de validez universal”. Ahora bien la hermenéutica entra en el campo filosófico con Georg Friedrich Meier que escribe un ensayo, nos dice Dilthey, sobre un “arte interpretativo general” (1757). Búsqueda, por lo tanto, de una hermenéutica general. Pero es sobre todo Schleiermacher quien hará que el arte de la interpretación pase de la teología a la filosofía. Este autor entendía la hermenéutica como *el arte de comprender por lo que respecta a la interpretación correcta de un texto*. Es hermenéutica todo lo que se puede interpretar. J. Freund dice lo siguiente: “para Schleiermacher la hermenéutica es un método común a todas las disciplinas que tienen que interpretar un lenguaje cualquiera (de ahí proviene la afinidad con la retórica), o que luchan con las dificultades de la interpretación de lo que parece extraño (de ahí su vinculación con la dialéctica); así pues prácticamente a todas las ciencias humanas...Si bien tiene aspectos científicos, sigue siendo, a pesar de ello, un arte (Kunst) por el hecho de que une un momento adivinatorio con un momento demostrativo”. Dilthey había dicho sobre este mismo asunto: “la interpretación es obra de arte personal y su aplicación más perfecta depende de la genialidad del intérprete”, acto seguido nos habla de “lo adivinatorio de la interpretación”. La hermenéutica de Schleiermacher no es solo interpretación filológica, externa, sino que interpretar es *reconstruir un discurso dentro de un contexto de vida*. Esta idea de Schleiermacher la asumirán algunos hermeneutas (Dilthey) y la pondrán en cuestión otros (Gadamer). Se trata del problema del *historicismo objetivista*.”

<sup>147</sup> OUTHWAITE, 1992, p. 37.

As noções de tradição e de cultura, aqui, se co-fundem sem se confundirem. Tradição se refere à herança, à transmissão, à perpetuação de referências, vivências sociais (valores, costumes, hábitos), inseridos no domínio da coerência e da estabilidade. Cultura, por sua vez, se refere aos comportamentos, atitudes, saberes, conhecimentos, valores, costumes e hábitos que se inserem no domínio da partilha e da criação, imaginação, modificação, renovação<sup>148</sup>.

Segundo Gadamer, ciência e tradição se fundem, pois o conhecimento, sendo histórico, não consegue libertar-se de sua própria condição histórica. Portanto, nenhuma ciência é livre de pré-conceitos, como queriam os iluministas. Apesar das transformações ocorridas no âmbito da cultura, muitos aspectos da tradição continuam a parasitar nossas idéias e nossos comportamentos, inclusive os científicos. Por isso, pelo estudo dos gregos, da filosofia clássica alemã e da fenomenologia, Gadamer percebeu que a tradição não podia mais se apoiar nas interpretações metafísicas da razão.

Sem trazer de volta a metafísica nem uma ontologia salvadora, o que lhe importa é mostrar como a razão deve ser recuperada na historicidade do sentido. Essa tarefa se constitui na autocompreensão que o ser humano alcança como participante e intérprete da tradição histórica. Isso quer dizer substituir o apoio na metafísica pela perspectiva dos próprios sujeitos se empenharem na apropriação viva das tradições que os determinam.

A hermenêutica de Gadamer possibilita explicitar fenomenologicamente o acontecer da verdade em três esferas da tradição: o acontecimento na obra de arte; o acontecimento na história e o acontecimento na linguagem<sup>149</sup>.

É por isso que as análises neste livro começam com uma crítica da experiência estética, com o objetivo de defender a experiência de verdade que nos possibilita a obra de arte. Ao contrário dessa experiência, a teoria estética se deixa estreitar pelo conceito de verdade da ciência:

— *Todo aquele que faz a experiência da obra de arte angaria para dentro de si a plenitude dessa experiência, e isto significa, no todo de sua autocompreensão, no qual ela significa algo para ele, considera Gadamer*<sup>150</sup>.

---

<sup>148</sup> Para maior aprofundamento sobre essas questões, são esclarecedoras as reflexões de Teresa Vergani no livro *Excrementos do sol A propósito de diversidades culturais*. Lisboa: Pandora, 1995, especialmente na *Introdução* e no item *Referências preliminares*, p.7-48.

<sup>149</sup> STEIN, 2002.

<sup>150</sup> GADAMER, op. cit., p. 17.

Experimentando minha presença dentro dessas páginas, entendo que o movimento do compreender não pode ser restrito ao desfrute reflexivo. Isso fica mais claro quando Gadamer mostra uma antiga imagem de um deus exposta num museu moderno:

— *Essa imagem não foi representada no templo como obra de arte para um desfrute estético da reflexão. A imagem contém em si o universo da experiência religiosa, do qual procede – conseqüência significativa de que esse seu mundo pertence ainda também ao nosso mundo. O universo hermenêutico abarca a ambos*<sup>151</sup>.

Essa experiência – a da obra de arte – ultrapassa, assim, todo horizonte subjetivo de interpretação, tanto do artista como do espectador da obra. Sua compreensão não restaura o passado, mas realiza uma mediação refletida com a vida contemporânea. Dessa forma, começo a entender melhor a intenção de Gadamer. Ele procura o comum de todas as maneiras de compreender para mostrar que a compreensão jamais é um comportamento subjetivo frente a um objeto dado, *mas frente à história efetual, e isto significa: pertence ao ser daquilo que é compreendido*<sup>152</sup>.

Com o exemplo, ele reforça que a experiência filosófica e a experiência da arte são preempatórias advertências à consciência científica, que deve reconhecer seus limites, inclusive quando fixa verdades em conceitos fechados.

Assim, a proposta de Gadamer é a elaboração da situação hermenêutica, de uma forma não dogmática, similar ao que ocorre numa conversação, com perguntas e respostas. A partir da situação hermenêutica, é possível obter o horizonte histórico para as questões que se colocam frente à tradição. O intérprete faz perguntas, nascidas no presente – ao texto, escrito no passado, ou à obra de arte também concebida no passado – dentro de coordenadas espaço-temporais. (O estranho é estar aprendendo isso em Lilibut, um lugar fora do espaço e do tempo...).

O tecido de idéias prévias do leitor determina a alteridade do presente frente ao passado. Ou seja, o leitor tem que ter consciência dessa distância temporal para obter uma fusão de horizontes. Não se trata de mero transplante de um mundo para outro. A fusão de horizontes, ou compreensão, se produz a partir da própria posição histórica do intérprete, numa ampliação do próprio horizonte, para além das fronteiras do presente.

Isso quer dizer que o horizonte do presente está em um processo de constante formação, porque o leitor está obrigado a pôr à prova os seus pré-juízos, fazendo-o compreender a sua própria

---

<sup>151</sup> Idem, op. cit., p. 17-18.

<sup>152</sup> Idem, op. cit., p. 19.

tradição. Compreendendo alguns dos meus pré-juízos não manifestados verbalmente, Gadamer disse, pausadamente e com certo humor:

— *Mas a pretendida superação de todo pré-juízo é em si mesma um pré-juízo... Não é a história que nos pertence, nós é que pertencemos a ela.*

Entendo que, com essa advertência, o mestre quis me mostrar que os pré-juízos de um indivíduo são muito mais do que os seus juízos. São, na verdade, a realidade histórica de seu próprio ser; uma realidade que carregamos, queiramos ou não, para onde formos no espaço e no tempo. Juízo, aqui, não têm sentido valorativo – não se trata de falso ou verdadeiro. Um sociólogo ou antropólogo, por exemplo, não parte vazio para o campo e volta com registros absolutamente objetivos do assunto pesquisado. *É justamente o confronto entre as convicções e as experiências próprias do sociólogo e as dos indivíduos que vai estudar que gera a compreensão que venhamos a ter de outra realidade social*<sup>153</sup>.

Nas ciências humanas, muitas vezes, a tradição de um determinado grupo pesquisado – rotulada de senso comum – não é reconhecida como importante e constitutiva da realidade que produz e reproduz os sistemas sociais. Só o discurso científico objetivo tem competência para interpretar e explicar. Dessa forma, a arrogância da ciência distancia o conhecimento da vida, porque qualquer fenômeno vincula-se às interpretações dadas pelos membros da sociedade.

É por isso que o funcionamento último de toda compreensão terá que ser um ato adivinhatório da congenialidade. É uma aposta na vinculação prévia de todas as individualidades, porque cada indivíduo é *uma manifestação do viver total*<sup>154</sup>. Cada um carrega em si um mínimo de cada um dos demais, como num holograma, o que estimula a adivinhação por comparação consigo mesmo.

Essas adivinhações, ou projeções prévias, têm que ser continuamente revisadas para que o intérprete não se entregue às suas próprias opiniões, ignorando as do texto ou da sociedade estudados. Querer compreender, nesse sentido, pressupõe estar disposto a deixar-se dizer algo pelo texto, científico ou não, pela obra de arte, ou pelos sujeitos do campo de pesquisa. Pressupõe, igualmente, que a compreensão deixa de ser um simples modo de conhecimento. Ela se torna um modo de relacionamento com o próprio ser e com os outros seres.

A despeito de todo esforço projetivo, temos que considerar que a tradição é essencialmente conservação; nunca deixa de estar presente nas mudanças históricas. O horizonte do presente não

---

<sup>153</sup> OUTHWAITE, 1992, p. 43.

<sup>154</sup> SCHLEIMACHER apud GADAMER, op. cit., p. 296.

existe em si mesmo, não se forma à margem do passado. Creio que, sob esse aspecto do tempo – passado, presente e futuro –, há uma certa concordância de idéias com Ilya Prigogine, para quem há uma flecha do tempo e o tempo é aquilo que conduz o homem, não sendo o homem o criador o tempo:

*O papel da ciência é exatamente o de encontrar ligações, e o tempo é uma delas. O homem provém do tempo; se, pelo contrário, o homem criasse o tempo, este seria evidentemente um estorvo entre o homem e a natureza* <sup>155</sup>.

As concepções de Gadamer destroem a auto-suficiência tanto das ciências do espírito quanto das ciências naturais. Por outro lado, demonstram que o domínio objetivo das ciências sociais está pré-estruturado pela tradição, e pelo tempo. As próprias ciências sociais, assim como o sujeito que compreende, têm um lugar histórico determinado. Da mesma forma, a arte, a história e a filosofia só conseguem atingir seu solo pátrio se ousarem um diálogo com a tradição, sem abandonar a sua forma de experiência, para além do método científico.

Entendo a necessidade de considerar a historicidade, a tradição e a experiência aliadas do método científico como condição para que não nos percamos da nossa humanidade. Esse risco levou o biólogo Henri Atlan a escrever, recentemente, o ensaio *A ciência é inumana?*<sup>156</sup> Embora a preocupação não seja nova, é importante ressaltar que, entre as determinações de toda ordem comprovadas cientificamente, e a liberdade total projetada no horizonte humano, uma nova noção de responsabilidade deve se impor ao exercício científico. Atlan enfatiza a urgência de se renovar e aprofundar a reflexão filosófica como prática de pensamento e de vida, especialmente do lado de dentro dos muros científicos.

Não se trata de negar a ciência, mas de compreendê-la segundo o sentido de sua humanidade e seu contexto. De uma certa forma, essa também é a proposta de Gadamer: ressaltar que a hermenêutica filosófica deve estar em estreito contato com os fundamentos de todas as ciências.

Trabalhando com o sentido, essa proposta insere o contexto, onde a hermenêutica analítica reduz a linguagem à unidade mínima do significado. Como é uma hermenêutica do sentido, o único ser que pode ser compreendido é a linguagem. Se a compreensão se realiza na interpretação e toda interpretação se desenvolve na linguagem, é a linguagem o lugar onde se reúnem o eu e o mundo. A relação humana com o mundo é lingüística e, portanto, compreensível em geral, por princípio.

---

<sup>155</sup> PRIGOGINE, 1990, p. 22.

<sup>156</sup> ATLAN, 2004.

Também insere o sujeito em seu objeto de estudo, numa relação recursiva. Para Gadamer, ao interpretar um texto – científico ou não – ou uma obra de arte, é importante a autocompreensão do intérprete. Porém, essa autocompreensão só se realiza durante a própria interpretação, revelando a decisiva experiência do tu para toda autocompreensão. Não há, no entanto, como haver uma pretensão de compreensão total. Seja na ciência ou fora dela, a interpretação é a forma explícita de compreensão.

Ésquilo acreditava na fórmula do aprendizado pelo sofrimento: aprender a perceber que as barreiras que nos separam do divino não podem ser superadas. Essa idéia também foi apropriada por muitos poetas que atribuem à dor um grande poder transformador: metamorfoseia a finitude humana em infinitas bifurcações criativas.

Para Gadamer, *a finitude do próprio compreender é o modo como e onde a realidade, a resistência e o absurdo alcançam validade*<sup>157</sup>. Cada experiência do tu carrega um paradoxo: o que está diante de mim valida seu próprio direito e me obriga a um reconhecimento absoluto, por isso é compreendido. Contudo, esse compreender não compreende o tu, mas somente aquilo que ele nos diz de verdadeiro. Ou seja, há compreensão quando partilhamos o mesmo sentimento de verdade. O sentimento de verdade implica na busca da verdade como valor e não na sua posse como algo definitivo e acabado. E implica, antes de tudo, em atribuir dignidade humana aos outros sujeitos.

Tentei captar tudo o que a verdadeira intenção do mestre queria me mostrar. Conjugando meus pensamentos com os passos rápidos que era obrigada a manter para acompanhá-lo. Mesmo tendo um corpo menor, a agilidade e a profundidade do raciocínio do meu acompanhante faziam minha jornada tornar-se penosa. Eu esbarrava aqui e ali, sem conseguir direito articular os movimentos físicos com os vôos do pensamento.

Passamos por Martin Heidegger, entretido em seus escritos. Ao vê-lo, Gadamer, seu amigo e ex-aluno, me convidou a sentar para descansar, enquanto comentava, com admiração, que Heidegger foi o primeiro pensador a cunhar o conceito de compreensão como uma determinação universal da pre-sença, ou seja, o ser humano naquilo que o caracteriza, que é sua abertura como ser-no-mundo. A pre-sença é, para Gadamer, o caráter de projeto da compreensão; seu caráter de futuro. Heidegger reconheceu a distância do tempo como uma possibilidade positiva e produtiva do compreender<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> GADAMER, op. cit., p. 24.

<sup>158</sup> GONZALEZ, 2001, p. 39-67.

Minha presença desajeitada, entre tantas personalidades especiais, me deixou angustiada com relação ao meu projeto da compreensão. O dia foi longo e cansativo. Eu não tinha forças para me levantar dali. Ainda bem que isso não foi necessário. Aos poucos, inúmeras criaturinhas, como num enxame silencioso, foram se aproximando. Sentaram-se num círculo bem à minha frente. Parecendo brincar com as minhas dificuldades, Gadamer me apresentou aos seus colegas e recomeçou a falar sobre o tema que me levava até eles.

Ajeitei como pude o meu corpanzil e ouvi o filósofo dizer:

— *A compreensão total nunca chega, porque nunca se sabe o que um autor quer dizer. Aliás, nem o autor costuma saber exatamente o que quis dizer, porque lhe importa, antes, o ato mesmo de dizê-lo. Se o leitor for paciente, se continuar ouvindo, alguma compreensão lhe chega.*

Meu anfitrião se referia à poesia, uma arte intraduzível. Para ele, o leitor de poemas deve saber somente aquilo que o ouvido poético pode suportar sem ficar surdo. Frequentemente isto será muito pouco, mas será ainda muito mais daquilo que ele já sabia antes.

Chladenius interrompeu o orador e acrescentou:

— *Todos os livros dos homens e seus discursos contêm em si algo de incompreensível. Mas, as obscuridades que procedem da falta de transparência objetiva e passagens estéreis podem se nos tornar fecundas; dar ocasião a novas idéias*<sup>159</sup>.

Gadamer concordou, com uma longa ressalva:

— *A verdadeira experiência é aquela na qual o homem se torna consciente de sua finitude. Nela, o poder fazer e a auto-consciência de uma razão planificadora encontra seu limite. Mostra-se como pura ficção a idéia de que se pode dar marcha-a-ré a tudo, de que sempre há tempo para tudo e de que, de um modo ou de outro, tudo retorna. Quem está e atua na história faz constantemente a experiência de que nada retorna. Reconhecer o que é não quer dizer aqui conhecer o que há num momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos: ou, mais fundamentalmente, que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada*<sup>160</sup>.

Pode ser que nada retorne como era, penso eu, mas é necessário refletir sobre o passado, apesar dos seus efeitos incertos no futuro. Nenhum ato é uma ilha no tempo que deve ser julgada por si mesma...

Recordo, novamente, da música *Paciência*, de Lenine e Dudu Falcão:

---

<sup>159</sup> Apud GADAMER, op. cit., p. 287.

<sup>160</sup> GADAMER, op. cit., p. 527.

*Será que é tempo que me falta pra perceber  
Será que temos esse tempo pra perder  
E quem quer saber  
A vida é tão rara (tão rara)*

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não pára (a vida não pára não... a vida não pára)*

Paradoxalmente, naquela Liliput fora do tempo, todos tinham tempo para perder. Cada um dos presentes carregava o seu próprio livro da vida, com a sua história e finitude, mas ousava rever suas planificações exercitando a abertura ao tu. O verdadeiro vínculo humano, mostravam os estudos do autor de *Verdade e Método*, é pertencer-se uns aos outros, ou seja, sempre e ao mesmo tempo poder ouvir-se-uns-aos-outros.

Quando duas pessoas se compreendem, isto não quer dizer que um compreendeu o outro, que o olha de cima para baixo. Escutar o outro não quer dizer simplesmente realizar às cegas o que o outro quer, de forma submissa. Nas palavras de Gadamer:

— *A abertura para o outro implica, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que vá fazer valer contra mim*<sup>161</sup>.

Considerando a linguagem como o meio no qual se realiza esse acordo de tensão e risco entre os interlocutores, e o entendimento sobre a questão que se quer compreender, para reiluminar o tema, Gadamer elevou o corpo e a voz, interpretando poemas de Paul Celan<sup>162</sup>...

— *Nos rios ao norte do futuro  
lanço a rede que tu  
hesitante lastreias  
de sombras escritas com  
pedras.  
(...) Sou tu quando sou eu...*<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> Idem, op. cit., p. 532.

<sup>162</sup> Paul Celan é o pseudônimo literário de Paul Antschel, nascido em Czernowitz em 1920. Durante a ocupação nazista em seu país, judeus alemães foram presos e mortos em campos de concentração. Ele também foi aprisionado, mas conseguiu fugir e passou a viver na União Soviética. Terminada a guerra, voltou à Romênia, de onde rumou para Paris, onde se estabeleceu e suicidou-se, em 1971. Sua obra, das mais importantes da lírica alemã contemporânea, inclui os livros *Papoula* e *Memória*, *De Limiar a Limiar*, *A Rosaninguém*, *Giro de Fôlego* e *Grade de Linguagem*, além de traduções de poetas franceses e russos para a língua alemã. Gadamer foi um leitor e comentador da obra de Paul Celan.

<sup>163</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Quem sou eu; quem és tu?* Comentário sobre o ciclo de poemas *Hausto-Cristal* de Paul Celan. Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005, p. 61 (primeira edição alemã em 1973).

*Sou tu quando sou eu...* foram as últimas palavras que escutei. Como num passe de mágica, adormeci como um lagostim<sup>164</sup>, flutuando nas idéias. Quando acordei, parecia que todos estiveram ali o tempo todo, ainda ouvindo-se uns aos outros, na e pela linguagem falada.

Eu tinha a impressão de que, mesmo dormindo, havia continuado a escutar a conversa e concluído, em sonho, que eu deveria saber somente aquilo que o ouvido filosófico pode suportar sem ficar surdo. Todos ali dominavam um mesmo universo lingüístico – o da filosofia –, impenetrável para não-iniciados.

Esse é um problema inerente a toda comunicação verbal, inclusive na ciência. Em geral, os cientistas são *toupeiras monomaniacas cegas*<sup>165</sup>; se comunicam por uma linguagem difícil de compreender. Se comunicam através de um código esotérico, restrito a poucos iniciados. Além de esotérico, os discursos são também fragmentados. O químico francês e estudioso de temas da comunicação científica, Paul Caro, afirma que o leitor médio domina cerca de 3.500 palavras e o glossário científico compreende, pelo menos, 200 mil palavras. Como vencer esse dragão do vocabulário?

Com a interrogação na cabeça, voltei a ouvir os filósofos. Schleiermacher, naquele momento, defendia que o problema da compreensão estava dado tanto face ao discurso oral quanto ao escrito.

Gadamer, por sua vez, ponderava:

— *Todo escrito é uma espécie de fala alheada, que necessita da reconversão de seus signos à fala e ao sentido*<sup>166</sup>.

Fala alheada no sentido expresso por Schadewaldt: na tradução de um texto, é preciso trazer à fala o tema que o texto mostra, encontrando uma *linguagem que não somente seja a sua, mas também a adequada ao original*<sup>167</sup>. De outra parte, há escritos que se lêem por si mesmos.

Depois de realizados esses movimentos hermenêuticos, o que o leitor compreendeu já será sempre uma possível verdade. *O que a compreensão é sempre: uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em coisa própria*<sup>168</sup>. A palavra, então, é capaz de produzir emergências,

---

<sup>164</sup> Biólogos da Universidade Nacional, na Cidade do México, afirmam que os lagostins dormem e sonham, flutuando na água. As pausas de sono são fases cíclicas dedicadas à regeneração indispensáveis aos animais, sejam insetos, aves, mamíferos ou lagostins. (Revista Viver Mente & Cérebro Ano XII, n. 143, dez./2004, p. 17).

<sup>165</sup> CARO, 1993.

<sup>166</sup> GADAMER, op. cit., p. 572.

<sup>167</sup> Idem, op. cit., p. 564.

<sup>168</sup> Idem, op. cit., p. 580.

milagres da linguagem. É como acontece, também, em relação às línguas estrangeiras, argumentou W. Humboldt:

— *O aprendizado de uma língua estrangeira tem de ser a conquista de um novo ponto de vista, dentro da própria aceção anterior do mundo*<sup>169</sup>.

Pois bem, por mais que alguém se esforce por compreender, qualquer que seja a língua em questão – a própria, estrangeira, filosófica ou científica –, nunca chega a esquecer a sua própria concepção do mundo, inclusive da linguagem. Isso quer dizer que com os meios finitos da linguagem podemos fazer um uso infinito.

Enxergo, nesse ponto, bifurcações arriscadas. Pergunto a Gadamer sobre os contextos dessas emergências e a pretensa criação de verdades. Ele se refere às ciências, argumentando que a posse da fala não significa, de maneira alguma, tornar coisas disponíveis e calculáveis. Os discursos da biologia e da física, por exemplo, não podem pretender um saber dominador. Para garantir a verdade, não basta o gênero de certeza que o uso dos métodos científicos proporciona.

Lembro das disputas acirradas que havia na Liliput antiga, descritas por Gulliver. Uma delas, a proibição pretensamente científica de quebrar a casca do ovo, para comê-lo, do lado maior, depois que o avô de Sua Majestade cortou um dos dedos ao abrir um ovo dessa forma tradicional. *Calcula-se que, em várias ocasiões, onze mil pessoas preferiram a morte a submeter-se a quebrar os ovos do lado menor. Várias centenas de grandes livros foram escritos, e publicados, sobre essa controvérsia, mas os livros dos lado-grandenses foram proibidos*<sup>170</sup>.

De outra parte, argumentou Gadamer,

— *Existe um nexó positivo e objetivo entre a objetividade da linguagem e a capacidade do homem para fazer ciência. Isso se mostra de um modo particularmente claro na ciência antiga, cuja procedência, a partir da experiência lingüística do mundo, constitui ao mesmo tempo a sua caracterização e a sua debilidade específicas*<sup>171</sup>.

Uma das fundamentais diferenças entre a teoria grega e a ciência contemporânea está na singularidade de sua relação com a *experiência lingüística do mundo*, e, portanto, na compreensão desse mundo. Essa experiência lingüística se imbrica com o objeto de estudo, também alterado. Antes se produzia elementos abstratos, morais, jurídicos, teológicos e especulativos. Com a invenção das ciências modernas, por volta do século XVII, o objeto de estudo passou a ser a

---

<sup>169</sup> Idem, op. cit., p. 640.

<sup>170</sup> SWIFT, op. cit., p. 83.

<sup>171</sup> GADAMER, op. cit., p. 658.

natureza nos seus aspectos materiais. Ou seja, passou-se a operar sobre o material inerte ou vivo, sobre o observável, produzindo objetos e técnicas que mudam materialmente a base cultural da sociedade<sup>172</sup>.

Pode estar aí uma das razões para as dificuldades de compreensão das ciências, inclusive as humanas: o foco no calculável e o sentimento de certeza impregnado em seus métodos quantitativos. Mesmo porque, segundo Gadamer, a compreensão não se satisfaz no virtuosismo técnico. Ao contrário, é o encontro com algo que vale como verdade, sem a pretensão de ser um saber dominador, como ocorreu com a Ilustração que resultou num *orgulho da razão*.

Sem pretender um saber dominador, as ciências e a razão devem também compreender-se, assumindo sua própria relatividade e empreendendo um auto-conhecimento perseverante. Para Gadamer, a compreensão não é específica das ciências, mas possui características universais; é um modo essencial de como os seres humanos existem no universo. Mais do que isso, diferentemente das afirmações da ciência relacionadas a uma autoridade anônima e incontestável, implica em comprometimento dos sujeitos.

A compreensão é também um jogo, e aquele que compreende já está sempre incluído num acontecimento da verdade.

— *Assim parece que não existe compreensão que seja livre de todo preconceito, por mais que a vontade do nosso conhecimento tenha de estar sempre dirigida, no sentido de escapar ao conjunto dos nossos preconceitos*<sup>173</sup>.

Esse pressuposto designa o limite do método, mas não o da ciência.

Para participar do jogo da compreensão, talvez seja necessário ser um *outsider*, como o próprio Gadamer se reconhece ao aplicar a sua hermenêutica na interpretação dos poemas de Paul Celan:

— *No círculo de germanistas, com seus métodos científicos para dominar o difícil poeta, me mantive como um outsider, aquele que almeja apenas fazer com que os poemas que o tocam e que lhe dizem alguma coisa possam continuar a ser sempre reconstruídos. (...) Não procuro um 'método hermenêutico'. De fato, não sei realmente o que seria um método como esse. Procuro apenas tornar consciente o que faz fundamentalmente todo leitor. E também não prefiro, digamos, um método fenomenológico a um método semântico*<sup>174</sup>.

---

<sup>172</sup> CARO, op. cit.

<sup>173</sup> Idem, op. cit., p. 709.

<sup>174</sup> GADAMER, 2005, op. cit., p. 12.

Gadamer se diferencia de outros hermeneutas em sua concepção de método e da própria hermenêutica. Para Dilthey, por exemplo, a hermenêutica é uma técnica ou um método objetivo das ciências do espírito por oposição às ciências naturais. Tanto Dilthey quanto Schleiermacher acreditavam que por esse método era possível compreender um autor melhor do que ele mesmo podia compreender-se; compreender uma época melhor do que aqueles que nela viveram. E, por compreensão, Dilthey entendia o processo no qual se chega a conhecer a vida psíquica de um autor, partindo de suas manifestações sensivelmente dadas.

Para Gadamer, o saber hermenêutico é extrametodológico, mas revela os pré-requisitos universais do conhecimento que são anteriores a qualquer método em qualquer área do saber. Também ao contrário de Dilthey, Gadamer não defende a autonomia epistemológica das ciências do espírito e nem um método exclusivo para elas.

Se Gadamer, por outro lado, não procura um método hermenêutico, faz uso de algumas estratégias, de alguns princípios. Entre eles, a busca do *acento*, o núcleo do texto ou do discurso; a formulação de perguntas e respostas, que estruturam o fenômeno da compreensão e possibilitam entrar em jogo com o autor. Entrar em jogo significa dialogar e construir o sentido do que se busca compreender. E, por fim, o leitor ou pesquisador pode fazer conjecturas para completar as lacunas de sua própria compreensão, deixando algumas idéias em aberto, ainda em estado de diálogo.

Esses princípios conformam o círculo hermenêutico. O movimento da compreensão vai constantemente do todo às partes e das partes ao todo. A tarefa é ampliar a unidade de sentido em círculos concêntricos que não se fecham.

A compreensão, dessa forma, aparece e se vai, igualmente, de repente, como a luz. E a escrita do poeta também se relaciona de certa maneira com os fenômenos óticos. Para Gadamer:

— *O poeta é um vidente porque representa por si mesmo o que é, o que foi e o que será, e testemunha por si mesmo o que anuncia. É certo que a expressão poética leva em si uma certa ambigüidade, como aquela dos oráculos. Mas precisamente nisso se estriba sua verdade hermenêutica*<sup>175</sup>.

Meu guia pelos caminhos da hermenêutica ainda insistiu na ressalva, como se provocasse Dilthey:

---

<sup>175</sup> Idem, op. cit., p. 705.

— *Mas é importante recordar que compreender o que alguém diz não é produto de empatia, que adivinha a vida psíquica do falante...*<sup>176</sup>

Diante desse alerta, repassei as idéias-chave de suas lições, mas novas interrogações me assolaram. Se a compreensão não se refere à empatia, mas a um processo de tradução, de fusão de horizontes e de uma incorporação do estranho ao que é próprio, como atingi-la quando há perturbação na comunicação ou na linguagem? Se os pré-conceitos são as ferramentas que possibilitam a pré-compreensão e fundam a comunicação, como dar seqüência ao processo sem que o leitor ou pesquisador escorregue numa pseudo-neutralidade ou num auto-anulamento de suas verdades para chegar à fusão de horizontes?

De outra parte, a vidência de um autor não é necessariamente evidente para qualquer leitor... nem a sua verdade. Afinal, *a linguagem estabelece pontes não apenas para o mundo, como também para a solidão*<sup>177</sup>. Lembro desta lição que aprendi com o etólogo Boris Cyrulnik: *a evidência não é evidente. O fenômeno que observamos necessita do estudo e do aperfeiçoamento do nosso aparelho de observação do mundo*<sup>178</sup>.

---

<sup>176</sup> Idem, op. cit., p. 707.

<sup>177</sup> CELAN apud ABI-SÂMARA. In: GADAMER, 2005, p. 18.

<sup>178</sup> Entre os exemplos que utiliza para demonstrar a assertiva, Cyrulnik expõe a experiência realizada por R. Thomson e R. Melzack do Instituto MacGill, em Montreal:

Estes dois investigadores tinham criado *scottish-terriers* segundo o método “Gaspar Hauser”. Os *scottish-terriers* são cães de psiquismo rude, capazes de resistir a muitas agressões. Contudo, o “Gaspar Hauser” é uma agressão perante a qual nenhum ser vivo fica ileso: trata-se de criar animais em jaulas especialmente concebidas para não receberem quaisquer informações. Os animais são alimentados através de alçapões deslizantes enquanto dormem, e a jaula é limpa enquanto comem. Além disso, estão reunidas as condições para uma boa criação: a temperatura é moderada, os alimentos excelentes, o espaço confortável. O animal vive totalmente só, num hotel cuidadosamente mantido.

O nome deste tipo de experiência provém da lenda de Gaspar Hauser, um jovem alemão que, em 1828, saiu subitamente do anonimato ao descobrir a sociedade com novos olhos, depois de uma educação totalmente solitária. Esta experiência animal parece cruel. A clínica dos seres humanos é-o freqüentemente mais: recordo aquele pai paranóico que criou o filho até os trinta e um anos numa casa de banho para evitar qualquer contacto social, ou aquela mulher que enclausurou o filho e o alimentou por uma trapeira até os quarenta e dois anos. As perturbações provocadas por estas situações são de tal modo maciças que se tornam dificilmente analisáveis. São necessárias experiências controladas para tentar uma redução pontual e a observação de um comportamento identificável.

Ao fim de vários meses sujeitos ao “Gaspar Hauser”, os *scottish-terrier* foram libertados e comparados com cães da mesma raça e da mesma idade, criados pela respectiva mãe. Os cães que tinham sido isolados manifestavam um comportamento exploratório frenético. Quando aparecia um ser humano, os cães precipitavam-se na sua direção a fim de o saudar violentamente. Quando se fazia variar as situações, os cães normais analisavam tranqüilamente as informações novas e adaptavam-se-lhes, ao passo que os cães “isolados” continuavam as suas violentas explorações. Quando foram de novo isolados, os cães normais manifestaram uma verdadeira depressão: deitaram-se, recusaram beber e comer, enquanto os cães isolados se feriram nas paredes da jaula à força de baterem contra elas para as explorar. A mesma experiência, realizada por outros investigadores com *bassets*, deu resultados totalmente diferentes. O *basset*, mais sensível, mais tímido, reagia ao “Gaspar Hauser” por movimentos estereotipados: marcava passo, ora numa pata, ora noutra ou corria sem descanso atrás da cauda.

A despeito das lacunas em minha compreensão, a interferência da poesia de Paul Celan estabeleceu novas pontes na hermenêutica de Gadamer. Celan era como um *Atem* no *Kristall* hermenêutico de Liliput<sup>179</sup>. Através da pele das palavras do poeta, Gadamer chegou mais perto do próprio poeta, fazendo-o novamente respirar, voltar para antes de seu suicídio, e ainda resistir à vida, à *sombra da ferida aberta no ar*<sup>180</sup>.

Mesmo assim, pela hermenêutica, tudo o que podemos compreender é a linguagem. Porém, se a linguagem nos abre um universo de sentidos, ao mesmo tempo fecha outros universos de sentido. Há uma multiplicidade de aventuras afetivas e cognitivas excluídas da dimensão lingüística.

A palavra, *embora seja um acontecimento capital para a vida humana e o sexto sentido da espécie, tornou-se em muitos dos nossos rituais cotidianos, familiares e profissionais, desencarnada das emoções, dos comportamentos e da coerência semântica*<sup>181</sup>.

Por outro lado, mesmo pela linguagem, toda pretensão à compreensão é limitada. O próprio Gadamer admite que não se pode dar a nenhuma compreensão um caráter definitivo. Aliás, como toda compreensão é interpretação, ela deve tender, ao final, pela sua própria anulação, refazendo-se em outra partida do jogo com o mesmo ou com outro jogador.

Só no momento da minha partida de Liliput é que compreendi porque o livro de Gadamer foi alvo de tanta polêmica entre os filósofos alemães. A sua hermenêutica não é uma disciplina, não é um método e nem é um programa de investigação científica, embora esteja inserida no campo das ciências humanas. A hermenêutica de Gadamer, apesar de seu caráter universal, é exatamente a negação do método entendido como um conjunto de regras ideais e universais, como queria Dilthey.

---

Em ambos os casos, para uma mesma agressão, as reacções eram muito patológicas. No entanto, a forma de expressão desta patologia dependia não apenas da situação que modificava a sua expressão, mas também do equipamento genético, ou seja, da natureza diferente das duas raças de cães.

Desta experiência, fixei a frase de um visitante: “Os cães normais pareciam tão adormecidos e os cães criados segundo o “Gaspar Hauser” faziam-nos tantas festas que todos julgámos que os cães normais eram os doentes e vice-versa.”

O prazer dado ao observador pelo cão doente induzira, portanto, no espírito a testemunha um juízo prévio favorável. (...)

Deduzir, explicar, concluir depressa de mais são atitudes de que o etólogo desconfia. O etólogo deve possuir uma qualidade fundamental: a preguiça.

Vai viver um acontecimento, uma situação, deixar-se impregnar lentamente por ela, por todos os poros da comunicação até surgir uma forma. (CYRULNIK, s/d-b, p. 18, 25-27, 63).

<sup>179</sup> Referência ao título do ciclo de poemas de Celan, comentados por Gadamer: *Atemkristall*. *Atem*, em alemão, significa fôlego, respiração; e *Kristall*, cristal. Segundo Raquel Abi-Sâmara, que traduziu o livro de Gadamer para o português, “o primeiro está associado ao princípio, àquilo que anima a vida: o ar, a mudança de ar, o segundo refere-se diretamente ao reino mineral, ao inorgânico: o resultado de uma concretização, de uma cristalização” (p. 26).

<sup>180</sup> CELAN, *ibid.*, op. cit., p. 90.

<sup>181</sup> KNOBBE, 2004, p. 128.

O que acontece é que o título *Verdade e Método* cria uma expectativa de descoberta do *graal*. Ou seja, de que o autor conseguiu a fórmula para atingir a verdade absoluta e o método absoluto. Longe disso, o que Gadamer propõe é exatamente o contrário: o reconhecimento de que as palavras, embebidas nas tradições e pré-conceitos individuais e coletivos, tremulam entre as sombras das intenções secretas do autor, permitindo, apenas, fogos-fátuos de compreensão.

Talvez para facilitar, a obra de Gadamer poderia intitular-se *Contra o método* ou *Para além do método*, como sugeriram alguns comentadores, embora não se dedique a um anti-método. Nesse caso, os leitores, previamente avisados, talvez alcançassem uma outra pré-compreensão da proposta, visto que toda pré-compreensão torna possível uma compreensão, mas simultaneamente lhe impõe limites.

Também não posso ter a pretensão de dar à minha interpretação do livro um caráter definitivo. Ela é apenas uma aproximação, guiada pela escuta de meu ouvido interior. Essa compreensão não pode se limitar ao que pode ser conhecido cientificamente, mesmo tendo necessidade do questionamento científico.

Tendo consciência de que a minha compreensão da hermenêutica filosófica de Gadamer não é um jogo encerrado, deixei o caminho aberto para futuros retornos. De uma certa forma, me sentia presa ao chão de Liliput, como se umas *cem flechinhas* me segurassem, *picando-me como alfinetes*<sup>182</sup>. Até hoje, quando essa viagem mais me parece um sonho perdido no passado, às vezes sinto alguns dardos ainda espetados em minha consciência...

Despedi-me, imensamente agradecida, de todos os liliputianos.

Um coro cúmplice me empurrou para o mar:

— *Posso ouvir o vento passar, assistir à onda bater,  
mas o estrago que faz a vida é curta pra ver...  
Eu pensei que quando eu morrer  
vou acordar para o tempo e para o tempo parar.  
Um século, um mês, três vidas e mais um passo pra trás?  
Por que será? ...vou pensar.*  
**Como pode alguém sonhar o que é impossível saber?**  
*Não te dizer o que eu penso já é pensar em dizer  
e isso, eu vi, o vento leva!  
Não sei, mas sinto que é como sonhar  
que o esforço pra lembrar é a vontade de esquecer...  
e isso por que?  
(...)*

---

<sup>182</sup> SWIFT, op. cit., p. 53.

*Um século, três, se as vidas atrás são parte de nós*

*E como será?*

*O vento vai dizer lento o que virá e se chover demais a gente vai saber*<sup>183</sup>.

## Onde tudo é super-hiper

Tomei um barco desconhecido, levado por um Caronte invisível, guardião de mistérios<sup>184</sup>... A mesma pergunta que oprimiu Gaston Bachelard, em *A água e os sonhos*, também me oprimiu: *Não terá sido a Morte o primeiro Navegador?*<sup>185</sup> Senti-me assim talvez porque as viagens aquáticas reavivam os ecos mitológicos de uma iniciação perigosa. E o que seria mais perigoso, e ao mesmo tempo mais fascinante, do que penetrar nas águas profundas da humanidade? Estava prestes a encontrar o portal que une o mundo dos vivos ao mundo dos mortos.

Consultei os mapas multicores da geografia para traçar o rumo. Por eles, enxerguei a diversidade humana no planeta, que, vista de fora, parece executar uma dança, ora de combate, ora de festa. Nações, etnias, mitos, ritos, línguas e artes nascem e morrem; se hibridam e se separam; se abraçam e se apunhalam.

Como no Atlas do Grande Khan, meus mapas também continham as terras prometidas, visitadas na imaginação, que ainda não foram descobertas ou fundadas. Recorri a Marco Pólo, da mesma forma que Kublai Khan, nas páginas criadas por Italo Calvino em *As Cidades Invisíveis*<sup>186</sup>:

— *Você, que explora em profundidade e é capaz de interpretar os símbolos, saberia me dizer em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios?*

— *Por esses portos eu não saberia traçar a rota nos mapas nem fixar a data da atracção. Às vezes basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais*

---

<sup>183</sup> Música *O vento*, letra de Rodrigo Amarante (Los Hermanos).

<sup>184</sup> Caronte é o barqueiro mitológico que transportava os mortos através do rio Estige, símbolo da viagem da morte para os gregos.

<sup>185</sup> BACHELARD, 1997, p. 75.

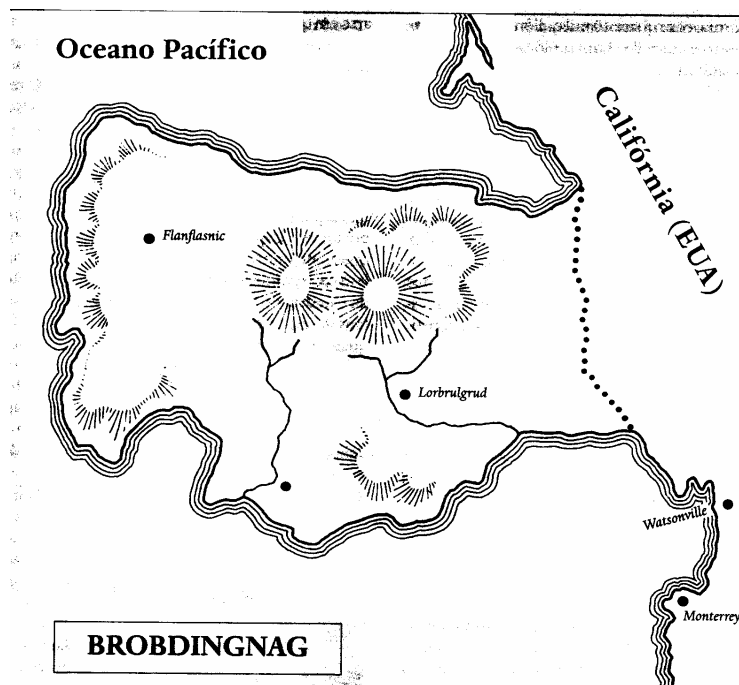
<sup>186</sup> CALVINO, 1999, p. 149.

*rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que, enquanto falamos, ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins...*

Tentei exercitar uma visão de conjunto dos meus mapas fragmentados. Como numa projeção holográfica, enxerguei um terceiro mundo criado por laços fluidos que ligam o mundo físico a um mundo simbólico, um contido no outro. Esse terceiro mundo chama-se Brobdingnag. À sua volta, esfumaçam-se muitos caminhos de futuro. Todos são possíveis, mas nenhum ainda está totalmente materializado.

As saídas estão abertas e são visíveis, mas ninguém as encontra. Talvez porque os habitantes do lugar não se preocupem em encontrar saídas, mas em realizar conquistas... Ou talvez porque para encontrar as saídas precisem reinventar, a partir de outros padrões, as suas megamáquinas – técnicas, científicas, sociais, administrativas, econômicas – alimentadas diuturnamente com doses maciças de megalomania.

O lugar tem o formato de um globo. Está situado na natureza e fora dela. Paradoxalmente, é uma terra de gigantes *no seio de um liliputiano sistema solar de uma galáxia nanica, num cosmo estendendo-se por bilhões de anos-luz*<sup>187</sup>. Se parece com o labirinto descrito, poeticamente, por Jorge Luís Borges: *Não haverá nunca uma porta. Está dentro e o castelo abarca o universo. E não tem anverso nem reverso. Nem externo muro nem secreto centro.*



<sup>187</sup> MORIN, 2002, p. 25.

Enquanto me detinha sobre a visão surgida a partir dos mapas, Brobdingnag foi aflorando dispersa ao meu redor... Tive a mesma reação de Gulliver, no livro de Swift: *lamentei minha própria loucura e obstinação em fazer a segunda viagem... (...) E, em meio a uma terrível agitação mental, não pude deixar de pensar em Liliput...*<sup>188</sup>

Vozes transmitidas por diversos meios de comunicação se misturaram à minha agitação mental... Apurei os ouvidos, as orelhas e seus labirintos:

*Perdida em mim a voz de outro ecoa. Minto: perversamente sou-a*<sup>189</sup>.

Caronte havia me transportado para a entrada de um estádio enorme, chamado *Superdome*. Lá, ecoava o som e fluía o cheiro da morte.

Entre notícias indistintas, percebi alguns discursos específicos sobre as conseqüências de um furacão, de uma guerra, de uma terrível seca na floresta tropical e atos de corrupção. As vozes me confundiam. Busquei a segurança das palavras escritas nos jornais dispostos em uma banca próxima. Os olhos são mais seletivos do que os ouvidos... Entre a grande variedade de títulos, percebi que as notícias se repetiam nas diversas edições, mais ou menos com as mesmas informações e o mesmo estilo.

**Bush pede compreensão e promete recuperação total de Nova Orleans**

Nova Orleans (EUA), 2 set (EFE).- O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, pediu compreensão ao trabalho das equipes de resgate da tragédia provocada pelo furacão Katrina e prometeu a recuperação total da cidade de Nova Orleans.

**Violência no Iraque e Katrina não vão ajudar Karen Hughes**

Por Sylvie Lanteaume WASHINGTON, 9 set (AFP) - Karen Hughes assumiu oficialmente suas funções no departamento de Estado nesta sexta-feira para melhorar imagem dos Estados Unidos no mundo, muito abalada pelo Iraque e pelo fiasco das autoridades na gestão da crise deflagrada pelo furacão Katrina.

**Curdos aprovam projeto de Constituição e ataques deixam mais de 40 mortos**

=(FOTOS)=BAGDÁ, 24 Ago (AFP) - Paralelamente à luta política, cerca de 40 pessoas ou mais morreram em ataques diversos de insurgentes pelo país. Em Najaf, cinco pessoas morreram e sete ficaram feridas durante enfrentamentos entre xiitas, segundo Saheb al-Amiri, um dos chefes do movimento radical xiita do líder Moqtada al-Sadr.

---

<sup>188</sup> SWIFT, op. cit., p. 123.

<sup>189</sup> Poema de Antonio Cícero.

### **Seca na Amazônia: o futuro já chegou?\***

Adital - A forte seca que afeta a Amazônia pode ser o aviso que o país e o mundo precisavam para enfrentar de vez as causas que podem condenar a maior floresta tropical do planeta ao desastre: o desmatamento sem controle e o aquecimento global. Estaríamos já às portas de um triste futuro ou trata-se de um fenômeno conjuntural?

### **Presidente Lula afirma que não vai fazer "gesto eleitoral" com juro**

23 ago – Folha Online - Além das referências que costuma fazer às realizações de seu governo, o presidente Lula também comentou sobre a questão das reformas políticas e voltou a mencionar as denúncias de corrupção.

"Precisamos repensar que tipo de reforma política nós vamos fazer. Tem coisas que nós precisamos mudar, que nós sabemos que são coisas do arco-da-velha e é preciso que haja compreensão dos partidos políticos", disse Lula, que acrescentou ser difícil fazer mudanças no meio de mandatos.

Além da catástrofe causada pelo fenômeno natural chamado Katrina, criticava-se a incompetência da máquina governamental do pedaço mais rico e poderoso de Brobdingnag para socorrer a população vitimada, a maioria formada por negros e pobres. Por outro lado, também havia notícias sobre importantes atos de solidariedade praticados pela sociedade civil, a despeito da falta de apoio das instituições do governo. O líder político daquele povo se defendia, apelando para a compreensão dos cidadãos, contestando com palavras o que mostravam os fatos<sup>190</sup>.

Outras reportagens enumeravam os mortos caídos numa guerra por um pedaço de terra produtora de petróleo, um combustível muito apreciado em Brobdingnag, apesar de seus efeitos perversos e poluidores. Pude verificar também pelas notícias que, após a passagem do furacão Katrina, alguns cientistas insistiam em alertar para o fato de que a intensidade das tempestades estava aumentando por causa do aquecimento de Brobdingnag que, por sua vez, é agravado pelo uso de combustíveis como o petróleo.

Enquanto uma parte do mundo estremecia sob as tempestades, a floresta tropical, considerada o grande oásis da diversidade das espécies e a esperança de vida no planeta,

---

<sup>190</sup> *Bush pede compreensão e promete recuperação total de Nova Orleans*. Notícia da Agência noticiosa EFE, 02/setembro/2005; *Katrina escancara o preconceito racial dos EUA*. Ajuda foi lenta por que maioria das vítimas era de negros e pobres. Notícia do jornal Der Spiegel (correspondente: Marc Pitzke), 10/setembro/2005.

sucumbia a uma seca terrível. As causas, diziam as notícias, eram o desmatamento sem controle e o aquecimento global<sup>191</sup>.

Voltando à guerra, a disputa pelo acesso ao tal combustível fica camuflada atrás de razões oficiais diferentes. O conflito foi instaurado pelo governo do mesmo país onde ocorreu o furacão. Julgando-se o melhor sistema democrático do mundo e guardião dos direitos humanos, o tal grande país enviou tropas ao pequeno território e destituiu seu governo para ajudar o outro povo a ser mais feliz. O problema é que, mesmo não gostando do antigo governante, os habitantes daquela nação invadida também não concordavam com as práticas do invasor. Os resultados dessa situação eram muita violência e morte<sup>192</sup>.

Nunca foi possível garantir um pacto que atendesse aos interesses de todos nessa região, que se localiza no Oriente Médio de Brobdingnag. De acordo com o jornalista Nahum Sirotsky, *nem autores, nem leitores têm vocação para o conhecimento científico do Oriente Médio, cuja complexidade é difícil para um ocidental penetrar*<sup>193</sup>. Essa complexidade se refere especialmente às inúmeras segmentações dentro de uma mesma religião, além de questões étnicas.

O país em conflito, que ocupa uma área de 437.072 quilômetros quadrados (pouco mais do que o dobro do tamanho de um único estado – Idaho – do país invasor), possui cerca de 28 milhões de habitantes. A maioria (75%) é composta por árabes, semitas; cerca de 15% são curdos não semitas, e o restante inclui assírios, caldeus, armênios, tucomanos. A religião majoritária é o islamismo, contando com 95% de fiéis entre os habitantes. Muçulmanos são os seguidores do islamismo, uma religião que congrega um projeto de organização da sociedade expresso na palavra árabe *islã*, que significa submissão confiante em *Alá* (Deus ou divindade). Desse total, 65% são formados pela facção xiita. O segundo maior grupo é de sunitas. Os curdos (15% da população do país) se inserem entre os sunitas, com uma diferença: não são fundamentalistas como os outros fiéis também sunitas.

Prestando atenção ao raciocínio de Nahum Sirotsky, fica um pouco mais claro esse imbróglio étnico-religioso:

---

<sup>191</sup> PINTO, Lúcio Flávio. *Da cheia à seca: o drama amazônico*. 27/10/2005: [www.amazonia.org.br/opinioao/artigo\\_detail.cfm?id=184832](http://www.amazonia.org.br/opinioao/artigo_detail.cfm?id=184832) e GRENNPEACE. *Seca na Amazônia: o futuro já chegou?* 18/10/2005: [www.adital.com.br/site/noticias/19375.asp?lang=PT&cod=19375](http://www.adital.com.br/site/noticias/19375.asp?lang=PT&cod=19375).

<sup>192</sup> *Curdos aprovam projeto de Constituição e ataques deixam mais de 40 mortos*. Notícia da Agência noticiosa AFP, 24/agosto/2005.

<sup>193</sup> SIROTSKY, Nahum. *Grito provocou tragédia no Iraque*. **Jornal Último Segundo**, 31/08/2005, <http://ultimosegundo.ig.com.br>

### **Grito provocou tragédia no Iraque**

31 ago (Último Segundo) - ...Tentem me acompanhar se tiverem interesse. O Iraque é o único país árabe com maioria xiita. O Irã, vizinho, também é xiita, porém não é árabe. Irã significa país dos arianos que são morenos e falam o persa. (Hitler, o líder nazista alemão queria seu povo ariano que imaginava louro).

Cerca de 90% dos muçulmanos são sunitas. Sunitas são os que seguem a tradição e as leis herdadas de Maomé que, na história da religião islâmica, foi aquele que subiu a Deus de quem, num encontro cara a cara, recebeu a Revelação da fé, o Corão. Os xiitas têm Ali e santos diversos, que os sunitas rejeitam. Mas na essência praticam o islamismo. Os curdos e iranianos têm tipos físicos que se pode distinguir. Não existem diferenças nos tipos árabes. Não se pode saber quem é xiita ou sunita ou o quê. No Iraque, cada seita prefere se concentrar em bairros ou vilas. A mistura fica para a hora do trabalho. São evitadas relações mais próximas, pois nelas há riscos, como casamentos, que são indesejáveis. Para se ter uma idéia melhor, imagine-se as cidades brasileiras divididas em bairros por seitas cristãs. O bairro da Igreja Universal, da Assembléia de Deus, dos batistas, dos católicos.

Sunitas e xiitas não confiam uns nos outros. Preferem não confiarem nos curdos que são outro povo, com outros hábitos e tradições nacionais. O Iraque sempre teve governos autoritários que foram aqueles que administravam a confusão, com mão forte e dureza. Qualquer forma de democracia nunca foi testada.

Os sunitas insistem que seja um país árabe de leis islâmicas pela Constituição. Os xiitas pensam em leis que tenham inspiração xiita. Os curdos aceitam permanecer como parte do Iraque, se for preservada a autonomia de que gozam. Nunca, em país algum e época alguma, foi possível satisfazer a todos ao mesmo tempo. Os americanos do presidente Bush pretendem realizar o milagre de um Iraque democrático e unido<sup>194</sup>.

Os jornais que li davam conta que as disputas em Brobdingnag não se restringem ao interior da religião islâmica. Sempre houve incompreensões entre as diversas crenças. Muitas delas com desenlace trágico: ataques armados e morte, em pequena ou em larga escala. Ultimamente, fiéis extremistas, de vários lados, têm planejado e executado, com sucesso, espetaculares atos terroristas com saldo de milhares de mortos. Politicamente organizados e treinados em práticas de guerrilha, adeptos dessas facções extremistas se suicidam explodindo bombas em aviões, prédios, estações do metrô e em outros ícones da apavorada civilização, que, por sua vez, também se defende atacando o que vê e o que não vê como ameaça.

Em Brobdingnag, os deuses possuem os mesmos desejos e convicções dos humanos e se comportam segundo as idéias e os atos dos homens que, por sua vez, imputam às entidades divinas as responsabilidades sobre suas ações. Os brobdingnaguianos são simultaneamente anjos e demônios, como os seus deuses.

---

<sup>194</sup> Idem, op. cit.

Enquanto isso, em outro pedaço deste mundo, outro presidente de outra nação enfrentava uma enxurrada de denúncias de corrupção, envolvendo o poder executivo, o poder legislativo, empresas públicas e privadas. Mas, como mudar um sistema que, embora equivocados, se mantém há longos anos? Mais do que isso: como alterar um sistema que, embora indesejável para a maioria da população, garante privilégios e poder de uma minoria de quem depende sua manutenção ou reformulação? Este presidente também apelava para a compreensão<sup>195</sup>.

Além dos discursos políticos a favor ou contra as pessoas envolvidas nos escândalos, o povo, às vezes, protestava nas ruas, e os poetas, indignados, cantavam:

— *Neste Brasil corrupção  
pontapé bundão  
puto saco de mau cheiro  
do Acre ao Rio de Janeiro*

*Neste país de manda-chuvas  
cheio de mãos e luvas  
tem sempre alguém se dando bem  
de São Paulo a Belém*

*Pego meu violão de guerra  
pra responder essa sujeira  
E como começo de caminho  
quero a unimultiplicidade  
onde cada homem é sozinho  
a casa da humanidade*

*Não tenho nada na cabeça  
a não ser o céu  
não tenho nada por sapato  
a não ser o passo*

*Neste país de pouca renda  
senhoras costurando  
pela injustiça vão rezando  
da Bahia ao Espírito Santo*

*Brasília tem suas estradas  
mas eu navego é noutras águas  
E como começo de caminho*

---

<sup>195</sup> *Presidente Lula afirma que não vai fazer "gesto eleitoral" com jurros.* Notícia da Folha Online, 23/agosto/2005.

*quero a unimultiplicidade  
onde cada homem é sozinho a casa da humanidade*<sup>196</sup>.

Neste ponto, especificamente, a diferença entre a antiga Brobdingnag e esta que eu percorria era enorme! Na corte visitada por Gulliver, a opinião corrente era de que *a pessoa que fizesse crescerem dois pés de milho ou duas moitas de capim num pedaço de terra, no qual até então só houvesse nascido um, teria prestado à humanidade e ao seu país um serviço muito mais valioso do que toda raça de políticos juntos*<sup>197</sup>.

Antes era mesmo mais fácil esse avesso de valores. Ainda o é nas comunidades que guardam uma certa distância das nações-Estado, embora sejam oprimidas e discriminadas por elas.

Brobdingnag é um mundo de certezas; um mundo de dúvidas e um mundo de crises. Corrupção, violência, fome, miséria, racismo e outros preconceitos, inclusive os socioeconômicos, os religiosos, os teóricos, os científicos, são marcas muito freqüentes, como se fossem quelóides<sup>198</sup> vivos sobre a pele dos espíritos. Mesmo sendo, nenhum homem é tratado como a casa da humanidade. E muitos, inclusive os líderes políticos, os pais, os patrões, enfim, os *manda-chuvas* que detêm alguma forma de poder, vivem clamando por compreensão. Na maioria das vezes, quem apela assim quer que outros engulam, cegamente, a verdade que lhes empurram, isenta de qualquer compreensão.

Os preconceitos, na maioria das vezes, se entrelaçam. Pessoas com características físicas diferentes (cor da pele, textura do cabelo etc.) são mais discriminadas quando são pobres e alguns de seus costumes, inclusive os religiosos, são tidos como primitivos. Os brobdingnaguianos, sem exceção, são etnocêntricos, *cada grupo toma suas características culturais como certas e como medida para avaliar os demais. Há sempre dois processos complementares: o da identidade e o da alteridade. O outro (alter), o diferente é sempre visto com suspeita*<sup>199</sup>. Esse é um grande paradoxo tendo em vista que a vida é diversidade e a mestiçagem é a vocação dessa espécie.

Aliados a isso, o mercantilismo e a sede de poder se agarram com unhas e dentes às instituições – tanto as nacionais quanto as supranacionais – que deveriam cuidar do bem-estar das populações. O sistema econômico mais praticado em Brobdingnag é o que eles chamam de capitalismo, sustentado por uma ideologia chamada neoliberalismo. Alguns países tentaram fugir

---

<sup>196</sup> Música *Unimultiplicidade*, autoria de Ana Carolina e Tom Zé.

<sup>197</sup> SWIFT, op. cit., p. 177.

<sup>198</sup> Quelóide é uma hipertrofia celular que ocorre nas lesões cicatríciais de algumas regiões do corpo, ou seja, uma hiperplasia, sendo que hiper quer dizer aumento e plasia, celular.

<sup>199</sup> KNOBBE, 2005, p. 18-23.

desse sistema criando outras opções. Nenhuma obteve sucesso absoluto. De uma forma ou de outra, todos voltaram para o capitalismo, que se supera sempre mais em sua capacidade de enriquecer os mais ricos e empobrecer os mais pobres, submetendo os poderes políticos às razões financeiras, de difícil compreensão.

Eu também comparava Brobdingnag a Lilibut, a primeira terra onde aportei nesta aventura. Uma das sensações diferentes de Lilibut, o centro do tempo, é que, em Brobdingnag, há todos os tempos. Cada tempo é verdadeiro, porém as verdades não são as mesmas. Há o tempo mecânico e o tempo corporal. *O primeiro não se desvia, é predeterminado. O segundo toma as decisões à medida que avança*<sup>200</sup>.

Há igualmente pedaços de passado, pedaços de presente e pedaços de futuro. Cada área de Brobdingnag está presa a um tempo diferente daquele expresso pelos calendários locais, que afirmam estarem vivendo no século XXI. Um aglomerado humano vive no século XV. Outro é uma fotografia do século XIX. *Neste mundo, a textura do tempo parece ser pegajosa. Porções de cidades aderem a algum momento na história e não se soltam. Do mesmo modo, algumas pessoas ficam presas em algum ponto de suas vidas e não se libertam*<sup>201</sup>. Infelizmente, não conheci ninguém totalmente ligado ao dia 17 de setembro que, segundo consta, deve ser dedicado à Compreensão Mundial.

Percorrendo todas as imagens contidas neste globo, como se estivesse num turbilhão de memórias, assisti à evolução do homem, desde os tempos das cavernas, passando pelas antigas civilizações, até a projeção de alguns futuros. Vi inventos que transformaram Brobdingnag e seus habitantes, capazes de alterar a compreensão de tudo.

Vislumbrei desastres terríveis, como o causado pela bomba atômica, e guerras motivadas por governantes dementes; o massacre do povo judeu, e de inúmeras culturas: africanas, indígenas, entre outras; diversas escravidões.

Crianças, homens e mulheres morrendo de fome, esqueléticos, ao lado de outros tantos acometidos pela doença da obesidade, por excesso e descontrole na oferta de comida. Há relatórios e mais relatórios oficiais sobre o assunto, conforme pude verificar nos jornais:

**Segundo relatório, fome mata 6 milhões de crianças**  
23 nov (Folha de S. Paulo) - Relatório anual da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação) divulgado ontem afirma que cerca de 6 milhões de crianças morrem anualmente devido à

---

<sup>200</sup> LIGHTMAN, op. cit., p. 24, 25.

<sup>201</sup> Idem, p. 60.

fome e à subnutrição. A FAO reiterou seu pedido de mais esforços para melhorar a agricultura nos países pobres, a fim de combater a fome.<sup>202</sup>

Como esse problema está longe de ser solucionado, apesar de antigo e vergonhoso, há quem encontre uma saída satírica para a questão. Um respeitado escritor do século XVIII, cansado de esperar pelos resultados das políticas de combate à fome, elaborou o que ele chamou de *Modesta proposta*<sup>203</sup>. Destruindo a pretensão racionalista de que o progresso intelectual e científico resolveria o problema, o autor sugere, de forma mordaz, que as crianças pobres de seu país, a Irlanda, sejam criadas para alimentar os mais abastados. Assim, elas deixariam de ser uma carga para os pais e seriam transformadas em benefício público, como alimento nutritivo e substancial...

Três séculos depois, R. Moraes questiona:

— *Em que tempo estamos hoje? Um tempo em que há várias maneiras de devorar crianças e de fazer desse ofício uma indústria. (...) Hoje, comemos uma criança asiática, trabalhadora semi-escrava, quando fazemos algo tão prosaico como adquirir um tênis de marca. Comemos, ainda, em outros banquetes, crianças africanas, prato típico de um continente classificado como “descartável” em tantos relatórios de entidades multilaterais e analistas de mercado. Servem-nos, ainda uma vez, bandejas latino-americanas e asiáticas, cobertas de trabalho infantil, de febre, fome e diarreia, de descaso e de pouco caso. Há várias maneiras de comer crianças e há várias maneiras de fingir que não o fazemos – ou de temperar o prato para que se disfarce o gosto*<sup>204</sup>.

Ao mesmo tempo, vislumbrei processos de regeneração da vida, como consequência de um estado de amor que só os brobdingnaguanos sabem alcançar, através da comunhão com os outros e de um maravilhamento frente às belezas de seu mundo. Talvez porque nem sempre os homens desta terra se assemelhem a um *cabo de vassoura*, nem sempre são *criaturas de pernas para o ar*, como a imagem construída pelo escritor Jonathan Swift para ridicularizar a sua espécie:

— *Suas faculdades animais perpetuamente montadas sobre suas faculdades racionais, sua cabeça onde deveriam estar seus calcanhares, arrastando-se pela terra. E, com todas as suas falhas, ele se pretende um reformador e corregedor universal dos abusos, um redentor de injustiças. Vasculha os mais sórdidos recantos, trazendo à luz corrupções ocultas, e levanta uma imensa*

---

<sup>202</sup> Jornal Folha de S.Paulo, 23/11/2005: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2311200517.htm>

<sup>203</sup> SWIFT, Jonathan. *Modesta proposta e outros textos satíricos*. Trad. José Oscar de Almeida Marques e Dorothee de Bruchard. São Paulo: Unesp, 2005b. A *Modesta proposta* de Swift se dirige à Irlanda do século XVIII.

<sup>204</sup> MORAES, R. Prefácio à guisa de antepasto. In: SWIFT, 2005b, p. 9-10.

*nuvem de pó onde antes nada havia, impregnando-se profundamente, ao mesmo tempo, dessa mesma poluição que pretende eliminar*<sup>205</sup>.

A imagem da nuvem de pó se condensou à minha volta. Nela desfilava, como um turbilhão de memórias, impérios que se erguiam e se destruíam, confundidos pela própria ganância. Tudo girava num denso redemoinho chamado *A humanidade da humanidade – a identidade humana*<sup>206</sup>. Mas, o que eu via era mais e, ao mesmo tempo, menos do que o próprio redemoinho. De repente, era como se eu estivesse dentro da estrutura do DNA e, girando, me movia junto com bicicletas, aviões, computadores, satélites e foguetes...

Naquela vertigem, confirmei outra fundamental característica de Brobdingnag: o gigantismo dos seres; de suas produções e de suas destruições. A espécie humana não é a única, mas se considera a melhor e mais importante invenção dos deuses, porque é a única – até onde se sabe – a possuir consciência, embora fuja dela. A inconsciência ainda é majoritária, submetendo as outras existências animadas e inanimadas – animais, vegetais, minerais – aos seus caprichos.

Os humanos do lugar são *hiper* e *super*: *hipervivos, hiperdinâmicos, hipermamíferos, hipersexuados, superprimatas*<sup>207</sup>. Uma mania entre eles é rotular como *super, hiper, ultra, master, blaster* tudo o que os deixa felizes para torná-los à sua imagem e semelhança. São, ainda, cerebralmente *sapiens-demens*. Carregam, ao mesmo tempo, a racionalidade, o delírio, a *hubris* (insensatez), a criatividade, a destrutividade... o bem e o mal. Em uma palavra: são seres *complexos*, formados pelo entrelaçamento de aspectos biofísicos e psico-sócio-culturais. Essa complexidade se desenvolve a partir de três instâncias inseparáveis: cérebro-cultura-espírito.

Esses seres estão enraizados neste universo comum a todos, mas criam seus próprios mundos particulares. Estão sujeitos à passagem do tempo comum a todos, mas se ligam a um tempo próprio. Vivem em um meio palpável – físico e biológico –, mas criam outro meio para viver: a noosfera, um reino de idéias, mitos, deuses e de magia.

O nó da cultura e das sociedades criadas por eles é a linguagem, uma emergência surgida durante a evolução da espécie. Os brobdingnaguianos são todos gêmeos pela linguagem, mas separados pelas línguas. São semelhantes pela cultura e completamente diferentes pelas culturas.

---

<sup>205</sup> *Meditação a respeito de um cabo de vassoura, segundo o estilo e maneira das Meditações do honorável Robert Boyle*. In: SWIFT, 2005b, p. 42-43.

<sup>206</sup> MORIN, Edgar. *O método 5 – a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

<sup>207</sup> Idem.

Cada um é único e múltiplo. *Cada um contém uma solidão inacreditável, uma pluralidade extraordinária, um cosmo insondável*<sup>208</sup>.

Sob um aspecto pelo menos os brobdingnaguianos são muito parecidos com os liliputianos. Os dois povos se dedicam a longuíssimas digressões numa prosa explicativa. No entanto, se se deixam penetrar pela poesia, são capazes de pensar que compreenderam o incompreensível.

Apesar de todas as raízes – físicas, biológicas, culturais – os habitantes de Brobdingnag se desenvolvem para além delas. *É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade*<sup>209</sup>. O sublime e o grotesco se fundem em comédias e tragédias. Barbárie e civilização convivem, apesar de se excluírem parcialmente.

Depois dessa rápida visão geral, comecei a prestar atenção a cada gigante que passava por mim. Lembrei-me de que quando estava em Liliput, a pele daquelas pessoas pequeninas me parecia a mais linda do universo. Concordei com as impressões de Gulliver sobre o seu primeiro encontro com os seres gigantes: fiquei chocada como os defeitos das pessoas se *sobressaem como se fossem vistos como que através de uma lente de aumento*<sup>210</sup>. Afora essas questões de proporção, individualmente os brobdingnaguianos são até simpáticos e, a uma certa distância, adquirem um ar inofensivo.

Durante o tempo que os observei caminhar pelas ruas, tive a impressão de que não fui notada. Pareceu-me que cada um dos passantes estava muito ocupado consigo mesmo. Aqui e ali alguém falava, gesticulava, sorria ou cantava sozinho. Muitos pareciam sonâmbulos, vivendo como autômatos ou possuídos, às vezes acometidos por relâmpagos de lucidez.

A curiosidade não respeita normas de segurança e aproximei-me de alguns deles, aleatoriamente, para perguntar o que entendiam sobre o motivo que me levava a empreender esta viagem. Após os habituais salamaleques de cortesia, interrogava:

— *Alguma vez você sentiu que realmente compreendeu alguém?*

A maioria dos entrevistados simplesmente me ignorou, não me escutou ou não entendeu a pergunta. Mais de 80 pessoas foram abordadas e apenas sete se dispuseram a pensar sobre a questão<sup>211</sup>.

---

<sup>208</sup> MORIN, 2002, op. cit., p. 94.

<sup>209</sup> Idem, p. 50.

<sup>210</sup> SWIFT, 2005a, op. cit., p. 129.

<sup>211</sup> Os números aqui citados, a pergunta e as respostas da enquete correspondem de fato à amostragem, realizada por mim, através da internet.

Desses brobdingnagianos atenciosos, obtive depoimentos muitos significativos, reproduzidos a seguir.

**Fotógrafo inquieto:**

— Não.

**Médico artista:**

— *Acho que sim. Mais do que isso, fui tolerante com muitas pessoas em muitas situações. Eu sempre tive uma visão muito crítica sobre os gestores, os políticos, os que têm responsabilidade por alguma coisa que envolva pessoas, como o poder público. O tempo me ensinou a ser mais compreensivo e comedido, a posicionar-me no lugar do outro. Assimilei essa lição depois de ter sido “passado no liquidificador”... Aprendi muito sobre a essência do ser humano, suas facetas, artimanhas e também sobre a sua grandiosidade. Pude também, enfim, definir muito bem o que serve ou não para mim e para os outros.*

**Bibliotecário místico:**

— *Sim. Já tive um lampejo de compreensão. Foi como um clarão na cabeça, como se literalmente as fichas caíssem, a ligação completasse e, então, a comunicação se estabelecesse em outras bases. A sensação é mais ou menos essa. É claro que era uma matéria que muito me intrigava e eu não conseguia entender até que uma única mudança de articulação fez toda a diferença e o interlocutor ganhou outras condições de possibilidades que eu jamais teria percebido antes de compreendê-lo. O ganho, para mim, é que a comunicação agiliza e os contínuos ganhos de compreensão se intensificam. Dá um misto de felicidade e de júbilo, eu vibro por dentro. Em geral, fico tão entusiasmado que a pessoa também brilha junto comigo. Quando isso acontece, é perfeito porque aí a sintonia é total.*

**Escritora cinéfila:**

— *Penso e vivo a compreensão como um exercício imaginativo. Li em algum lugar que Jung teria dito que fazer mal a alguém é uma falta de imaginação extrema; é não conseguir se colocar no lugar do outro. Acredito nisso. Muitas vezes penso que me coloco no lugar de alguém e consigo compreender suas ações, ter empatia com seus sentimentos... Outras vezes, não, o outro me parece muito obscuro, muito inacessível. Quando acho que compreendo, isso passa por também me sentir compreendida, e esse é um momento mágico. Se for compreensão intelectual, é como se o mundo se ampliasse. Se for intelecto e sentimento compartilhados, é como se eu não fosse mais só*

*no mundo, não fosse nem mais só eu, uma individualidade, mas um continuum com o universo. Pena que sejam ainda momentos tão efêmeros...*

**Executiva sentimental:**

*— Posso falar da minha compreensão em algumas dimensões. Separo em dimensões pois a maneira como compreendo as pessoas, os fatos e o conhecimento de uma maneira geral possuem elementos diferenciadores e complementares. Descobri que quanto mais compreendo meus sentimentos, minha cabeça, meus medos, minhas limitações, minhas fraquezas e meus traumas, mais compreendo o próximo. Por exemplo, há uns 15 dias, num curso de dinâmica de grupo para empresas (coisas de RH), percebi que me irritava com uma colega e não sabia o porquê. Percebia que ela parecia querer mostrar saber mais do que a própria professora e que fazia críticas implícitas. Ou seja, ela falava muito: eu faço, eu aconteço, eu, eu... Parei para analisar e comecei a me perguntar porque ela me incomodava tanto. Percebi que a colega me irritava com aquilo que exatamente eu reprimia em mim mesma. Eu também me acho o máximo, mas não manifesto isso, porque não acho legal fazê-lo; não quero ser pedante, arrogante... Uma vez esclarecido o porquê da irritação, ela simplesmente não me incomodou mais. No fim do curso eu passei a olhá-la com mais compreensão e até com carinho, pois ela é realmente muito inteligente.*

*Agora, para compreender um texto científico eu preciso ler e falar dele. É como uma decodificação. Quando se fala a respeito de um tema lido, essa fala vem com minha subjetividade e só dessa forma consigo fixar melhor o conhecimento. É como se houvesse uma tradução dentro da minha cabeça. O ler e ouvir, para depois falar.*

*Quanto aos fatos, o dia a dia, acho que uso de tudo um pouco: o olhar para mim, o olhar para os envolvidos e o olhar para a situação (tá parecendo a Arte da Guerra rss. rss...). O humor, a intuição, as afinidades, o desejo, os interesses podem tornar esse processo de compreensão mais fácil ou não, pois podemos sentir e compreender as coisas com todos os nossos sentidos. É mais ou menos por aí que tento compreender esse mundo doído.*

**Jornalista rebelde:**

*— Acredito que a compreensão é uma virtude da maturidade. São Francisco de Assis é sábio e santo de verdade, ao pedir ao Mestre para que ele mesmo procure mais compreender que ser compreendido. Amar – mais que ser amado – nunca foi fácil para ninguém. E a oração se tornou um dos hinos mais bonitos da igreja católica. Mesmo nas músicas profanas, encontramos Renato Russo cantando, em Pais e Filhos: 'Você me diz que seus pais não entendem / Mas você não*

*entende seus pais'. E acrescenta: 'Você culpa seus pais por tudo / E isso é um absurdo / São crianças como você'. E eu, que fui filha temporã, custei um bocado a compreender e ser compreendida pela minha mãe. Eu tinha (e tenho) um espírito rebelde. Mas hoje me surpreendo acomodada em atitudes conservadoras por amor à família.*

*Na adolescência, trocávamos farpas e, embora eu não bebesse, transasse ou fumasse maconha, minha mãe ainda dizia que eu era a ovelha negra da família... principalmente porque eu trabalhava em redação de jornal. Ela e meu pai – capitão e protestante – achavam que não era ambiente para uma moça de dezoito anos. Ainda mais porque eu dava carona para os colegas repórteres. É que minha mãe, depois de lutar com alguma dificuldade – era casada com um revolucionário de 30 que nunca viveu folgado – dava nó em pingo d'água para criar um casal de filhos. Onze anos depois, engravidou de mim e desejou abortar. Meu pai foi radicalmente contra. Ela só me contou isso, com uma aparente naturalidade, quando estávamos batendo papo no terraço, com meu namorado, quase marido. Nessa hora me faltou chão. Mesmo com todo abalo, fui compreendendo aos poucos as suas dificuldades, e parece até que isso fortaleceu a nossa união. Se eu era parecida com meu pai e mais apegada a ele, foi quando minha mãe morreu que eu senti um grande e incomparável vazio.*

*Hoje, quando leio suas cartas datilografadas para meu pai, quando viajava, vejo as suas preocupações para pagar as contas no fim do mês. E vejo também como se referia a mim no diminutivo, com um carinho que só muito depois eu pude traduzir. Como se fazer um vestidinho caprichado ou um milk shake que eu gostasse não fosse uma forte demonstração de amor.*

*Por outro lado, para compreender os filhos – uma vez uma psicóloga me explicou – é preciso entrar em sintonia fina. A linguagem não-verbal dos bebês, por exemplo, é uma ciência à parte. É por isso que acredito que quem não tem filhos dificilmente terá a verdadeira dimensão da maternidade. Só quando os nossos filhos nascem passamos a compreender melhor os nossos pais.*

#### **Papai-sabe-tudo:**

*— Buscar a unificação de um entendimento sobre o verbo compreender me faz voltar no tempo. Primeiro, vamos ao Aurélio. O pai dos curiosos nos diz que a palavra pode significar "conter em si; incorporar; atinar com; perceber, entender; perceber ou alcançar as intenções ou o sentido de; entender (alguém), aceitando como é; ouvir; encerrar-se".*

*Se for para considerar um momento ou uma situação que possa fundir todos esses sentidos de uma só vez, lembro de uma passagem guardada num passado recente, nada mais que meia*

*dúzia de palavras para se chegar à mais profunda sensação de compreensão que já me aconteceu. Pode até parecer uma bobagem ou até uma "viagem", mas é a prova que faltava para mostrar que só a "pureza" pode permitir a plenitude da compreensão. Vamos ao fato:*

*Há dois anos, saindo com minha filha da casa de um amigo, uma pergunta típica da fase dos "porquês" de quem ainda tem 3 anos e meio deixou-me encucado: "Papai por que não vamos no carro vermelho?" ... em segundos, pensei: "Se eu explicar que o outro carro é da mulher desse meu amigo, e que o dele era o verde, no caso nossa carona, também lembrei da bateria de perguntas que já tinha respondido naquele dia e que o caso iria gerar outro inquérito, acabei respondendo da forma mais óbvia e sem rodeios possível".*

*Sem pestanejar, apenas disse: "Ué, porque esse é verde!"*

*Na hora, percebi que ela ficou meio desconfiada com a resposta, olhou de lado pra ver minha reação, nada, sustentei tudo no olhar e na serenidade, sentiu minha firmeza. Afinal, ela também sabia que o que importava mesmo era a carona, e que o detalhe da diferença de um Volkswagen para um Renault não fazia tanta diferença como a cor do veículo.*

*Ainda vi a pequena mente processando, compreendendo plenamente, e passando adiante com outra pergunta menos instigante. Na verdade, uma verdadeira sinuca de bico que só uma resposta rápida e segura, aliada com a tal pureza, poderia atingir um nível perfeito de compreensão. Simples?*

Após escutar essas reflexões sinceras, os brobdingnaguianos tomaram outra feição, para mim. Tudo o que posso dizer sobre eles já está ultrapassado no momento de dizer. Eles mudam muito rápido, embora mudem muito pouco. Todos marcham numa história sem compreendê-la muito bem. Mesmo assim, ainda insistem que são capazes de mudar essa história, de mudar o seu mundo, fazendo pequenas e grandes coisas, invertendo relações, mudando os desgostos em beleza. Os gigantes brobdingnaguianos são crianças que choram porque perderam a mãe e porque o pai lhes dá medo. São demasiado grandes para eles mesmos. São pequenos e imensos. E é ela mesma, a humanidade de Brobdingnag, que se faz a cada dia a humanidade de Brobdingnag.

Numa divertida odisséia filosófica, chamada *Quase nada sobre quase tudo*, Jean d'Ormesson assume toda responsabilidade inventiva de sua espécie:

— *Inventei tudo, mas não do nada. Deram-me – quem? – algo informe, e dele fiz as árvores, a física, a moral, a economia comparada, Water Music, O nascimento de Vênus, e a mim mesmo*<sup>212</sup>.

Nessa incessante construção de si mesmos, os brobdingnaguianos também crescem numericamente. Como os espaços começam a se tornar exíguos, e a despeito de viverem em tempos diferentes, pressupõe-se que todas as áreas de Brobdingnag estejam globalmente unificadas. É verdade que há uma unificação microbiana, iniciada, há séculos, por grandes conquistas das populações das potências dominantes sobre povos colonizados. Como resultado, houve um gigantesco desenvolvimento das comunicações e das trocas entre povos e culturas, o que não garantiu o respeito a esses povos e culturas e nem a sua inserção na tal comunidade global.

Em entrevista a um jornal sobre esse assunto, o etólogo Boris Cyrulnik afirma que muitos brobdingnaguianos sofrem de ausência de empatia. São incapazes de representarem o mundo do outro; não aprenderam que há maneiras de ser brobdingnaguiano distintas da sua:

Nov (Correio da Unesco) - ...Além disso, a mundialização angustia muitos indivíduos, que têm a impressão de despersonalizar-se. Pode haver uma mundialização de caráter técnico, mas não no plano psicológico<sup>213</sup>.

Para Cyrulnik, no plano psicológico, a identidade funciona como a palavra:

... Quando um bebê chega ao mundo, possui vários milhares de fonemas. Mas, para falar, é obrigado a reduzir esse número para valores que variam entre 100 e 300, conforme as línguas. A identidade também é uma redução – para vir a ser a pessoa que espero tornar-me, renuncio a mil coisas que nunca poderei assimilar. Hoje, com a mundialização, muitas pessoas tratam de encontrar as suas raízes, para poderem 'reduzir-se', a fim de adquirirem uma identidade<sup>214</sup>.

Nesse contexto, força-se uma dualidade: ou se opta pela desidentificação ou pela alienação. Principalmente os jovens estão perdidos e expostos ao recuo a uma identidade frenética que se converte em alienação. A grande questão para esses jovens é: *o que vou fazer com o que fizeram de mim?* Essa pergunta, argumenta Cyrulnik, só poderá ser respondida se esses indivíduos estiverem rodeados por estruturas afetivas – grupos que realizem a mesma atividade, amigos – e se puderem trabalhar. Mas, no entanto, acrescenta o etólogo:

... A tecnologia provocou uma revolução social tão importante que, atualmente, a Escola tem o monopólio da seleção social. Se um rapaz ou uma moça se sente bem na escola, tem êxito nos seus estudos e aprende um ofício, fará parte dos dois em cada três adolescentes que se beneficiam do melhoramento das estruturas da primeira infância. Mas

---

<sup>212</sup> ORMESSON, 1997, p. 235.

<sup>213</sup> Entrevista de Boris Cyrulnik a Sophie Boukhari no Correio da Unesco, novembro/2005: <http://www.spn.pt/artigo.asp?id=283>

<sup>214</sup> Idem.

uma de cada três crianças não está satisfeita na escola, sente-se humilhada e não tem possibilidade de se realizar em outra área; fica abandonada no bairro, sem trabalho e, muitas vezes, sem família.. E, então, o que faz para recuperar a auto-estima? Pratica atos com os quais se põe à prova, regressa a ritos arcaicos de integração, como a violência, as drogas....<sup>215</sup>

Prova disso é o movimento que explodiu com a revolta de milhares de jovens imigrantes, principalmente originários do Marrocos, Argélia, Tunísia e outras partes da África, que vivem, sem dignidade e cidadania, nas grandes cidades dos países mais ricos. Uma violência que expressa desespero, raiva e o sentimento de injustiça<sup>216</sup>. Os acontecimentos, chamados de *a revolta dos imigrantes*, reacenderam antigas fobias raciais em novos choques de civilizações e guerras religiosas<sup>217</sup>.

A maioria dos especialistas convidados pelas redes de comunicação, para explicar esses eventos ao público, reforça ainda mais a tendência de culpar os jovens islâmicos pela deflagração de uma nova era de barbárie. Ao se questionar, por exemplo, *por que as crianças africanas estão nas ruas e não na escola? Por que os seus pais não podem comprar um apartamento?*, há quem responda: *porque muitos desses africanos, podem acreditar, são polígamos*<sup>218</sup>. Como se uma simples característica cultural diferente justificasse a espoliação de bens e território, além da expropriação de direitos de um grupo humano sobre outro.

Outra pergunta tem sido feita por algumas organizações que pregam a paz: *o que é, de fato, compreensão?* Sem respostas definitivas, há apostas, por exemplo, num diálogo menos belicoso entre culturas, como revela um panfleto que recolhi em minhas andanças por Brobdingnag:

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> BBC. *Desemprego e racismo alimentam revolta em Paris*. 3/11/2005: <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI738431-EI294,00.html>.

<sup>217</sup> Le Monde. *Violência na França estimula o racismo na Rússia: Imagem dos distúrbios amplia rejeição de russos a árabes e negros*. 17/11/2005: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2005/11/17/ult580u1755.jhtm>

<sup>218</sup> Idem.



É preciso que as pessoas saibam que são constituídas por uma combinação de diversos elementos. Todas as identidades são produto de uma variada herança tanto genética quanto cultural. O problema é que as civilizações em Brobdingnag se desenvolvem sobre uma ética da exclusão e da identidade estática. Mas, entre os caminhos da desidentificação e da alienação, outros atalhos são possíveis. Eu soube que um desses atalhos está sendo inventado pelo senhor Oscar Tramor, que inclusive reinventou seu nome e faz carreira de sucesso na música internacional como Manu Chao.

Filho de espanhóis, Tramor nasceu na França. Durante a adolescência, atravessava o canal para mergulhar na cena punk londrina, se impregnando de múltiplas influências culturais. Criou o grupo musical Mano Negra (emprestado de uma organização anarquista espanhola) para cantar *a feira de mentiras* em um mundo difícil e propor uma próxima estação: a esperança. Uma de suas músicas, chamada *Clandestino*, que ouvi numa rádio de Brobdingnag, expõe a sua interpretação dessa mundialização técnica, mas não psicológica e cultural, da qual fala Boris Cyrulnik:

---

<sup>219</sup> Jornal Missão Jovem (P.I.M.E.): <http://www.pime.org.br/pimenet/missaojovem/mjpazpaz.htm>

— Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Para burlar la ley  
Perdido en el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen el clandestino  
Por no llevar papel  
Pa' una ciudad del norte  
Yo me fui a trabajar  
Mi vida la dejé  
Entre Ceuta y Gibraltar  
Soy una raya en el mar  
Fantasma en la ciudad  
Mi vida va prohibida  
Dice la autoridad

Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Por no llevar papel  
Perdido en el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen el clandestino  
Yo soy el quiebra ley  
Mano Negra clandestina  
Peruano clandestino  
Africano clandestino  
Marijuana ilegal

Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Para burlar la ley  
Perdido en el corazón  
De la grande Babylon  
Me dicen el clandestino  
Por no llevar papel.

A arte também é tida como clandestina em Brobdingnag e não é levada em consideração nos discursos e análises da ciência e da política. Talvez por isso, a música de Manu Chao sirva apenas como entretenimento para seus fãs espalhados por todo este mundo e seja incapaz de provocar atitudes de mudança ou penetrar nas discussões sérias sobre as tragédias vividas na aldeia global. Ele faz a sua parte. Assumiu as suas múltiplas referências e canta as vicissitudes

pelas quais passam todos os clandestinos da mundialização. Se o que ele comunica tem seu código destravado por quem é alvo da comunicação e reformula experiências de vida, é outra história...

Talvez o próprio Chao tenha ensaiado uma resposta a essa questão em outra letra de música, quando insinua que a humanidade de Brobdingnag continua perdida, desaparecida de si mesma:

— *Me llaman el desaparecido  
Que cuando llega ya se ha ido  
Volando vengo, volando voy  
Deprisa deprisa a rumbo perdido*

*Cuando me buscan nunca estoy  
Cuando me encuentran yo no soy  
El que está enfrente porque ya  
Me fui corriendo más allá  
Me dicen el desaparecido  
Fantasma que nunca está  
Me dicen el desagradecido  
Pero esa no es la verdad  
Yo llevo en el cuerpo un dolor  
Que no me deja respirar  
Llevo en el cuerpo una condena  
Que siempre me echa a caminar  
Me dicen el desaparecido  
Que cuando llega ya se ha ido  
Volando vengo, volando voy  
Deprisa deprisa a rumbo perdido  
Yo llevo en el cuerpo un motor  
Que nunca deja de rolar  
Yo llevo en el alma un camino  
Destinado a nunca llegar*

*Me llaman el desaparecido  
Cuando llega ya se ha ido  
Volando vengo, volando voy  
Deprisa deprisa a rumbo perdido  
Perdido en el siglo... siglo XX... rumbo al XXI<sup>220</sup>.*

Perdida em minha reflexão sobre esses processos de comunicação e mundialização, fui abruptamente chacoalhada por um grito. Sem querer, eu acho que estava pensando alto, o que motivou a intervenção de um desconhecido. Como se estivéssemos juntos assistindo a um grande show, o estranho retrucou:

---

<sup>220</sup> Música *Desaparecido*.

— *Esse som é ensurdecedor. Havia uma vibração, mas foi breve. Era muito simplório. Acho que as letras seriam legais se você conseguisse ouvi-las. Provavelmente, falam de Causas, Decências, Amor achado e perdido etc. As pessoas precisam daquilo – anti-sistema, anti-pais, anti-alguma coisa. Mas uma banda milionária e bem-sucedida como aquela, independente do que disser, AGORA FAZIA PARTE DO SISTEMA*<sup>221</sup>.

Não sei se Manu Chao é milionário. Bem-sucedido ele parecia ser. De qualquer forma, os argumentos do estranho faziam sentido... o sistema e a convenção apagam a chama; eliminam os fluxos exopoiéticos e heteropoiéticos da comunicação. Isso não acontece apenas em relação à música.

O cinema é outra arte que não apenas documenta a condição humana, mas ao mesmo tempo pode antecipar horizontes. Esse é o caso do filme que escolhi assistir aleatoriamente, para relaxar de minha pesquisa. A sinopse, no cartaz, sob o título *Banlieue 13*<sup>222</sup>, prometia: *um poderoso e espetacular filme de ação produzido pelo mago das grandes produções do cinema, Luc Besson*. Qual não foi a minha surpresa ao me deparar com uma história de ficção produzida um ano antes da chamada *revolta dos imigrantes*, contendo os principais elementos que explodiram na *vida real*?

No filme, um muro é erguido na Paris de 2013, isolando os guetos da cidade. O governo vai, aos poucos, desativando os serviços públicos dentro desses guetos, fechando escolas, postos de saúde, delegacias de polícia e, por fim, tenta explodir uma bomba para acabar com todos os habitantes de um dos guetos mais populosos, onde moram negros e árabes tidos como violentos e perigosos. Um policial é encarregado de desativar a bomba, sem saber que, na verdade, a estaria ativando. Ao perceber o intento de seus superiores, o herói se une aos habitantes do Banlieue 13 e denuncia a tentativa de extermínio em massa.

Junto com as imagens finais do *happy end*, outra música grita alto em meus ouvidos: o filme acabou, mas, os guetos continuam aí....

— *j'suis  
un résistant, résistant, résistant, mais quoi?  
un résistant, résistant, résistant, mais quoi?  
un résistant, résistant, résistant, mais quoi?  
un militant devant la foule j'hésite pas*

*on veut m'formater, artiste qui passe partout  
on veut qu'fasse des singles sur des bit de cartoon*

---

<sup>221</sup> BUKOWSKI, 2003, p. 138.

<sup>222</sup> França, 2004, dirigido por Pierre Morel.

on veut qu'ferme ma gueule on bref monte on casse tout  
 mais on laisse parlé les trav' et les babtous  
 j'changerais pas c'est comme voir Bush avec un chapelet  
 c'est comme voir mon frère Doum fréné a Chapelet  
 impossible qu'Iron devient, une saleté  
 audiovisuel comme les 3/4 du rap français  
 j'suis fiancé a la rue, mais j'vais pas l'épouser  
 j'veux m'barrer d'cette vie j'pense a t'faire danser  
 mon rap culture une touche de vérité  
 je sais c'que j'écris et j'évite de m'emporter  
 j'ai tué personnes comme Michel Fournirai  
 y'a pas d'sérial killer qui traîne dans mon quartier  
 trop d'rappeurs, on chiés, sur le hip-hop  
 les culs mal lavés c'est pas ta place à skyrock  
 dans l'rap çai-fran aucun n'est millionnaire  
 y'a qu'des frimeurs qui rapent pour des fuminaires  
 tous on des traces de giffles sur les non-per  
 baisé par les majeurs frieurs de p'tites carrieres  
 les médias s'aproprient, notre cultures hors-berne  
 la cultures française est les morte j'lai mis dans la benne  
 avec les lois, les flics et la (...) Lepen  
 la tole, le fisc, et la double-BM  
 on peut pas m'chager c'est comme raser Bin-Laden  
 j'naratte c'que j'vois c'que j'vis j'touche à tout thèmes  
 j'lutte pour qu'on m'écoute pas pour qu'on m'suce le sgueg  
 le jour ou j'tourne ma veste moi-même j'me coupe les veines  
 Mon but c'est d'marquer la conscience des gens  
 mon a album un brelic qui s'lit avec les tympan  
 j'suis, un résistant devant la foule j'hésite pas  
 pour cracher mes phrases, écrire ces lettres la  
 vous étiez jamais (...) tout ceux qu'on mentit  
 Iron l'élú j'me fait sainte par tréniy  
 je chie, sur la célibriter  
 j'conduis mon rap mon état d'débriliter  
 joko sur joko j'écris la vérité  
 j'vis pas l'guettho depuis ma première récré  
 j'ai jamais rédis, dans la r'cherche j'avoue  
 trop joue les voyoux et après passe aux aveux  
 Moi j'aime la vie, j'la tise et savoure  
 devant un dring-bing comme tout le monde je cours  
 trop d'frac'qui fait pas d'fric  
 c'est pas en titubant que j'vais rentrer en Afrique  
 j'ai pas la clé donc, j'démarre au cric  
 sans stresse j'pars mais pas d'clé c'est la r'tride

*j'suis pas morte comme une brique sous drogue  
surchage vocal, même si j'suis en dog*<sup>223</sup>.

Mesmo tendo nascido em Thiais, uma região próxima ao aeroporto de Orly, em Paris, o autor dessa letra é um clandestino, como Manu Chao. Esse *résistant* chama-se Iron Sy e é filho de pai senegalês e mãe norte-americana. A contundente voz de Iron faz um espectador ao meu lado exclamar:

— *É a mesma dor em todos os lugares. Na Europa, nas Américas, na África, na Ásia... é a mesma, antiga, e outra, nova dor.*

*Résistant, résistant, résistant, mais quoi?* A contradição: os franceses, durante a segunda guerra mundial, formaram uma clandestina rede de *resistência* contra a dominação nazista em seu país, em nome do trinômio *Igualité, Fraternité, Liberté*.

Será que a nova resistência, pelas palavras, poderá fazer retroceder as novas velhas barbáries? Prega-se que a informação é um bem público e uma das aliadas para resolver os problemas críticos da humanidade. Mas as redes formadas pelos meios de comunicação de massa, que conectam todo este mundo como uma aldeia global, emitem um som ensurdecedor, a serviço da incompreensão e do mercantilismo, com um discurso infantilizante e gerador de mediocridades, com raras exceções. A conexão, que deveria unir o distante, acaba por separar até o próximo porque impõe uma enxurrada de informações impossíveis de serem processadas, truncando os processos comunicacionais entre os seres humanos. Muito pouco dessas informações gera conhecimento e compreensão.

No caso da televisão – o meio de comunicação mais popular –, por exemplo, há canais abertos, disponíveis a qualquer telespectador ao alcance das transmissões, e há canais fechados, cujo acesso é pago. Os canais abertos são freqüentemente os mais medíocres.

Nos canais fechados ainda há a possibilidade de acesso a conteúdos mais diversificados, como filmes; espetáculos de teatro, dança, música; entrevistas, documentários e programas de cunho educativo. Infelizmente, aí também tem havido uma tendência a alguns exageros.

Virou moda, tanto na tv fechada quanto na aberta, apresentar vários tipos de *reality show* acessíveis em todo o globo, com cenas reais de convivência forçada em diversas situações da vida. Mesmo que escancarem as variadas faces humanas, esses shows incitam mais ainda à megalomania e ao narcisismo, em busca de fama, dinheiro, poder e beleza. Há o *Big Brother*, o

---

<sup>223</sup> Música *Résistant*.

*Extreme Make Over, Troca de Esposas, The Swan, The Bachelor, Teste de fidelidade, The Contender, Absolute Challenge, The Cops Show, O aprendiz, Esquadrão da moda, Sua casa, minha casa, Enquanto você não vem, Jogo da vida* e muitos outros, originais e cópias. E há, ainda, a profusão dos programas de *pegadinhas*, que levam ao ar cenas onde as pessoas são filmadas, sem saber, em situações que vão do lúdico ao trágico.

No geral, a mídia endeusa tudo o que é superficial, passageiro; tudo o que é pré-pós-tudo. Está cega, mas guiando alguém, como denunciam, com humor, os compositores Lenine e Zélia Duncan:

— *Todo mundo quer ser bacana*  
*Álbuns, fotos, dicas pro fim de semana*  
*Filmes, sebos, modas, cabelos*  
*Cabeça-feita, receitas perfeitas*  
*Descobertas geniais*  
*Todo mundo acha que é novo*  
*Tribos, gírias, grifes, adornos*  
*Ritmos exóticos, viagens experimentais*  
*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Mente que sempre muito bem*  
*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Gosto que me enrosco em quem?*  
*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Não sei, mas tô dizendo amém*

*Todo mundo quer ser da hora*  
*Tem nego sambando com o ego de fora*  
*Caras, bocas, marcas estilos*  
*O ó do bobó, o rei da cocada*  
*A pedra fundamental*  
*Todo mundo quer ser de novo o novo*  
*O ovo de pé, o estouro*  
*Ícones atlânticos*  
*O dono da voz crucial*

*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Não vi, mas sinto que já vem*  
*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Moderno, eu não te enxergo bem*  
*Pré-pós-tudo-bossa-band*  
*Tá cego, mas tá guiando alguém*<sup>224</sup>.

---

<sup>224</sup> Música *Pré Pós Tudo Bossa Band*.

Por outro lado, há resistências significativas e brobdingnaguianos que pensam que, apesar das dificuldades, é possível uma outra configuração dos meios e dos agentes da comunicação. Aliás, para esses resistentes, é possível haver comunicação, algo muito mais amplo que simplesmente informar ou impor ícones e receitas perfeitas. Para Jesús Martín-Barbero, um estudioso desses processos:

— *Comunicar é tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido: reconheçam seu direito a viver e a pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios*<sup>225</sup>.

Mas a minha grande dúvida continuava a ser: como isso é possível com o som ensurdecedor do sistema, que penetra nas entranhas, anestesiando os seres?

De uma outra forma, um dos santos venerados em Brobdingnag já dizia há muitos séculos que da mesma boca podem proceder a maldição e a bênção<sup>226</sup>. Porém, a tal mundialização reforçou e ampliou os dois circuitos antagônicos e complementares, permitidos pelo sistema hegemônico: o circuito de conforto – bênção –, apenas para pequena parcela dos habitantes deste mundo, e o circuito de miséria – maldição –, para a maioria.

Esses circuitos são impulsionados por quatro motores conectados uns aos outros: a ciência, a técnica, a indústria e a economia capitalista. Segundo Edgar Morin, outro pensador *outsider* que tenta acordar o espírito humano da anestesia:

— *A ciência tornou-se cada vez mais central na sociedade, onipresente nas empresas e no Estado. Estreitamente associada à técnica, gera poderes gigantescos que escapam ao controle dos cientistas. Hoje, o desenvolvimento das ciências desenvolve as técnicas que desenvolvem as ciências, por isso se fala com precisão de tecnociência; o conhecimento do átomo engendrou as técnicas da bomba atômica e da energia nuclear; o conhecimento dos genes gerou toda uma indústria que já os manipula. Ciência e técnica estão associadas; técnica, indústria e lucro também*<sup>227</sup>.

Há necessidade de reformar esses motores para que utilizem outra fonte de energia baseada no humanismo, nos direitos humanos, no princípio reatualizado da liberdade – igualdade –

---

<sup>225</sup> MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 70, 71.

<sup>226</sup> Carta de São Tiago: “De uma mesma boca procedem a bênção e a maldição. Não convém, meus irmãos, que seja assim” (Tg 3,10).

<sup>227</sup> MORIN, 2002, p. 240.

fraternidade, na idéia de democracia, na idéia de solidariedade humana<sup>228</sup>. Morin e Martín-Barbero acreditam que esse outro processo de mundialização, paradoxalmente, pode ser favorecido pela mesma arma que serve à dominação e à desumanização: o desenvolvimento das comunicações.

Todos esses fluxos e contrafluxos de indivíduos e de culturas, que vivenciei em Brobdingnag, provam que os humanos de lá comportam especialmente um duplo princípio de exclusão e de inclusão, *que permite compreender, ao mesmo tempo, o egocentrismo, a intersubjetividade e o altruísmo*<sup>229</sup>. Mas restam ainda muitas trevas para compreender esses seres de esperança e de desespero.

Talvez o conhecimento dos próprios limites da consciência seja a única maneira, apesar de também limitada, para considerar a superação dessas trevas. Para isso, há a necessidade do *pleno emprego dos recursos da razão, o que nos leva a reconhecer os limites da razão; daí a necessidade de reconhecer os limites da lógica sem renunciar à lógica...*<sup>230</sup>

Alguns seres desviantes da lógica brobdingnaguiana lideram esse movimento, à custa de muitos retrocessos e alguns avanços. Em sua maioria são poetas, artistas de todas as artes; outros são filósofos e cientistas. Edgar Morin, por exemplo, prega *uma sociedade civil mundial e uma consciência de comunidade de destino planetário*<sup>231</sup>.

A proposta de Morin inclui, na construção dessa sociedade-mundo, a necessidade de ética, de direito e de política. Na base dessas necessidades, o problema central é compreender o que é compreender. Morin pergunta:

— *Podemos imaginar uma civilização para além da megalomania humana?*<sup>232</sup>

Sem uma resposta conclusiva, apenas sabe que *nada está definido, nem o pior*<sup>233</sup>.

O que se sabe é que, no contrafluxo do pior, há a ação, muitas vezes quieta, de milhões de pessoas que criam alternativas, que continuam pensando com esperança, com solidariedade, através da justiça, e praticando isso tudo... A física Vandana Shiva é uma das militantes da causa da democracia planetária que imagina essa civilização para além da megalomania humana da qual fala Morin. A cientista, inclusive, foi reconhecida pela revista *Asia Week* como uma das cinco pessoas

---

<sup>228</sup> Idem, p. 232.

<sup>229</sup> Idem, p. 288.

<sup>230</sup> Idem, p. 291.

<sup>231</sup> Idem, p. 238.

<sup>232</sup> Idem, p. 259.

<sup>233</sup> Idem, p. 295.

mais influentes de toda a Ásia. Em entrevista ao programa Agenda, na rádio BBC, Vandana Shiva enfatiza que a *libertação é vida com dignidade*. Segundo ela, é possível fazer a diferença:

— *Redefinindo a existência humana incorporada no contexto da família planetária e de todas as espécies da Terra, indo além da percepção focalizada em como se extrair o máximo da natureza, apoiando um modelo de desenvolvimento e de crescimento muito mal definidos*<sup>234</sup>.

O problema central é: como cada brobdingnaguiano se compreende dentro deste planeta?

As informações que recolhi nesta terra de gigantes pesavam toneladas. Decidi carregar apenas o que pude processar... Reconheço que eu também tenho muitas dificuldades para compreender esses seres tão semelhantes a mim mesma e esse mundo tão parecido com o meu. Lotei minha bagagem de um outro peso que vibrava nas entranhas, não pesava nos ombros e me empurrava adiante. Deixei-me levar por essa força que atua como o som do maracatu de um grupo de músicos chamado Nação Zumbi: *mutante até lá adiante, sempre certo na contramão*<sup>235</sup>.

Saí, sem sair, do universo holográfico de Brobdingnag e vi surgir outros mundos complementares, como partículas que se abriam no meio de uma paisagem incongruente, *um aflorar de luzes na neblina*<sup>236</sup>. Enquanto isso, o tempo ia cuidando das horas, trazendo a história de todos os mundos nas costas:

*Os anos se passaram em seu devido lugar  
Deixando registros outrora jogados no esquecimento  
E agora estamos aqui pra lembrar  
Que o tempo vai cuidando das horas  
E as horas vão matando o tempo  
Faz tempo  
Que eu esqueço das horas  
E as horas vão matando o que penso  
O tempo traz a história do mundo nas costas  
Tudo isso vem no sopro do vento  
Tão perto, tão longe  
Hoje o chão passa rápido e perto do futuro  
Me distancio daqui pra lembrar que estarei no amanhã, se precisar  
A memória resiste ao que o tempo insiste em acabar  
**Quem se lembra, quem se lembra onde queria chegar  
Ninguém sabe, ninguém sabe onde tudo vai dar. Faz tempo**<sup>237</sup>.*

---

<sup>234</sup> Entrevista a Fergus Nicoll, em 31 de maio de 2002, disponível no site: <<http://www.bbc.co.uk/worldservice/programmes/agenda.shtml>>

<sup>235</sup> Da música *Meu maracatu pesa 1 tonelada*, autoria de Jorge Du Peixe.

<sup>236</sup> CALVINO, op. cit., 1999, p. 149.

<sup>237</sup> Música *Faz tempo*, do grupo Nação Zumbi.

# Viagem a Laputa e a Balnibarbi (Lagado, Luggnagg, Glubbudrib e Japão)



238

*Compreender. Essa palavra provoca sobressaltos naqueles que temem compreender por medo de desculpar-se.(...) Compreender não significa justificar.*

Edgar Morin

*...trata-se de adentrar na teia do paradoxo, sem buscar obsessivamente sua resolução, o que garante o distanciamento do pensamento simplificador.*

Maria da Conceição de Almeida

*Da inter-regulagem dos insights e dos argumentos lógicos se desencadeiam estratégias operacionais sensíveis e competentes.*

Cremilda Medina

*Todos sabem como é custoso o método usual de ligar artes e ciências...*

Gulliver

---

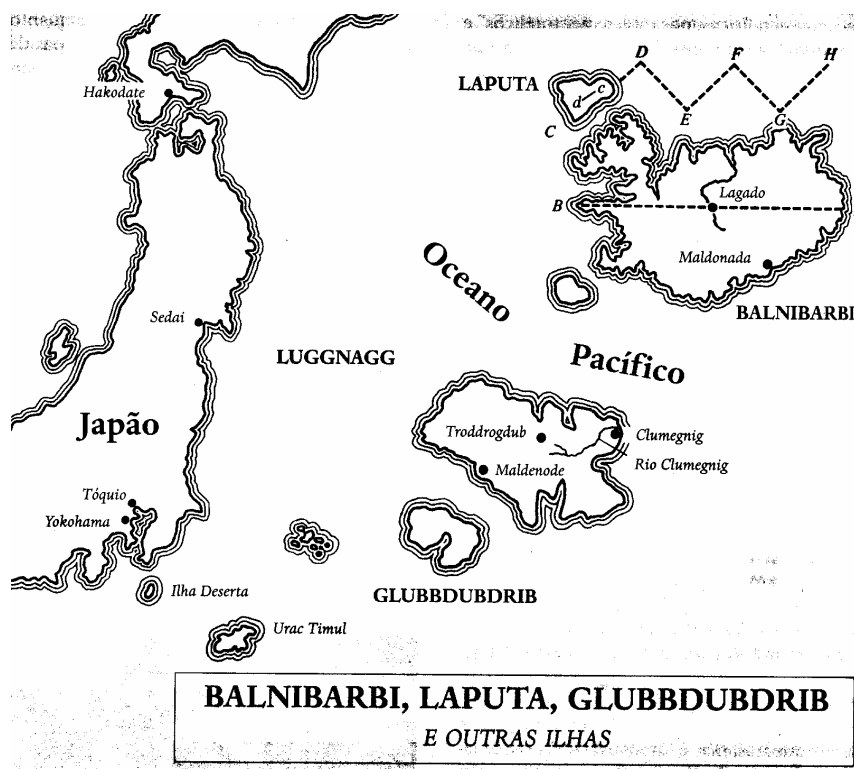
<sup>238</sup> Ilustração *A grande academia de Lagado*. Disponível em:  
<[http://www.ci.kk.dk/skoler/noerre\\_gymnasium/tok/gulliver.htm](http://www.ci.kk.dk/skoler/noerre_gymnasium/tok/gulliver.htm)>.

## Entretecendo novas paisagens

*Menos do que um percurso, a exploração é uma escavação:  
só uma cena fugaz, um canto de paisagem, uma reflexão  
agarrada no ar permitem compreender e interpretar horizontes  
que de outro modo seriam estéreis.*

Claude Lévi-Strauss

Caminhando numa paisagem incongruente, percebi que, além da noção de tempo linear, eu também havia perdido outras referências. Qual o meu tamanho? Com quem me pareço mais, com um liliputiano ou com um brobdingnaguiano? Tinha, novamente, um aspecto de náufrago, era só o que eu sabia...



## Rede de bifurcações

*De repente, o sol foi obscurecido de um jeito bem diferente de como acontece quando uma nuvem passa por ele. Virei-me e vi um vasto corpo opaco entre eu e o sol, movendo-se em direção*

da superfície onde eu me encontrava<sup>239</sup>. O vasto corpo se assemelhava a uma ilha voadora. Para aumentar a minha surpresa, enquanto a ilha ia baixando devagarinho, diversas outras pessoas, como eu, começaram a chegar, postando-se ao meu lado. Corri os olhos e reconheci, imediatamente, vários rostos familiares: os companheiros do Grecom e alguns de seus amigos.

A alegria do reencontro foi tanta que não parei para pensar se aquilo era sonho ou realidade. Mas a compreensão do que fazíamos ali se tornou clara. Cada qual a seu modo, e com as próprias inquietudes de suas pesquisas, viera em busca da ilha voadora de Laputa, também conhecida como Antropoética<sup>240</sup>.

Como o Arlequim, de Michel Serres, todos nós vestíamos roupas que denunciavam anteriores viagens. Os trajes traziam cores, formas e texturas que podiam variar, segundo os interesses e vivências de seus usuários. Sóis, luas, animais, vegetais, instrumentos musicais e outras imagens compunham a vestimenta singular de cada um.

O número de pessoas aumentou e em menos de meia hora a ilha foi movimentada, facilitando o acesso de todos os que aguardavam. Apesar de tentar me comunicar o mais claramente possível, nem sempre conseguia entender e ser entendida por aquelas pessoas à minha volta. Observei que algumas delas estavam acompanhadas de outras que tinham *nas mãos uma bexiga inflada e amarrada num bastão. Em cada bexiga havia uma pequena quantidade de ervilhas secas ou pedrinhas (como fui depois informada). De vez em quando eles batiam com essas bexigas na boca e ouvidos daqueles que lhes estavam mais próximos*<sup>241</sup>.

Eram habitantes de Lagado, a metrópole do continente chamado Balnibarbi, sobre o qual flutuava a ilha voadora. Esse povo era tido como de exímios cientistas, porém péssimos em raciocínio prático e veementemente inclinados à oposição, a não ser quando são da opinião certa. *Imaginação, invenção e fantasia são coisas tão desconhecidas para eles que nem mesmo existem palavras em sua língua para expressar estas idéias; todo o ritmo de suas mentes e pensamentos não combina com nada que não seja voltado para as ciências*<sup>242</sup>.

Estranha, muito estranha, mas não totalmente desprovida de sentido, a missão dos batedores era despertar seus mestres de seus intensos raciocínios e mergulhos em si mesmos. Nessas situações, normalmente eles *não conseguem falar nem ouvir o que os outros dizem, a não*

---

<sup>239</sup> SWIFT, 2005a, p. 199.

<sup>240</sup> MORIN, Edgar. *O método 6 – Ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

<sup>241</sup> SWIFT, 2005a, p. 201.

<sup>242</sup> SWIFT, 2005a, p. 206.

*ser que sejam despertados por algum contato externo sobre os órgãos da fala e da audição. (...) Quando duas ou mais dessas pessoas estão juntas, o trabalho desse acompanhante é tocar gentilmente com a bexiga na boca daquele que deve falar e na orelha direita daquele ou daqueles que devem escutar*<sup>243</sup>.

Às vezes, era também necessário que o batedor tocasse os olhos de seu acompanhante. Porque, imerso num estado de profunda cogitação, corria os riscos de cair nos precipícios do caminho, bater a cabeça num poste e colidir com os outros transeuntes. Observando essas figuras estranhas, dei-me conta do real valor de ver e escutar. Falar também trazia outros perigos. Algumas pessoas, ao terem a boca tocada pela bexiga, destampavam num falatório sem fim. Se houvesse uma certa platéia, então... Não só iam longe em seus monólogos, como também não aceitavam que os batedores tocassem as bocas de outros, apenas suas orelhas. Essa tecnologia de bastões e bexigas, então, me pareceu insuficiente para seus propósitos.

Por isso, a princípio, recusei as ofertas de serviço dos batedores. *Mais tarde descobri que essa minha atitude gerou uma opinião muito ruim sobre minha capacidade de compreensão*<sup>244</sup>. Mesmo acreditando na eficácia de seu sistema, os balnibarbianos vieram conferir uma nova proposta anunciada por Edgar Morin, a quem chamavam de contrabandista de saberes. Creio que, lá no fundo, eles começavam a desconfiar das imperfeições de seu sistema. Os espaços de vida são limitados e a atenção ao outro, sempre dependente de fatores externos: o batedor, a vara, a bexiga e as pedrinhas. Quanto mais dependentes desses fatores, menos aptas essas pessoas se tornam para a comunicação e a compreensão. Lembrei-me de um alerta do filósofo Spinoza:

— *Aquilo que dispõe o corpo humano de tal maneira que possa ser afetado de diversos modos ou que o torna apto a afetar os corpos externos de um número maior de modos, é útil ao homem; e é-lhe tanto mais útil quanto o corpo se torna por essa coisa mais apto a ser afetado de mais maneiras ou a afetar os outros corpos; e, pelo contrário, é-lhe prejudicial aquilo que torna o corpo menos apto para isso*<sup>245</sup>.

Percebi que Laputa causava curiosidade e, ao mesmo tempo, desconfiança nos balnibarbianos. Há cerca de algumas décadas, certos pesquisadores da grande academia de Lagado estiveram na ilha voadora. Depois de alguns meses, retornaram ao continente cheios de espírito volátil adquirido na região aérea. Passaram, então, a alterar termos, conceitos e esquemas

---

<sup>243</sup> SWIFT, 2005a, p. 201, 202.

<sup>244</sup> SWIFT, 2005a, p. 203.

<sup>245</sup> SPINOZA, s/d., p. 248.

científicos em que colocavam todas as artes. As inumeráveis propostas fizeram com que esses pesquisadores *fossem olhados com desdém e má vontade, como inimigos da arte [e da ciência], ignorantes, e como quem age contra a riqueza da nação*<sup>246</sup>.

Difícil descrever agora tudo o que passei perambulando pelas periferias de Laputa, entre personagens absurdos, ilógicos e contraditórios... Talvez porque haja limites em minha compreensão, *perco-me se me encontro, duvido se acho, não tenho se obtive*<sup>247</sup>. Não me envergonho de me sentir assim, como diria o poeta Fernando Pessoa, porque todos se sentem assim:

— *As sensações ajustam-se, dentro de nós, a certos graus e tipos de compreensão delas. Há maneiras de entender que têm maneiras de ser entendidas... Os outros não são para nós mais que paisagem e, quase sempre, paisagem invisível de rua conhecida*<sup>248</sup>.

No entanto, são essas paisagens invisíveis de rua conhecida que me fazem adquirir meu próprio nome. O necessário exercício de despersonalização abre as portas das multiplicidades que me atravessam de ponta a ponta e às intensidades que me percorrem<sup>249</sup>.

E é exatamente isso o que se pretende em Laputa: exercitar essa compreensão multidimensional, que interliga o subjetivo ao objetivo, tornando-se complexa. Todo esse trabalho tem, porém, um terrível componente: *quem compreende está em dissimetria total com quem não pode ou não quer compreender*<sup>250</sup>.

Nem todos os que visitam a ilha voadora seguem a proposta de Morin para a ética da compreensão. Mesmo porque a palavra ética, aqui, não se refere a leis promulgadas em assembléias ou a códigos associativos. Ela é uma escolha pessoal de uma forma de pensar e de viver. Manifesta-se, de maneira imperativa, a partir de três fontes interconectadas: uma interior em cada indivíduo, outra exterior – a cultura, as crenças, as normas – e outra ainda anterior, transmitida geneticamente. Além disso, assim como a própria compreensão, a ética não é bem uma solução, mas um problema que nos incita a pensar para agir, tendo sempre ao fundo uma questão-chave: de que forma esse pensamento e essa ação podem contribuir para a religação, o respeito e a dignidade do indivíduo, do grupo social e de toda a espécie humana?

---

<sup>246</sup> SWIFT, 2005a, p. 222.

<sup>247</sup> PESSOA, 1994, p. 287.

<sup>248</sup> PESSOA, op. cit., p. 312-313.

<sup>249</sup> DELEUZE, 1992, p. 15.

<sup>250</sup> MORIN, 2005, p. 121.

Cada nova situação reclama uma nova resposta dessa questão-chave. E todos aqui devem saber que seus passos são livres. Há apenas algumas pistas para quem deseja avançar pelos tortuosos caminhos de Laputa. Uma grande placa informativa é acessível a qualquer um, logo ali ao pé da estrada, com o resumo dessas pistas<sup>251</sup>:

**Se você quer participar da grande aventura em  
busca da compreensão, procure:**

- rejeitar a rejeição
- excluir a exclusão
- compreender a si mesmo,  
enxergando as próprias insuficiências e carências
- argumentar e refutar idéias no lugar de excomungar e de lançar maldições
- superar o ódio e o desprezo
- resistir à lei de talião, à vingança, à punição
- resistir à barbárie interior e à barbárie exterior,  
especialmente nos períodos de histeria coletiva
- nutrir-se da aliança entre a racionalidade e a afetividade;  
entre o conhecimento objetivo e o conhecimento subjetivo
- trabalhar pelo pensar bem
- reconhecer que nem tudo é compreensível.

**Boa viagem!**

---

<sup>251</sup> MORIN, op. cit., p. 123.

Essas expressões, postas assim, dão a sensação de que é muito fácil resolver, senão todas, uma grande parte das incompreensões. Mas, vá vivê-las! Por isso mesmo, Laputa não é um paraíso! Também os laputianos sofrem de *uma doença muito comum da natureza humana, que nos inclina a sermos mais curiosos e a emitir conceitos justamente nos assuntos que nos preocupam menos e para os quais somos menos aptos, quer por estudos ou por natureza*<sup>252</sup>, o que desbanca, a todo momento, a maioria das sugestões expostas na grande placa. Apesar de viverem com total dignidade e *podendo fazer o que bem querem*, muitos anseiam sair da ilha.

Por exemplo, um fato continua a repetir-se: a separação entre casais. A saída da ilha em busca das diversões da metrópole é o principal motivo alegado por homens e mulheres que abandonam suas casas. Poucos compreendem porquê, como na história relatada por Gulliver:

— *Uma grande dama desceu para Lagado e ali se escondeu por vários meses. Ela foi encontrada numa obscura pensão, vestindo farrapos por ter empenhado as roupas para sustentar um velho lacaio deformado, que batia nela todos os dias e cuja companhia ela deixou muito contra a vontade. Apesar de o marido recebê-la com toda a gentileza possível e sem a menor reprovação, logo depois ela conseguiu fugir às escondidas, desta vez com todas as suas jóias, e voltou para junto do mesmo homem. Depois disso, nunca mais se ouviu falar dela*<sup>253</sup>.

Como nem marido nem mulher falavam em público sobre seus problemas, não podemos visualizar o contexto do casal. Gulliver, contudo, movido pelo *imprinting* de seu tempo – desculpe, amigo! – foi um tanto leviano em seu comentário:

— *Pode ser que o leitor pense que esta é uma história inglesa ou europeia e não de um país remoto. No entanto, ele deve considerar que os caprichos das mulheres não são limitados por clima ou nação e que elas são muito mais uniformes do que se pode imaginar*<sup>254</sup>.

Tirando o chiste machista, o mérito de Gulliver é enxergar características universais, os *caprichos*, na condição humana.

Voltando à grande placa do início de caminho, lá encontrei algumas bifurcações das idéias iniciais de Morin. Embora singulares, todas essas bifurcações se cruzam aqui e ali. Entre outros, dois nomes indicavam trilhas próprias e avançadas em seu percurso: Ceiça Almeida e Cremilda Medina.

---

<sup>252</sup> SWIFT, 2005a, p. 207.

<sup>253</sup> SWIFT, op. cit., p. 209.

<sup>254</sup> SWIFT, op. cit., p. 209.

A antropóloga Ceiça Almeida foi construindo uma ética da compreensão interligando ciência e saberes da tradição, aqueles desenvolvidos à margem do conhecimento escolar e da ciência, repassados oralmente e por experiência de geração a geração. Em suas pesquisas, aulas, orientações e em sua própria vida cotidiana, pratica uma democracia cognitiva incomum para o pensamento acostumado às fraturas entre sujeito e objeto, cultura científica e cultura das humanidades, ciência e consciência, prosa e verso, e tantas outras.

A partir do encontro com pescadores da Lagoa do Piató, em Assu (RN), há mais de 20 anos, Ceiça assumiu deliberadamente como postura epistemológica a troca de saberes e o intercâmbio de informações em sua experiência acadêmica e extra-acadêmica, repensando a ciência de forma menos totalitária e narcisista.

Os pescadores – que normalmente seriam tratados como meros objetos pesquisados – tornaram-se autores<sup>255</sup>, mantendo um diálogo permanente não só com Ceiça, mas também com os outros pesquisadores do grupo de estudos coordenado por ela.

O sábio da tradição Chico Lucas, morador da Lagoa do Piató, por exemplo, é parceiro de investigação dos estudos do Grecom que se referem à fauna e à flora. Ele compreende o comportamento dos animais e das plantas, além da dinâmica dos fenômenos físicos que permitem prever as condições climáticas – inverno ou seca. Saberes conjuntos, e não à parte, a cola que liga moradores do Piató e acadêmicos, além dos interesses comuns nos temas pesquisados, é a afetividade, como diz o bem-humorado Chico em versos:

— *Não freqüentei banco escolar  
Por não ter oportunidade  
Mas com ajuda dos amigos  
Cheguei à universidade*<sup>256</sup>.

Acredito que essa disposição de Ceiça para a postura epistemológica fundamentada na dialogia era anterior ao seu encontro com os habitantes do Piató. Um padrão que se tornou consciente e foi reelaborado em suas reflexões teóricas expostas no livro *Complexidade e cosmologias da tradição*<sup>257</sup>:

---

<sup>255</sup> ALMEIDA, M. C.; PEREIRA, W. F. *Lagoa do Piató – fragmentos de uma história*. 2. ed., ver. e ampl. Natal: EDUFRN, 2006.

<sup>256</sup> Apud ARAÚJO. In: ALMEIDA; PEREIRA, 2006, p. 126.

<sup>257</sup> ALMEIDA, Maria da Conceição. *Complexidade e cosmologias da tradição*. Belém: EDUEPA; UFRN, 2001. (fruto de sua tese de doutorado defendida em 1992, na PUC/SP).

— *Instaurar a dialógia desses dois itinerários implicará em repor as relações entre mito e história no interior de uma historicidade multiforme que sempre oferece ao pensamento conteúdos novos para pensar.*

A incomunicabilidade entre as duas ilhas de conhecimento – o científico e o da tradição –, perpetuada pela incompreensão da ciência, incomoda a pesquisadora. Por que o saber da tradição é rotulado como um produto inferior e a ele é imputado o qualificativo de mito, inverídico e sem fundamento? Por que o conhecimento não-científico é reduzido, cada vez mais, como uma forma grotesca de representação e tratado como mero apêndice do acervo do saber universal?

Desenvolvida, em grande parte, às custas da tradição, a inteligência oficial pratica o discurso da verdade unitária; racionalizador e prevenido contra a pluralidade das interpretações. As ciências sociais, por seu lado, apostaram no relativismo cultural e não conseguiram problematizar a uniduidade da condição humana.

Contra essas distorções, Ceiça embarcou, então, sem concessões à ciência da assepsia, em uma diáspora cultural que privilegia outra lógica das alteridades; outra opção teórico-metodológica e simultaneamente ideológica: a complexidade. Comprometeu-se, de corpo e alma, com o universal e as suas singularidades. Concordando com Morin, admitiu que *é possível optar por uma postura flexível e aberta que permita a comunicação entre as várias disciplinas que pensam o mundo e o homem*<sup>258</sup>. Mas avançou na bifurcação que reconduz a ciência a novos centros de equilíbrio, já transdisciplinares:

— *Não abrir mão dos estudos pontuais, mantendo uma perspectiva universalista; aventurar-se no conhecimento das interfaces disciplinares para atingir a meta transdisciplinar; e, por fim, rearticular a multiplicidade de saberes e domínios cognitivos, talvez seja uma aposta ética/estética do pensamento para reestruturar e reaver o verdadeiro sentido do *anthropos**<sup>259</sup>.

Morin aproxima diversos ramos da ciência, a arte e a poesia. Ceiça dá voz aos intelectuais da tradição, à comunidade não-científica, inaugurando novas possibilidades de troca. Ambos, Morin e Ceiça, constroem conhecimentos nos plurais. Rejeitando a rejeição da ciência fraturada; excluindo a exclusão do *pensamento selvagem* (Lévi-Strauss) pelo pensamento domesticado, a experiência e as reflexões de Ceiça Almeida também mostram ser possível – e desejável – que o cientista possa nutrir-se da aliança entre a racionalidade e a afetividade, entre o conhecimento objetivo e o

---

<sup>258</sup> ALMEIDA, 2001, p. 108.

<sup>259</sup> ALMEIDA, 2001, p. 132.

conhecimento subjetivo, entre uma *ciência primeira* (Lévi-Strauss) e as ciências modernas oficiais. Uma forma de fundir horizontes, como diria Gadamer. Afinal, como Ceiza admite:

— *Não somos nós, nem são eles, mais ou menos sabidos. Sabemos coisas diferentes sobre vidas diferentes. Se soubéssemos tudo, não precisaríamos fazer pesquisa. Se soubessem tudo, tivessem informações sobre tudo, eles, certamente não seriam os mesmos que são hoje. (...) Se soubessem mais, eles cobrariam a socialização do conhecimento produzido a partir deles e que só serve ao debate científico dos tribunais epistemológicos – e nunca retorna para eles em forma de ganhos em conhecimento. (...) É difícil? Não. É gratificante, produtivo e apaixonante. Para a ciência e para as pessoas. Para além do ‘nós’ e ‘eles’, para um único nós*<sup>260</sup>.

Em outra bifurcação de Laputa, a jornalista Cremilda Medina foi derrubando modelos consagrados da comunicação social e tecendo outras narrativas da trajetória humana<sup>261</sup>. Sabemos que os meios de comunicação de massa homogeneizam e controlam a informação, especialmente no atual processo de mundialização. Os modelos jornalísticos em voga são incapazes de pautar, contextualizar e comunicar o que se passa à volta das populações. Como compreender o mundo caótico se também não compreendemos o nosso vizinho, o nosso bairro, a nossa cidade?

A resposta de Cremilda foi desenvolver uma nova experiência da arte de narrar, transformando o caos num cosmos, mesmo que esse cosmos abranja um pequeno círculo humano. As narrativas de Cremilda, também estendidas às suas atividades de pesquisadora e professora, caminham em busca de novos sentidos, não aqueles óbvios e conservadores. Segundo ela mesma:

— *Descobrir essa trama que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente...*<sup>262</sup>

Trata-se de uma informação humanizada, resultante do diálogo, mediado pelo narrador, das fontes especializadas, científicas, com os protagonistas concretos das cenas cotidianas. Essa nova forma de encarar a comunicação tece os sentidos contemporâneos num amplo contexto democrático.

É assim, por exemplo, que, em *A dama das miudezas*, conta a história de Dona Arminda, a *guerreira do bazar da Praça Buenos Aires*, em São Paulo<sup>263</sup>; em *Cidadania à portuguesa*, destaca a

---

<sup>260</sup> *História de uma pesquisa*. In: ALMEIDA; PEREIRA, 2006, p. 100-101.

<sup>261</sup> MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

<sup>262</sup> MEDINA, op. cit., p. 52-53.

<sup>263</sup> MEDINA, op. cit., p. 10-29.

conversa de duas vizinhas à espera do ônibus no Porto, em Portugal<sup>264</sup>; em *O vôo do sabiá*, repassa uma história contada por um motorista de táxi.<sup>265</sup> Pontos luminosos praticamente ausentes da mídia global.

A ação comunicativa de Cremilda não se comporta dentro do relato objetivo do mundo. Narra a inquietude que cerca as pequenas histórias da vida, de personagens anônimos, anti-heróis da sociedade de massa. Com técnica e com afeto. Porque só o *impulso dos afetos leva ao encontro*<sup>266</sup>. Sem encontro, não há comunicação. Sem encontro, não há compreensão. Reencenando acontecimentos estrelados por protagonistas comuns – a maioria silenciada –, através da tríplice tessitura ética, técnica e estética, é possível resistir à barbárie interior e exterior, especialmente nos períodos de histeria coletiva.

Em nosso encontro, expus resumidamente meu percurso até aqui a Cremilda. Delicadamente, ela colaborou com inúmeras sugestões – as quais acatei de bom grado – e considerou que eu já havia preparado o terreno da minha bifurcação com o calçamento de uma episteme poética. Citando Michel Maffesoli, a jornalista sugere que o *nosso conhecimento do mundo é uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, lógica e mitologia*<sup>267</sup>.

Morin compreendeu a necessidade do pensamento complexo, de religar ciências, arte e poesia. Ceiça Almeida, de religar a comunidade científica e a comunidade dos intelectuais da tradição. Cremilda Medina, de religar comunicação, o cotidiano e as fantasias que o transcendem.

O prefixo ‘com’ encontra-se igualmente como indicador de religação na complexidade, na compreensão e na comunidade. Encontra-se também na comunicação. Do latim *communicatio*, é uma ação de partilha que, assim como a compreensão, a complexidade e a comunidade, revela algo que abraça, no sentido cognitivo e afetivo.

Por isso, na ciência, e fora dela; em Laputa e em Balnibarbi, Morin, Ceiça e Cremilda fazem parte do grupo que tece a manhã, formado por galos no dizer do poeta João Cabral de Melo Neto:

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem*

---

<sup>264</sup> MEDINA, op. cit., p. 64-66.

<sup>265</sup> MEDINA, op. cit., p. 87-89.

<sup>266</sup> MEDINA, op. cit., p. 100.

<sup>267</sup> MAFFESOLI apud MEDINA, op. cit., p. 121.

*os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão<sup>268</sup>.*

Quanto mais eu me embrenhava pelas estradas de Laputa, mais e mais bifurcações iam surgindo. Algumas terminavam a apenas alguns passos; outras, formavam labirintos que se cruzavam de forma brusca ou suave. Incrível como tudo isso cabia na pequena ilha voadora! Enquanto eu constatava a impossibilidade de conhecer todas as ramificações de caminhos e idéias ali contidos, mostraram-me uma na qual reúnem-se pensadores de diversas áreas para compartilhar experiências e reflexões. Essa ramificação chama-se Rede Brasileira da Transdisciplinaridade<sup>269</sup>. Fui até lá. Inspirada por João Cabral de Melo Neto, ousei lançar um grito de galo. Pouco a pouco, outros gritos foram se ouvindo... :



compreensão

por Margarida Maria Knobbe - Tuesday, 13 June 2006, 11:40

Caros,

Gostaria de compartilhar com vocês um desafio. Tenho pesquisado um tema que permeia toda discussão (teórica e prática) sobre a transdisciplinaridade e a complexidade: a questão da compreensão. Para Morin, "a compreensão é um modo fundamental de conhecimento antropossocial", que comporta a projeção (de si sobre o outro) e a identificação (de outro consigo), realizando um duplo movimento que se refere à distinção do eu e do outro, mesmo em conjunção (*O Método III - o conhecimento do conhecimento*. Portugal: Publicações Europa-América, 1996, p. 139). Os mecanismos necessários à compreensão estão igualmente presentes nos processos de comunicação. Porém, mesmo imbricados, o fenômeno da comunicação parece não garantir a efetivação do fenômeno da compreensão. Portanto, meu desafio é tentar compreender um e outro e sua relação. Em outras palavras, o que é, afinal, a compreensão? Ela é possível? Em quais domínios?

Um grande abraço a todos. Margarida



Re: compreensão

por daniel José da Silva - Wednesday, 14 June 2006, 10:41

Prezada Margarida,

Gostaria de valorizar sua questão e motivá-la na pesquisa.

David Bohm, o físico que nos deixou a idéia da 'dobradura da matéria' (algo como a estrutura da cebola: sempre que conhecemos uma camada da realidade, descobrimos também que existe uma outra camada mais profunda), dedicou os últimos anos de sua vida a pesquisar a natureza do diálogo

<sup>268</sup> MELO NETO, 2001, p. 151.

<sup>269</sup> Um ambiente virtual criado, em novembro de 2005, para facilitar a ampliação e a consolidação de uma rede de pesquisadores da transdisciplinaridade no Brasil, pelo endereço eletrônico: <<http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/>>.

como fundamento da compreensão humana. Aqui entra, portanto, o fenômeno da linguagem como instrumento deste diálogo e desta compreensão. Tenho trabalhado também com Jürgen Habermas, com sua 'teoria da ação comunicativa', que tem no rigor lingüístico um dos critérios para uma ação comunicativa entre sujeitos. Depois tem também a contribuição de Maturana, para compreender que somente quando os sujeitos se reconhecem como legítimos, temos uma relação social, onde a compreensão torna-se possível.

Enfim, tem-se muitas fontes maravilhosas para se trabalhar este tema. Tenho aplicado estes enfoques na tentativa de compreender porque é tão difícil a compreensão humana no que tange à importância e à fundamentalidade de valores como a paz e a sustentabilidade. Com todo o conhecimento que a humanidade tem hoje, como podemos explicar e justificar a permanência das opções pela violência e pela degradação?

Um grande abraço a todos e saudades, Daniel Silva, de Floripa.



Re: compreensão  
por Ana Lacerda - Thursday, 15 June 2006, 23:06

Margarida e Daniel,

Gostaria de contribuir para as reflexões sobre a *compreensão*, lembrando que alguns aspectos da transdisciplinaridade, como a possibilidade da existência de vários níveis de realidade e de percepção, abrem novos horizontes, para que não consideremos apenas uma realidade ou uma percepção desta realidade como a correta ou a melhor. Acredito que quando começamos a admitir que possa haver, simultaneamente, vários desses níveis, a nossa compreensão se expande e muda o foco para a questão de como transitar entre esses níveis (pelo menos é sobre isso que estou refletindo agora).

Um abraço a todos! Ana Lacerda, de Vila Velha/ES



Re: compreensão  
por Geraldo Affonso - Monday, 19 June 2006, 22:51

Olá Pessoal,

Pelo que já li e pesquisei sobre a teoria de Edgar Morin e outros teóricos ligados a seu grupo de pesquisa, tomo a liberdade de participar da provocação da Margarida. A concepção, que tenho hoje sobre compreensão é que ela é possível desde que estabeleçamos uma relação entre as informações que recebemos/codificamos com os referenciais já constituídos em nossa caminhada. Claro que às vezes a comunicação não se completa por não ser compreendida a mesma idéia que o outro tencionava pontuar. Pensando na Abordagem Multirreferencial na qual estamos implicados, fica difícil estabelecer um domínio único, ou melhor, estanque para uma situação plural como a condição humana.

Essa colocação é pequena, mas é o início de um pensamento sobre o assunto. No meu entender, estas são questões que nos oportunizam espaço para aprofundamento.



Re: compreensão  
por João Luiz Carvalho Faria - Monday, 26 June 2006, 16:53

Em geral, quando nos referimos a um sujeito, tencionamos identificar o sujeito mais as suas idéias. Portanto, estamos associando a um corpo, uma personalidade. Mesmo diante da superficialidade da nossa associação, o corpo físico do sujeito somente será significativo se houver uma personalidade. Por mais insignificante que seja, sempre haverá associado a este corpo, um ente espiritual (no sentido energético).

Não conseguimos apenas visualizar um ser humano em separado de sua personalidade. Esta associação é a interação sujeito X sujeito. Esta interação ocorre em um domínio energético que é o domínio das idéias. A questão é: nosso corpo (sujeito) tem ação de controle sobre nosso corpo idéias (energia), ou é apenas o veículo para a manifestação destas? Creio que aqui é onde te referes a domínio, ou seja, somos o que somos independente de nossos corpos ou nossa personalidade é o que é graças a nosso corpo. A existência de um (corpo) é o que garante a existência do outro (idéias)? Nossas idéias não teriam existência se não fôssemos nós, sujeito? Será que as idéias não possuem existência por si sós? Que conclusão poderíamos retirar em cada caso?

O domínio das idéias, sendo independente do sujeito, nos remete ao ponto onde a questão a que te referes está fora do sujeito, passando a ter existência independente da individualidade do ser. No outro caso, o ser é o cerne da questão, desta forma o domínio é o indivíduo. A compreensão desta situação pode indicar que necessitamos primeiro compreender esta questão antes de passarmos adiante.

Devemos agir com base no ser ou com base na idéia? Seríamos nós (sujeito) apenas um veículo de materialização das idéias? Nós, sujeito, teríamos acesso intencional ao domínio das idéias? Creio que este ponto coloca de forma objetiva o local das coisas. Somos o produto de nossas idéias, mas nossas idéias o quê são?

Creio que nossos cinco sentidos de percepção da realidade não são suficientes para a compreensão deste fenômeno. Necessitamos conectar com outros canais, domínios, níveis, ou como se possa denominar, para entender. Minha visualização é que, ao conectarmos outros níveis, a realidade muda, e, então, passo a acreditar que as idéias possuem vida independente de meu corpo. A evolução da raça está, nesta etapa, na evolução das idéias, portanto somos idéias em evolução.

Segundo as leis da física que conhecemos, existe uma interação entre energia e matéria. Em realidade, *uma seria a outra e a outra seria uma*. Ou seja, não haveria distinção entre uma e outra, dependeria do observador. Neste domínio identifico o 'terceiro incluído'<sup>270</sup> à compreensão do fenômeno. Significa que somos corpo e idéia, idéia e corpo, ou ambos, depende do observador (aquele que irá compreender!). Estas são algumas especulações a respeito do tema 'compreensão'. Espero haver colaborado. Abraço a todos. João Luiz Faria



Re: compreensão

por João Luiz Carvalho Faria - Thursday, 29 June 2006, 14:59

Ainda com relação às questões da compreensão e seus domínios, alguns comentários gostaria de acrescentar. Na realidade são mais questionamentos do que comentários. Este tema é instigante, pois temos muita informação conosco e nosso laboratório somos nós mesmos, assim não necessitamos de recursos ou instalações sofisticadas, apenas exercitar nossa mente.

Neste aspecto, um primeiro questionamento me faço: existe uma fase de nossa existência (nossos primeiros anos), que creio ser variável para cada indivíduo, a qual não está mais disponível, pelo menos de forma imediata, à nossa consciência. Como não possuímos acesso a este campo, me pergunto se o que ocorreu nesta fase não teria influência no indivíduo na fase adulta. Ou seja, muito do que meu consciente significa hoje não é fruto de um passado que está no inconsciente?

A possibilidade de o inconsciente ter ou não influência direta no consciente, abre uma série de dúvidas. A partir daí vemos multiplicar nossa curiosidade, uma vez que uma ou outra hipóteses são multiplicadoras de informações. Por exemplo: admitamos que o inconsciente exercesse influência na ação de nosso consciente. Este fato nos faria concluir que há uma parte do consciente à qual não há acesso, portanto, não é possível trazer à realidade. Como consequência, existe um domínio no processo que é inacessível, desta forma, parte do processo da compreensão está no domínio do inconsciente. Por outro lado, sendo o inconsciente inócuo ao consciente, isto significa admitir que o domínio da memória é onde podemos localizar a compreensão ou considerar a memória como fator preponderante no processo. Considerando assim, aqueles indivíduos com maior capacidade de recordações, teoricamente, teriam melhor condição para compreender a realidade.

Minha experiência considera a segunda hipótese não adequada ao que se observa na realidade, muito embora, não seja esta a minha área específica de estudo. Isto posto, parece que devo admitir que o inconsciente é um domínio de importância no processo da compreensão. O fato de transformar áreas do inconsciente em consciente poderia ser um passo para a expansão da percepção da realidade. A conexão ao domínio *incons* poderia ser um ponto importante na evolução humana. Aliás, creio que Freud e outros já haviam percebido isto há muito tempo. A questão é visualizar o inconsciente como um processo de evolução e não patológico. As técnicas de regressão utilizadas em terapias modernas permitem a utilização do inconsciente como um domínio de cura, ou melhor, de expansão da consciência.

---

<sup>270</sup> O *terceiro incluído* (simultaneamente A e não-A) rompe com a lógica do *terceiro excluído* (A ou não-A).

A curiosidade é: o que será que poderei encontrar no inconsciente? Carlos Castañeda em seus livros sobre *Don Juan*, um índio Shaman, comenta que o medo é o primeiro passo a ser vencido por um homem para tornar-se um '*homem de conhecimento*'. A relação com as questões comentadas anteriormente me parece clara.

Para o cientista Ivan Izquierdo, em boletim da revista Pesquisa Fapesp, *o aspecto mais notável da memória é o esquecimento*. Diz ainda o cientista: *do ponto de vista científico, o cérebro humano, de forma quase sempre inconsciente, costuma extinguir determinadas memórias e reprimir outras*. Segundo estas afirmativas, é possível depreender que o lado não consciente executa tarefas de constituição de nosso consciente. O pesquisador acrescenta: *Imagine uma pessoa com depressão. É até bom que ela tenha a sua memória comprometida, uma vez que lembrar de tudo pode até levá-la ao suicídio. E a dor do parto? Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo este sentimento, ninguém teria mais de um filho*. Mais uma vez, em sendo isto realidade, fica evidente a participação de nosso inconsciente no processo da compreensão.

As questões citadas no parágrafo anterior nos fazem pensar que o domínio do inconsciente apresenta efeitos diretos sobre o consciente e isto significa dizer que muitas de minhas ações podem ser inconscientes. Que conseqüências esta conclusão pode trazer, uma vez se torne consciente ou admitida como verdadeira? Uma delas iria direto à questão do livre arbítrio!

Penso que a percepção dicotômica é insuficiente para a compreensão da questão. A consideração transdisciplinar do terceiro incluído poderia ser uma alternativa. O problema é inserir esta nova visão lógica em nossa mente dicotômica. Acredito que somente quando adentrarmos no inconsciente poderemos incorporar uma visão que considere o terceiro incluído como parte constituinte desta nova lógica do pensar. Em sendo isto verdade, a Transdisciplinaridade passaria a ser uma corrente de lógica alternativa de efeitos imprevisíveis, ou quem sabe previsíveis, para aqueles que já assimilaram este novo domínio.

Um abraço a todos. João Luiz Faria



Re: compreensão  
por Ana Lacerda - Friday, 30 June 2006, 11:47

Oi João Luiz,

No último comentário você abordou muitos aspectos interessantes sobre a compreensão. Apesar de não ter grandes conhecimentos sobre o consciente e o inconsciente, gostaria de arriscar a idéia de que estes questionamentos muitas vezes se situam em uma zona de não-resistência, quer dizer, no meu modo de ver, alguns destes aspectos estão além da nossa capacidade atual de entendimento. Porém, acho que através da reflexão, principalmente coletiva, possamos ir avançando e alargando esta zona. Neste sentido, acho que nossa exposição ao complexo mundo da vida inscreve marcas, que às vezes temos consciência e às vezes não. Estes registros influenciam totalmente nossa visão de mundo e nossas atitudes, mas não estão deterministicamente impressos de forma imutável. Acredito que estas marcas que direcionam a nossa compreensão do mundo sejam dinâmicas e maleáveis e é aí que entra a educação e a transdisciplinaridade, abrindo possibilidades nunca antes imagináveis. Então, resumindo, acho que há um percentual consciente, outro não consciente e um amplo espaço não determinado para a expansão.

Reconheço que estas idéias estão muito mais baseadas em experiências do que em teorias, mas, de qualquer forma, acho que este é o espaço para nos sentirmos à vontade para pensar.

Um abraço a todos! Ana Lacerda



Re: compreensão  
por João Luiz Carvalho Faria - Tuesday, 4 July 2006, 10:32

Acredito que a forma como expusestes a questão está muito boa e penso que, devido ao dinamismo e maleabilidade da compreensão de mundo, é que podemos considerar que a espécie humana está em evolução. Uma evolução muito mais baseada nas idéias do que nas características corporais. É o lado espiritual da evolução. Reforço que o espiritual não tem conotação religiosa ou de crença, mas de estado energético.

Quando conscientemente buscamos atuar na área das autopercepções, ou seja, quando intentamos conhecer nossa mente expandindo o auto-conhecimento, estamos obrando no sentido da expansão das percepções. Da mesma forma, quando estudamos qualquer disciplina, as informações adicionadas nos permitem expandir o conhecimento. Entretanto, em trabalhar com a mente com a intenção do auto-conhecimento, trabalhamos com a parte que processa a informação externa. Acredito que a atuação neste domínio é uma atitude transdisciplinar, onde a energia pessoal é potencializada, influenciando direto na interação disciplinar. Esta interação provoca um entendimento diferenciado, por este motivo se percebe a disciplina de forma diferenciada daqueles que não percebem o 'trans'. Trabalhar o 'trans' significa alterar o nível de percepção disciplinar. Não significa uma mudança na disciplina, mas sim uma percepção diferenciada da mesma.

Um exemplo desta aplicação é com relação à questão ambiental. Uma visão transdisciplinar do ambiente significa considerá-lo não como um suporte de plantas que darão frutos, mas como um organismo vivo que reagirá aos nossos atos. Esta visão vai muito mais além da produção e venda de frutas, por exemplo. Ela provoca uma percepção do problema que transpassa a questão pura e simplesmente comercial. Ela considera a questão energética, como o fator primário de materialização da idéia, portanto, dá vida ao espiritual. Parece-me que alguém comentou, em algum momento no fórum, sobre a morte do espiritual. A visão transdisciplinar significa a potencialização do espiritual permeando a disciplina.

Agora mesmo me veio uma questão sobre o consciente e inconsciente. Esta linguagem é dual, ou seja, o consciente somente faz sentido se houver o inconsciente e vice-versa, ou seja, ambos devem existir para garantir a existência individual. Esta lógica nos remete à situação da não-existência individual, portanto, o que realmente faz sentido não é o 'cons' ou 'incons', mas sim outra lógica, que talvez possamos considerar como sendo a do 'terceiro incluído'. Seria o 'A' e o 'não A' coexistindo, assim como 'onda' ou 'partícula' na física quântica.

Quando te referes: *"Então, resumindo, acho que há um percentual consciente, outro não consciente e um amplo **espaço não determinado para a expansão**."*, penso que este espaço não determinado somente poderá ser atingido com uma lógica não dual, quando 'cons' e 'incons' forem considerados indivisíveis. Esta lógica modifica (talvez ampliar possa ser melhor que modificar, não tenho claro!) a compreensão.

Bom são mais algumas considerações, tendo como fonte o exercício mental.

Um abraço a todos. João Luiz Faria



Re: compreensão  
por Américo Sommerman - Tuesday, 4 July 2006, 15:33

João Luiz, suas mensagens continuam muito estimulantes. E me levam a colocar duas questões para nossa reflexão: Se considerarmos um inconsciente complexo e multidimensional, como será a conscientização, compreensão e integração (cons e incons num estado de terceiro incluído) desses níveis complexos do inconsciente? O que isso gerará? Como responderiam a isso as diferentes correntes da psicologia moderna e contemporânea e as psicologias antigas?



Re: compreensão  
por Ana Lacerda - Sunday, 9 July 2006, 19:24

Pois é, João Luiz, penso que esta lógica não dualista amplie sim a compreensão, pois admite aspectos antagônicos atuando simultaneamente, como a possibilidade do terceiro incluído, a partir da constatação de vários níveis de realidade e percepção. Agora, para mim é fácil falar assim, mas para quem quer identificar o que é consciente, o que é inconsciente, qual é a extensão da zona de não-resistência (rs), acho que deva ser bem complicado...

Um abraço e boas reflexões, Ana Lacerda



Re: compreensão  
por João Luiz Carvalho Faria - Monday, 10 July 2006, 10:57

Caro Américo!

Acredito que neste momento de evolução do ser humano, estamos diante de desafios, onde este

deverá mudar a visão da realidade. Acontece que psicologicamente teremos de enfrentar o medo do desconhecido, e isto não é nada agradável. Acredito que considerar uma visão holística da realidade e da própria existência individual se torna uma questão fundamental para o processo de transformação existencial.

Analisando esta questão sob influência de forte pressão personalista, tenderemos a sentir aversão, medo, ansiedade ou outros sentimentos repressivos, ou seja, estaremos diante da zona de resistência. Estes sentimentos são dependentes de nossa visão de realidade, a qual se encontra formatada em algum local de nosso inconsciente, de forma que o acesso consciente a este campo seja complexo. Portanto, acreditar na possibilidade de que nossa realidade possa estar ofuscada pelos canais de formação e informação que orientam nossa vida, é acreditar em algo que não dominamos. Sequer admitimos a possibilidade de este domínio ocorrer, pois admitir isto significaria o desmoronamento da ilusão do livre arbítrio.

Por outro lado, se admitirmos, como passará a ser a realidade diante desta nova evidência? A sensação é de insegurança em face ao desafio que se apresenta. Esta sensação de aversão seria um ponto chave na mente do indivíduo que se depara com esta realidade. A sensação de segurança permeia a mente da maioria dos indivíduos e este sentimento é fundamental para a sua própria sobrevivência. Esta informação está gravada no inconsciente. O abalo desta estrutura pode significar a necessidade de construção de nova base de controle, o que, para muitos, pode ser assustador. Talvez possa estar aí uma explicação para o que diz Basarab Nicolescu em 'Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade':... *Os atores de uma civilização em declínio, das grandes massas aos grandes líderes, mesmo tendo alguma consciência do processo de declínio, parecem impotentes para impedir a queda de sua civilização. Uma coisa é certa: uma grande defasagem entre as mentalidades dos atores e as necessidades internas de desenvolvimento de um tipo de sociedade, sempre acompanha a queda de uma civilização...*

Um Shaman sabe que vencer o medo é um dos fatores primordiais para a compreensão e visão de outra realidade, a qual chamam de estado de consciência alterada. Não significa utilização de alucinógenos, apesar de algumas seitas utilizarem este artifício, como talvez alguns associem ao Shamanismo. Estou me referindo a uma visão holística da realidade, uma visão não centralizada na própria existência individual, mas que engloba esta existência. Quando esta visão toma parte da formação da consciência do indivíduo, a realidade que este ser irá experimentar será diferente da realidade até então concebida.

É importante ainda considerar que nossa razão pode conceber a existência de uma realidade diferente daquela que nossa consciência tem assimilada, mas no entanto, esta nova realidade pode não estar totalmente incorporada em nossa lógica. Esta pelo menos é a sensação que possuo no atual estágio em que minha auto-avaliação me coloca.

O desconhecido que se apresenta à nossa frente, a partir do momento da mudança na lógica de concepção de realidade, provoca uma sensação de vazio. Diante desta experiência, somos, ou mandados de volta ao estilo lógico racional comum, criando um bloqueio ao novo ou, então, passamos a compreender mais o mundo que nos cerca, no entanto, isto acarretará um afastamento do grupo da lógica comum. Seremos marginais no mundo de hoje. Sempre considerando a maioria como referência. Muitos indivíduos não suportam esta carga por uma série de motivos que são determinantes na formação da personalidade do sujeito. Neste domínio, é muito comum a ocorrência do conflito entre as realidades percebidas. Este conflito é o responsável pelo isolamento do indivíduo pelo grupo dominante. Esta psicologia social é consequência do espírito grupal de sobrevivência, uma vez que o grupo dominante se sente ameaçado em função da não-dominação, ou seja, em função de uma realidade distinta da qual este grupo se sustenta.

Américo, os questionamentos que fazes são, talvez, aqueles que muitos já se fizeram ou se fazem. Alguns andam atrás das respostas e outros estão esperando que alguém responda. Penso que aí se encontram dois grupos distintos no atual momento. Por enquanto, o primeiro grupo está em fase de reconhecimento e organização. O segundo é o que dá sustento à realidade vigente hegemônica. Pode ser que alguns daqueles que estão em busca das respostas considerem que a sapiência desta

pode significar o reconhecimento no grupo, portanto, se poucos souberem, melhor. Este sentimento de vaidade nos remete imediatamente de volta ao outro grupo, criando um círculo vicioso na personalidade humana. Reconhecer este sentimento e agir livre de seu domínio, já é um primeiro passo no caminho da nova realidade, ou, como alguns denominam, o primeiro passo para o estado de consciência alterada.

Particularmente tenho trabalhado muito este lado e reconheço a sua dificuldade. Os orientais poderiam, quem sabe, referirem-se como simplesmente 'ser' ou simplesmente 'existir'. A sensação em considerar assim é esquisita. A civilização está muito ligada ao material, muito embora se possa pensar que existem muitas religiões e que as pessoas estão ligadas ao espiritual. Esta situação é ilusória!

Entendo a visão do 'simplesmente ser' como a consciência permeada por um padrão energético diferenciado. Este poderia ser um padrão transpessoal, transdisciplinar, ou apenas 'trans'. É um domínio diferente daquele permeado pelo espírito de competição em que atualmente nos encontramos. A competição é a mentalidade que garante a existência da organização de mundo sob a qual vivemos. Competição é a energia motora!

Considerando o fato de atingirmos os níveis complexos do inconsciente, tornando-os conscientes, que efeitos isto poderia ter na realidade atual? Em princípio, desconheço. Posso realizar uma série de previsões baseadas nas informações que disponho para análise, mas creio que mesmo que estas previsões fossem muito bem fundamentadas, estaríamos diante de suposições. Por este motivo acredito que estamos frente a um processo de evolução espiritual (energia motora) do ser humano. A mesma evolução delineada por Darwin, mas considerando não apenas a conotação morfogênica, mas também a integração espírito (mente) versus corpo. Acredito que em escala evolutiva (noção espaço/tempo), poderia, inclusive, haver efeitos morfogénéticos na espécie.

É nesse ponto onde acredito que a noção espaço/tempo pode ser fundamental no processo da evolução do homem.

Abraços a todos. João Luiz Faria



Re: compreensão

por João Luiz Carvalho Faria - Tuesday, 11 July 2006, 15:29

É Ana, concordo contigo. É muito complicado, ainda mais quando estamos presos a conceitos pré-estabelecidos.

Por exemplo, eu me pergunto: ninguém discute a validade da meditação na capacidade de concentração e compreensão das coisas. Pois bem, porque estes ensinamentos não fazem parte da educação de base.

Todos conhecem ou já ouviram falar de técnicas de leitura dinâmica. Por que ela é restrita e não faz parte dos ensinamentos fundamentais?

Sabemos que existem técnicas capazes de melhorar nossa capacidade de memorização. Por que estas não são ensinadas no ensino básico?

Mais recentemente existem trabalhos desenvolvidos pelo Alphalearning Institute. Por que temos dificuldades de ter acesso aos seus trabalhos?

Penso que estes casos deveriam fazer parte da agenda dos responsáveis pela educação. Pois bem: Big Brother nos chega de forma agressiva e é assimilado de forma visceral. Por quê?

Conseguiríamos imaginar um mundo onde nossa capacidade fosse direcionada segundo outra perspectiva?

Por que temos dificuldades de conscientizar nossa própria vida?

Quem sabe, se fôssemos educados sob outra perspectiva, não teríamos mais facilidade para compreender estes aspectos?

São apenas alguns questionamentos, mas imagine uma criança que aprendeu a meditar e a conhecer melhor a si mesma?

O caminho é longo, mas acredito que seja possível avançarmos!

Um abraço a todos. João Luiz Faria

Aproveito para deixar uma oração Sioux que li e achei muito bonita.

*Oração Sioux*

Wakan Tanka, grande mistério,  
Ensina-me a confiar no coração,  
Na mente, na intuição:  
Em minha sabedoria interior,  
Nos sentidos do meu corpo  
E nas bênçãos do meu espírito.  
Ensina-me a confiar nessas coisas  
Para que eu possa entrar no meu espaço sagrado  
E amar muito além do medo.  
E assim caminhar na beleza  
Com o passo glorioso do sol.

Retirado do Livro "O poder da informação intuitiva: como assimilar informações com rapidez e criatividade". Eduardo Carmello. Editora Gente. 2000.



Re: compreensão  
por Américo Sommerman - Tuesday, 11 July 2006, 17:23

João Luiz,  
De fato, a educação ainda não considera, de maneira geral, a multidimensionalidade do sujeito. Portanto, a meditação, as práticas corporais mais sofisticadas, a imaginação e as técnicas a que você se refere ainda não são utilizadas. Sem dúvida, se fôssemos educados sob outra perspectiva teríamos mais facilidade em muitas dimensões da nossa vida. O não-exercício dessas dimensões como que as atrofia e mais tarde, quando buscamos exercitá-las, despertados por um desenvolvimento individual da consciência -- normalmente contrário aos padrões do meio circundante e decorrente de um grande sofrimento devido ao não-exercício e ao desconhecimento dessas dimensões do humano -- o esforço para vencer a atrofia e retirar os obstáculos gerados pelo desuso é muito maior. Mas concordo com você de que é possível avançarmos. Apesar de a perspectiva dominante ainda ser reducionista na educação e na sociedade, há uma consciência cada vez maior da necessidade de uma ampliação e complexificação multidimensional do olhar sobre a sociedade e sobre o humano.



Re: compreensão  
por Ana Lacerda - Tuesday, 11 July 2006, 20:29

Olá João Luiz,  
Esta oração é maravilhosa. Vou encaminhar para os amigos!  
Quando falamos em educação, precisamos lembrar que, em geral, as práticas acompanham os padrões vigentes e mais fortemente predominantes. É claro que há exceções, mas, de um modo geral, a inserção de novos caminhos como a meditação, o aperfeiçoamento da concentração e a reflexão encontram muita resistência e não são muito considerados. É por isso que a perspectiva TransD pode nos ajudar a ver outras possibilidades e, principalmente, começar a arriscar. Hoje li uma passagem muito interessante em um livro de Ecléa Bosi que fala que a origem do termo *experiência* é o de ficar fora do perímetro. Eu não estou com o livro aqui, mas depois posso enviar a referência. Não é legal? Estamos acostumados, através das práticas mais positivistas a encarar a experiência como algo que pode e deve ser repetido, como comprovação, mas esta idéia de lançar-se para fora do perímetro, isto é, para fora do usual é o que vai ativar nossas potencialidades para uma forma de crescimento mais integral e integrada.

Um abraço, Ana Lacerda



Re: compreensão  
por Josinete Cerullo - Friday, 14 July 2006, 13:07

Bom dia!  
Margarida, todas as mensagens publicadas no fórum certamente trouxeram interessantes respostas aos seus questionamentos (Daniel, Ana, Geraldo, João Luiz, Américo). Gostaria então de inserir apenas outra possibilidade de reflexão.

Na fala de Morin, você recordou que "a compreensão é um modo fundamental de conhecimento antropossocial", que envolve o encontro com o outro, na distinção e na conjugação das partes. Em "Crátilo" (439ab)- Disse Sócrates: "Se, de fato, é possível aprender as coisas tanto por meio dos nomes como por elas próprias, qual das duas maneiras de aprender é mais segura e bela? ... o modo de alcançar o conhecimento das coisas, ou de descobri-las, é questão que talvez ultrapasse a minha e a tua capacidade. Baste-nos termos chegado à conclusão de que não é por meio de seus nomes que devemos procurar conhecer ou estudar as coisas, mas, de preferência, por meio delas próprias". Parece-me que a compreensão se dá por meio de processos simbólicos, conceituais ou práticos (lembrando Pineau, Galvani), em contextos específicos, e contínua transformação - o que foi compreendido (em qual complexidade)? como? onde (em qual nível de realidade)? quem (eu consciente, eu inconsciente, si mesmo) revelou-me? Então, apropriando-me novamente de Sócrates (440bcd): "Nem seria mesmo razoável afirmar, Crátilo, a possibilidade do conhecimento, se todas as coisas se transformam e nada permanece fixo... Se subsiste a pessoa que conhece e bem assim o objeto do conhecimento, como também, o belo, o bem e todas as demais coisas, não me parece que tudo a que há pouco nos referimos tenha qualquer semelhança com o fluxo ou o movimento... Reflete bem e com coragem sobre o assunto, sem nada aceites levemente, pois ainda és novo e dispões de tempo, e não deixes de comunicar-me o que encontrares em tuas investigações". Boas notícias - a filosofia e o ensino religioso estão sendo revalorizados como conteúdos importantes nas escolas públicas de São Paulo. Há esperança de controle da violência e criminalidade. Um abraço, Josinete.



Re: compreensão  
por daniel josé da silva - Sunday, 16 July 2006, 21:35

Josinete e queridos amigos e amigas,  
Que delícia este teu pequeno mail, Josinete, resgatar Sócrates em meio ao nosso metadiálogo foi muito "massa".  
Com a filosofia dos pensadores iniciais respiramos o sopro do belo, do bom e do justo (para lembrar Aristóteles), num mundo cada vez mais feio, mau e injusto.  
Filosofia nestes loucos que nada leram sobre a leveza dos espíritos e que acham que somos todos idiotas com respeito a suas soluções reduzidas para os graves sintomas da crise civilizatória em que estamos mergulhando.  
Esta semana estimei um diálogo com amigos sobre como pensar a crise da segurança pública em termos transdisciplinares. Fico viajando na idéia de uma universidade trans, ou da cádetra, que pudesse trabalhar com a idéia de um laboratório de idéias, que apresentasse leituras e estratégias transdisciplinares para as diversas crises que os políticos vêem de forma isolada.  
Como diz nosso querido irmão Barcelos, beijos nos corações de vcs. Daniel.



Re: compreensão  
por Josinete Cerullo - Wednesday, 19 July 2006, 11:45

Querido Daniel, que excelente você discutir sobre segurança aí em Florianópolis! (obrigada pela solidariedade a São Paulo...). Em São Paulo ocorre a prisão de uma pessoa por hora <http://txt.estado.com.br/editorias/2006/07/16/edi-1.93.5.20060716.3.1.xml>, geralmente jovens (18-25 anos), pobres, com baixa escolaridade, que cometem crimes de furto e roubo, tráfico de drogas (muitos são dependentes químicos). E essa pessoa que já tem problemas sérios - físicos, mentais, de relacionamento - vai conviver com outras dezenas (em poucos metros cúbicos), outras milhares, causando/ sofrendo novas agressões. Praticamente não trabalham, não estudam, nada fazem...Qual a possibilidade de recuperação? É um ciclo vicioso.  
Um mundo de opções de consumo, uma sociedade que valoriza tanto o ter, pouca possibilidade de acesso (a bons empregos), não sentir-se como pessoa. Veja o exemplo de Paris, as muitas revoltas dos jovens porque queriam oportunidades de trabalho - os descendentes de imigrantes porque se sentiam discriminados em sua cultura, religião, os outros porque tiveram direitos trabalhistas

flexibilizados, transformando-se em "temporários", quando desejam um tempo-espaco de trabalho mais justo. Pesquisa recente revelou que na capital de São Paulo há 500 mil jovens que não trabalham, nem estudam...

A Prova Brasil 2005 (teste de Português e Matemática) demonstrou que o desempenho das crianças de escolas públicas de São Paulo (4a. e 8a. séries, estaduais e municipais) é um dos piores entre as capitais brasileiras. Em qual sociedade essas crianças estão inseridas?

Mas como disse, tenho esperanças... Essa crise toda fez muita gente acordar - este mês foram reiniciadas as oficinas oferecidas por ong's nas escolas municipais. Tenho dois amigos que organizaram oficinas de música brasileira, arte e jardinagem em bairros da zona leste... Disseram-me que as crianças adoram, desenvolvem afetividade, respeito aos colegas, concentração nas aulas, disciplina... É que os pais podem participar também.

Esse programa "São Paulo é uma escola" recebeu críticas porque os "oficineiros" são contratados temporariamente e não concursados.

Os professores da rede pedem que essas atividades tornem-se oficiais no sistema, querem que esses conteúdos sejam incorporados definitivamente. Em última análise, essa também é uma boa notícia. Sei que ainda falta muito nas áreas de saúde, habitação, transporte coletivo, salários dignos, exemplos positivos na política...que influenciarão muito a vida das crianças e jovens. Mas "enquanto houver dharma há esperança".

E como você gostou de Sócrates... um pouquinho mais... "O homem, se quiser ser brando para os familiares e conhecidos tem de ser por natureza filósofo e amigo do saber..." E continua citando que é preciso uma educação com ginástica para o corpo, música e literatura para a alma, leitura de fábulas e mitos... (Platão, A República, 376ae, 377ae).

Um abraço, Josinete.

É indescritível a sensação de preenchimento e calor amigo, causada pelo metadiálogo virtual. Apesar da aparência de naufraga, eu não estava só. Nem era vã esta viagem. Muitas e muitas vezes recuperei, pela memória, essa sinfonia de galos e, com ela, segui a minha própria bifurcação em Laputa.

Algumas das reflexões expostas me transpassam e ultrapassam. Além disso são inéditas, porque colhidas no momento da reflexão e simultânea comunicação, sem outros mediadores. Por isso, resolvi transcrever aqui todas as respostas recebidas, na íntegra, sem alterar absolutamente nada, demonstrando como se processam os fios e nós, que levam a outros fios e nós, e a outros, e a outros ainda, indefinidamente, tecendo uma rede de idéias e afeições cognitivas...

Em seguida, voltei a encontrar os balnibarbianos, que me convenceram a conhecer a sua grande academia de Lagado.

Desprovida de referências que me fizessem compreender os efeitos da produção científica, que ali se processava, sobre a população que digeriria esses produtos, alternei minha permanência em Lagado, capital de Balnibarbi, com breves visitas a duas províncias do reino: Luggnagg e Glubbudrib. Todo esse território forma um mundo de planos alterados, de oportunidades momentâneas, onde o tempo flui em espasmos e as pessoas podem ter breves visões do futuro.

*Não vou incomodar o leitor com todas as curiosidades que observei, sendo uma adepta da brevidade*<sup>271</sup>. Mas devo adiantar que, além das pesquisas de campo, vali-me das obras de quatro filósofos, que me ajudaram nessa árdua tarefa de tentar entender a ciência, os cientistas, os objetos, os sujeitos, as sociedades e as transformações por eles promovidas: Bruno Latour, Isabelle Stengers, María Zambrano e Michel Serres.

## Em nome da ciência

A academia não é constituída por um só prédio, mas por uma seqüência de várias casas. Receberam-me muito bem e visitei, durante vários dias, pelo menos umas quinhentas salas.

Antes, é bom lembrar que, em sua anterior visita a Lagado, Gulliver descreveu inúmeras invenções e estudos especulativos. Entre eles, o projeto de extrair raios de sol de pepinos<sup>272</sup>, o método de transformar excremento humano em comida<sup>273</sup>, o do gelo transformado em pólvora, o tratado sobre a maleabilidade do fogo<sup>274</sup>, o de distinguir as cores por meio do tato e do olfato<sup>275</sup>, o de fabricar seda com teias de aranha<sup>276</sup>, a cura da cólica com um fole de vento<sup>277</sup> etc... etc...

Na área da comunicação, deparou-se com professores empenhados em diminuir as falas, reduzindo as palavras a uma única sílaba e eliminando os verbos, e outros que inventaram um esquema para abolir completamente todas as palavras. Nesse caso, quando era necessário, no lugar das palavras, a pessoa podia mostrar as coisas<sup>278</sup> sobre as quais queria comunicar algo. Apesar dos mais sábios terem aderido ao novo esquema de expressão, as pessoas comuns não se

---

<sup>271</sup> SWIFT, op. cit., p. 227.

<sup>272</sup> Em referência às pesquisas de John Hales sobre a ação dos raios de sol na respiração das plantas (SWIFT, op. cit. Notas, p. 398).

<sup>273</sup> Parafrazeando Rabelais: “(...) fermentando uma grande barrica de urina humana e dejetos de cavalos, com muita merda cristã... ele nos disse que molhava reis e grandes príncipes com esse destilado sagrado...” (SWIFT, op. cit. Notas, p. 399).

<sup>274</sup> Idem: “outros cortavam fogo com uma faca e carregavam água numa rede” (SWIFT, op. cit. Notas, p. 399).

<sup>275</sup> Em referência a Robert Boyle, desconfiado de que um cego distinguia as cores usando o tato e o olfato, pois, para ele, pigmentos diferentes têm cheiros diferentes (SWIFT, op. cit. Notas, p. 399).

<sup>276</sup> Baseado no francês M. Bon, que escreveu o tratado *Silk of spiders*, apresentado à Royal Society (SWIFT, op. cit. Notas, p. 399).

<sup>277</sup> Conforme descrição de Rabelais (SWIFT, op. cit. Notas, p. 400).

<sup>278</sup> Em referência, entre outros, a Bacon: “o que são palavras, se não imagens das coisas?” (SWIFT, op. cit. Notas, p. 401).

adaptaram ao método que poderia servir de idioma universal<sup>279</sup> e facilitaria, em muito, segundo seus criadores, a compreensão entre quaisquer cidadãos civilizados.

Para o aprendizado da matemática, havia um mestre que propôs desenvolver uma fina hóstia com tinta composta por tintura cefálica. Quando a hóstia era digerida, a tintura subia para o cérebro do aluno, levando a fórmula ou a proposição. O experimento fracassou, dizem, por culpa dos alunos insubordinados que não observavam a necessária dieta de apenas pão e água durante o aprendizado.

Mais especificamente no que se refere à compreensão humana, um cientista propôs um método que, inicialmente, seria testado nos políticos:

— *Pegue uma centena de líderes de cada partido, separe-os em duplas, procurando igualar as alturas; então, dois bons cirurgiões devem serrar o occipital de cada dupla ao mesmo tempo, de tal modo que o cérebro seja dividido por igual. Os occipitais assim cortados devem ser trocados, aplicando-se a metade da cabeça de cada homem à metade da cabeça do homem do outro partido. (...) Se as duas metades de cérebro fossem deixadas a debater o assunto entre si no espaço restrito de um crânio, logo chegariam a um entendimento e produziriam a moderação, assim como regularidade de pensamento...*

Por essas e outras, Gulliver sentiu-se muito mal. Os professores lhe pareceram fora de si. Apesar da profusão de estudos para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções, muitas propostas eram inexequíveis. Pior: entre os próprios acadêmicos de todas as ciências havia o costume de uns roubarem as invenções dos outros. Por exemplo, por volta de 1699, divulgou-se uma controvérsia *entre Newton e Leibniz quanto a quem descobrira os cálculos diferencial e integral*<sup>280</sup>.

Também, desde o século XVII, as ciências se dividem entre duas alegorias que correspondem aos cientistas Robert Boyle<sup>281</sup> e Thomas Hobbes<sup>282</sup>, com seus respectivos seguidores, na *repartição dos poderes científicos e políticos*<sup>283</sup>. Boyle inventou o laboratório – a verdade experimental. Hobbes inventou o cidadão (porém, calculador e nu), um humano capaz de

---

<sup>279</sup> Alusão a trabalhos de George Dalgarno e do bispo John Wilkins, que construíram linguagens lógicas designando símbolos ou letras a categorias de coisas e idéias (SWIFT, op. cit. Notas, p. 402).

<sup>280</sup> SWIFT, op. cit. Notas, p. 401.

<sup>281</sup> Químico e físico de origem anglo-irlandesa. Nasceu em 1627 e morreu em 1691.

<sup>282</sup> Filósofo inglês. Nasceu em 1588 e morreu em 1679.

<sup>283</sup> LATOUR, 1994, p. 21.

ser representado, na ficção do Leviatã<sup>284</sup>. Toda a história das ciências modernas de Balnibarbi gira em torno desses dois pólos: Boyle/coisa-em-si e Hobbes/homens-entre-eles. Ignora-se, na maioria das vezes, na prática da ciência, o meio desta linha que liga o pólo objeto ao pólo sujeito.

Revisitando as salas da academia de Lagado, verifiquei que, apesar dos grandes avanços técnicos, o estado de coisas atualmente não é lá tão diferente assim. As controvérsias, inclusive, se multiplicaram, principalmente aquelas que contrapõem visões de mundo e, por conseqüência, paradigmas científicos. De uma maneira geral, as facções dividem-se em pré-modernos, modernos e pós-modernos. Denominações sem sentido, de acordo com Latour.

Os modernos – que provocaram tais subdivisões – inventaram uma dupla separação: entre o mundo natural e o mundo social; o poder científico e o poder político. Nos interstícios dessas fronteiras, porém, fizeram proliferar e convivem com uma infinidade de quase-objetos e quase-sujeitos, negando-lhes um estatuto de existência. Por esse motivo, Latour afirma:

— *É possível, então, compreender a força do erro que o mundo moderno inflige a si mesmo (...). Nós, pobres sujeitos-objetos, humildes sociedades-naturezas, pequenos locais-globais, nos encontramos literalmente esquarterados entre regiões ontológicas que se definem mutuamente mas que não se assemelham mais a nossas práticas. (...) No meio, onde supostamente nada acontece, quase tudo está presente*<sup>285</sup>.

Ou seja, embora sejam assim classificados, os modernos nunca existiram. Nas extremidades onde, segundo eles, reside *a origem de todas as forças, a natureza e a sociedade, a universalidade e a localidade, não há nada além de instâncias purificadas que só servem de garantias constitucionais*<sup>286</sup>. Se não há modernos, também não há pré ou pós e nem deveria haver extremos purificados. Se bem vistas as instâncias do meio, seria possível arregimentar o que há de melhor em cada grupo para repensar a ciência, os cientistas, o mundo natural e o mundo social.

O problema é que, em Lagado, as discordâncias insolúveis são uma forma de definir territórios de poder. E quanto mais há discordâncias, mais técnicos ficam os argumentos, impossibilitando democratizar sua compreensão. Também arregimenta-se argumentos de outros cientistas, como aliados superiores, saibam eles ou não, para dar validade às afirmações em contenda. É o que o filósofo Bruno Latour chama de *argumento da autoridade*<sup>287</sup>.

---

<sup>284</sup> *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um estado Eclesiástico e Civil*, a principal obra de Hobbes.

<sup>285</sup> LATOUR, op. cit., p. 120-121.

<sup>286</sup> LATOUR, op. cit., p. 121.

<sup>287</sup> LATOUR, 2000, p. 56.

A tendência mais comum é estufar a controvérsia. Cada vez mais textos citam e reproduzem trechos de outros textos. A incompreensibilidade parece, afinal, ser a meta desses pesquisadores e autores. Porque, o que importa mesmo é citar e ser citado, mesmo que seja para criticar ou demolir. O pior de tudo é ser ignorado. Bem, se a ciência se constrói coletivamente, uma nova idéia sempre remete a outras, novas ou antigas – veja o exemplo da minha experiência, em Laputa, na Rede Brasileira de Transdisciplinaridade. Eu mesma estou recorrendo a inúmeros pensadores neste diário de bordo. O problema não é exatamente esse e, sim, tratar um argumento como verdade absoluta, como normalmente faz cada lado dos disputantes em Lagado.

Talvez pudessem rever e aplicar a fórmula mostrada a Gulliver da redução de palavras... A única tentativa que, aliás, vigora até hoje, também não favorece muito a compreensão. Alguns seguidores da eliminação de palavras substituem-nas pelo exame de gráficos e figuras. Ou seja, em Lagado, *quanto mais entramos nessa estranha literatura engendrada por controvérsias, mais aumenta a dificuldade da leitura*<sup>288</sup>, sem favorecer a reflexão autônoma.

Passei por maus bocados neste ponto da viagem. Se algum cientista balnibarbiano duvidasse que eu havia concordado com ele, com suas palavras e figuras, invariavelmente dizia:

— *Está duvidando do que escrevi? Deixe-me mostrar-lhe*<sup>289</sup>.

E eu era obrigada a transpor a porta de seu laboratório e ficar horas a fio observando as mesmas figuras do texto, porém, agora, sendo depuradas, redesenhadas e exibidas em seus importantes instrumentos mecânicos e eletrônicos. Pobre compreensão!

De qualquer forma, esse procedimento era uma deferência à minha pessoa. Preocupados com a disputa entre seus pares, os acadêmicos de Lagado não se importam muito com a opinião da população leiga. Aliás, como a razão, para eles, se estende linearmente em uma única linha de entendimento, *o quadro dos não-cientistas pintado pelos cientistas fica desalentador*:

— *Algumas mentes descobrem o que é a realidade, enquanto a grande maioria das pessoas tem idéias irracionais ou pelo menos são prisioneiras de muitos fatores sociais, culturais e psicológicos que as levam a apegar-se obstinadamente a preconceitos obsoletos*<sup>290</sup>.

E os cientistas também não estão sujeitos a essas mesmas condições?

Como esta é uma situação até cômoda para os que querem continuar acreditando no poder de sua própria ciência, muitos ignoram a explicação de Bruno Latour:

---

<sup>288</sup> LATOUR, op. cit., p. 84.

<sup>289</sup> LATOUR, op. cit., p. 106.

<sup>290</sup> LATOUR, op. cit., p. 302.

— Para determinar a objetividade ou subjetividade de uma afirmação, a eficiência ou a perfeição de um mecanismo, não devemos procurar por suas qualidades intrínsecas, mas por todas as transformações que ele sofre depois, nas mãos dos outros. (...) A acusação de irracionalidade é sempre feita por alguém que está construindo uma rede em relação a outra pessoa que atravessa seu caminho; portanto, não há Grande Divisor entre mentes, mas apenas redes maiores ou menores<sup>291</sup>.

## A fabricação de mortos-vivos e imortais

“As mãos dos outros”, citadas por Latour, não são literalmente apenas as extremidades dos membros superiores humanos. Todos os produtos das ciências de Lagado – sejam invenções, objetos ou sistemas de idéias – afetam, de forma diferenciada, as populações de Balnibarbi. Por exemplo, em Luggnagg, promoveram o surgimento de seres imortais e, em Glubbdubdrib, mortos-vivos. Há também a província do Japão que, de certa forma, assemelha-se a Luggnagg, com quem mantém *um comércio perpétuo*<sup>292</sup>.

Ao lado das disputas de força pela validade – mais ou menos racional – das idéias e experimentos de Lagado, as questões éticas, antes totalmente esquecidas, porque tudo se justificava pelo bem da ciência, agora começam a ser timidamente tocadas. Causava um certo desconforto, quando cheguei à academia, uma notícia sobre um cientista de lá que encontrara dentro das fronteiras de Glubbdubdrib a matéria-prima para desenvolver suas experiências (e fazer fortuna):

### **Invasores de corpos**

*\*Sem controle, China se torna o principal fornecedor mundial de cadáveres mumificados para o mercado internacional de exposições em museus \**

Escondido no meio da zona industrial da cidade costeira de Dalian, na China, voltada às exportações, existe um lugar que só pode ser descrito como uma fábrica moderna de mumificação.

Dentro de uma série de construções que não têm placas ou letreiros, centenas de operários chineses, alguns deles sentados em formações próprias de linhas de montagem, limpam, cortam, dissecam, preservam e modificam cadáveres humanos, preparando-os para o mercado internacional de exposições em museus.

"Tire a capa, tire", ordena um gerente chinês, enquanto uma equipe de operários começa a remover um pano que recobre a cabeça de um cadáver armazenado num recipiente de aço inoxidável repleto de

<sup>291</sup> LATOUR, op. cit., p. 421-424.

<sup>292</sup> SWIFT, op. cit., p. 261.

formalina, um conservante químico. "Mostrem o rosto." O mentor dessa operação é Gunther von Hagens, um cientista alemão de 61 anos cuja exposição "Mundos Corporais" já atraiu 20 milhões de pessoas em todo o mundo nos últimos dez anos e arrecadou mais de US\$ 200 milhões [R\$ 429,3 milhões], exibindo cadáveres humanos conservados, com a pele retirada para deixar à mostra seus músculos e tendões bem definidos. Os milhões de pessoas que já foram ver "Mundos Corporais" e exposições semelhantes provocaram o surgimento de uma nova e medonha miniindústria underground na China. Em razão da pouca fiscalização governamental, da abundância de mão-de-obra barata saída das escolas de medicina e do acesso fácil a cadáveres e órgãos humanos, que parecem vir principalmente da China e da Europa, pelo menos dez outras fábricas de corpos foram abertas na China nos últimos anos.

Essas empresas atendem a pedidos regulares para exposições, enviando cadáveres conservados ao Japão, Coréia do Sul e EUA. A concorrência acirrada entre os produtores de exposições de cadáveres levou a acusações de roubos de direitos autorais, concorrência injusta e tráfico de corpos humanos em um país que tem a reputação de tolerar o crescente comércio clandestino de órgãos e outras partes de corpos.<sup>293</sup>

Essa notícia é uma resposta a outra anterior que questiona a procedência dos corpos em exposição:

#### **Anatomia dos esfolados**

FRANKFURT (Reuters) - O criador da polêmica exposição "Body Worlds" (Mundos Corporais) declarou na quinta-feira que não exclui a possibilidade de ter usado cadáveres de vítimas de execução chinesas, como afirmou uma revista esta semana.

Lutando para preservar sua reputação, o alemão Gunther von Hagens disse que obteve por meios legais todos os cadáveres esfolados exibidos em sua exposição, que já foi vista por mais de 10 milhões de pessoas em todo o mundo, provocando reações de fascínio, aversão e ultraje moral. Mas ele deixou margem a dúvidas sobre a origem dos corpos, dizendo: "Não posso pôr a mão no fogo e afirmar que não tenhamos recebido uma ou outra vítima de execução." (...)

A seção alemã da Sociedade Internacional de Direitos Humanos exigiu na quinta-feira que a exposição seja fechada até ser conhecida a origem exata dos cadáveres chineses. (...)

A exposição itinerante de Von Hagen mostra corpos sem pele, abertos para mostrar os órgãos internos, músculos e ossos.

Os corpos são preservados pela "plastinação", processo desenvolvido pelo próprio Von Hagen e que substitui os fluidos corporais por polímeros, criando objetos de exposição sem odor e que duram muito tempo.

Críticos descreveram a exposição como show de horrores, mas, desde meados dos anos 1990, ela já atraiu mais de 13,5 milhões de visitantes em toda a Alemanha e em Londres, Japão, Coréia, Bélgica e Suíça.

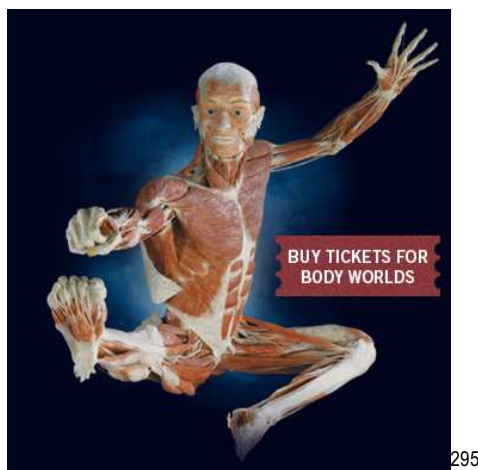
Von Hagens, que se inspira nos anatomistas da Renascença, incluindo Leonardo da Vinci e Andreas Vesal, diz que sua missão é ensinar às pessoas sobre o corpo humano e democratizar a ciência da anatomia.

---

<sup>293</sup> BARBOZA, David. *Invasores de corpos*. In: Folha de S. Paulo, **Mais!**, 29 out. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2910200620.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

Fontes judiciais alemãs dizem que preservar corpos sem o consentimento prévio das pessoas que morreram pode constituir um delito passível de punição na Alemanha<sup>294</sup>.

O terreno científico onde essa e outras atividades se realizam é tão vasto quanto desconhecido. Nesse curto-circuito entre natureza e cultura, os corpos humanos, tornados meros objetos, perdem a sua humanidade? Se já não existem os pólos natureza e cultura puros, como afirma Latour, qual o estatuto desses corpos humanos híbridos – mortos, expostos e lucrativos? O problema nem é tanto expô-los, em todos os seus avessos, em museus que dizem pretender popularizar a ciência. Isso já se faz há muito tempo. A questão aqui é a proliferação de um negócio. E também as transformações que esses híbridos sofrem “nas mãos dos outros”.



Por um lado, talvez seja um negócio moralmente lícito, porque emprega um certo contingente de pessoas num território carente de oportunidades. De outro, talvez moralmente ilícito, porque a província de Luggnagg, que encomenda o serviço, explora a necessidade dos glubbudribrianos e provavelmente não aceitaria a mesma indústria em seu solo, com matéria-prima local.

Tentei imaginar como esses corpos tornados objetos olham, escutam e interpretam os sujeitos à sua volta. E, por fim, frente às inúmeras variáveis que envolvem o caso, como Von Hagens, o tal cientista lagadiano, responderia àquela questão-chave de Laputa: de que forma essa ação pode contribuir para a religação, o respeito e a dignidade do indivíduo, do grupo social e de

<sup>294</sup> SIEBOLD, Sabine. *Anatomia dos esfolados*. In: **Reuters**, 23 jan. 2004. Disponível em: <<http://anomalias.weblog.com.pt/arquivo/004442.html>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

<sup>295</sup> BODY WORLDS. In: *Museum of Minnesota*. Disponível em: <[http://www.smm.org/bodyworlds/images/jumping\\_man\\_tickets.jpg](http://www.smm.org/bodyworlds/images/jumping_man_tickets.jpg)>. Acesso em: 25 nov. 2006.

toda a espécie humana? Em sua paixão por fazer existir esses “Mundos corporais”, seu criador não deveria reconhecer suas responsabilidades na escolha dos aliados que lhe oferecem os meios para essa paixão?

Não ouvi um pio a esse respeito dentro da academia de Lagado. Todos fugiam do assunto. Fiquei surpresa: cadê a tão explícita disposição para as controvérsias? Apenas a imprensa de vez em quando relembrava superficialmente a questão:

**Exposição na Oca traz corpos humanos reais “plastificados”**

Folha Online – Prepare-se. Uma semana após o fim do Carnaval, será inaugurada na Oca do parque Ibirapuera uma exposição com cadáveres de verdade. Polêmica, "Corpo Humano: Real e Fascinante" abre para o público em 1º de março com ingresso salgado: R\$ 30. Sob protestos, mostra semelhante foi inaugurada em 2001, em Berlim (Alemanha)<sup>296</sup>.

Inconformada, fui à biblioteca procurar pelos livros da filósofa Isabelle Stengers. Eu sabia que ela havia comentado algo, não especificamente sobre esse assunto, mas sobre a responsabilidade do cientista. Depois de percorrer muitas prateleiras empoeiradas, encontrei o seu *A invenção das ciências modernas*<sup>297</sup>, em um canto pouco visível. Estava lá:

— *Toda questão científica, visto que ela é vetor de devir, envolve uma responsabilidade (...) mais do que uma questão estritamente ética, trata-se com efeito da invenção daquilo que Félix Guattari chamou de “um novo paradigma estético”, em que estética designa de preferência uma produção de existência que depende do poder de sentir: poder ser afetado pelo mundo de um modo que não é o da interação à qual se submete e sim de uma dupla criação de sentidos, de si e do mundo*<sup>298</sup>.

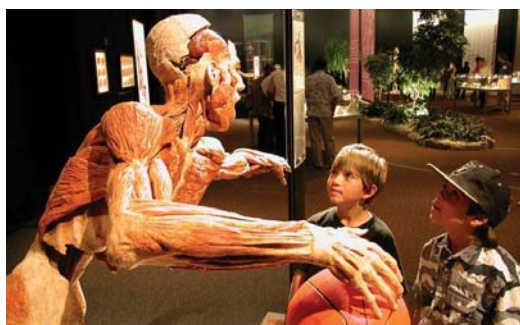
Será que Von Hagens e toda a academia de Lagado compreendiam que recriavam a si próprios ao mesmo tempo em que criavam novos mundos – inclusive políticos e econômicos – em seus laboratórios, nas pesquisas de campo e em suas teorias? Posso ser acusada de impressionável demais, mas a estética de um mundo de corpos descarnados, esfolados, em plena atividade cotidiana, tornou-se um pesadelo naquela noite...

---

<sup>296</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68504.shtml>>. Acesso em: 5 março 2007.

<sup>297</sup> STENGERS, 2002.

<sup>298</sup> STENGERS, op. cit., p. 179.



Para piorar meus pesadelos, ainda fiquei sabendo que não são apenas esses mortos a sofrerem manipulações físicas e econômicas. Os vivos igualmente são tratados como corpos-objeto à mercê da tecnociência, como descreve Edgard Carvalho em seu livro *Virado do avesso*:

— *A chegada a um posto de primeiros-socorros de um complexo hospitalar se assemelha a um banco de negociações, um escritório branco constituído pelo frio aparato do biopoder e burocracia médicos. Quando se adentra nesse local austero, fechado, frio, desvitalizado, o circuito indivíduo-sociedade-espécie congela-se sobre si mesmo, como se a degeneração se impusesse sobre a regeneração, a desorganização sobre a reorganização. Passivo, sem história, o corpo-objeto se assemelha a um mecanismo disfuncional a ser manipulado por sujeitos-esfinge, brancos, curiosos diante do estranho*<sup>300</sup>.

Embora Lagado sinta-se à parte desses mundos que criou, cria e continuará a criar, será que seria possível um Parlamento das Coisas, evocado por Bruno Latour? Sem verdades nuas (Boyle) ou cidadãos nus (Hobbes), mas com seus mediadores: os cientistas, que falam em nome da natureza, e os objetos, que sustentam as sociedades?<sup>301</sup>

Talvez ele já exista como experiência de um pensamento – ainda marginal – que busca as *virtudes do humor, único capaz de resistir sem odiar, sem denunciar em nome de uma força superior aquilo a que se trata de opor-se*<sup>302</sup>. Nômade, esse pensamento circula pelas bifurcações da ilha-voadora de Laputa. De lá, percorre, ainda que mais rarefeito, as ruas de Balnibarbi e os prédios de Lagado.

<sup>299</sup> Disponível em: <<http://www.artboy.info/strange/Sblog/041119/BodyWorlds.gif>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

<sup>300</sup> CARVALHO, 2005, p. 16-17.

<sup>301</sup> LATOUR, 1994, p. 142.

<sup>302</sup> STENGERS, op. cit., p. 185-186.

Tentando compreender as ciências e a humanidade, esse pensamento busca uma linguagem que possibilite encontrar as formas sensíveis de reproduzi-las, diria Isabelle Stengers, *sem por isso submetê-las a uma lei geral que forneceria suas razões e permitiria manipulá-las*<sup>303</sup>. Isso também é conhecimento, comunicação, política, ética, estética e devir.

Porque tal pensamento é ainda rarefeito em Balnibarbi eu não sei. Mas descobri que ele existe – e sempre existiu. E, por estar no domínio do devir, é minoritário. Maioria nunca é um devir. Mesmo que instaure uma nova constante, o devir é sempre potencial e criado, criativo, minoritário, para fazer frente ao majoritário homogêneo. É o caso das idéias de María Zambrano, lembradas especialmente quando, em Laputa, procura-se exercitar a sugestão de pensar sobre o que acham que sabem, antes de conhecer o que ignoram.

As obras dessa pensadora – e de tantos outros – são normalmente excluídas das bibliotecas e das salas de aula da academia de Lagado – que contém apenas as idéias hegemônicas em uma determinada época, as de maior sucesso, digamos, que fazem a cabeça de gerações e gerações.

María Zambrano, nascida em 1904<sup>304</sup>, durante a juventude participou ativamente das lutas literárias, artísticas e políticas de Balnibarbi, as quais, nos registros da academia encontram-se apenas protagonizadas por companheiros de seu tempo, como García Lorca, Antonio Machado, Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno, entre outros – outros mesmo, todos homens.

Assim como as idéias de María Zambrano, muitos saberes estão por aí silenciados, por falta de horizontes onde acolher-se. Eles vivem simplesmente, livres, sem a obrigação de serem o que são. Quando recuperados do silêncio, surpreendem por sua universalidade e atemporalidade.

A originalidade do pensamento dessa filósofa é o destemor de lançar-se em abismos, não como recurso retórico, mas para pensar o que seu próprio pensamento vai descobrindo. Por exemplo, e ao contrário da tendência hegemônica de tentar purificar o logos, obtendo somente a objetividade da ciência e da técnica, ela admite a riqueza das revelações da poesia e das metáforas.

Para María, a metáfora define uma realidade inabarcável pela razão. A própria visão da razão puramente intelectual, cerebral, é uma metáfora que define uma forma de conhecimento que esmaga e amesquinha o pensamento. Por isso, propõe outra imagem cognitiva: o coração, como interioridade aberta, passividade ativa, intimidade:

---

<sup>303</sup> STENGERS, op. cit., p. 190.

<sup>304</sup> A filósofa María Zambrano nasceu em Veléz-Málaga, Espanha. Morou no Chile; exilou-se no México; viveu em Cuba e na Suíça. De volta à Espanha, faleceu em Madri, em 1991. Sua vida é contada no filme *María querida*, dirigido por José Luís García Sánchez (2004).

— *O coração é o símbolo e representação máxima de todas as entranhas da vida*<sup>305</sup>.

Ao mesmo tempo, aponta a exclusão da poesia do pensamento científico e filosófico, ao longo da cultura ocidental, como causa de vocações malogradas, angústia afogada na esterilidade e alienação. Aliás, o pensamento enclausurado instituiu seus estatutos ontológicos e ainda se questiona se é humano, porque busca por verdades absolutas, independentes dos sujeitos que as elaboram.

Ora, o poeta não quer ser dono de nenhuma verdade, ele não é um *sujeito-esfinge* da burocracia científica. E a poesia não exige que dela tenhamos necessidade. Ela simplesmente é necessária à condição humana, sem precisar impor-se:

— *A poesia é una e é diferente para cada um; a sua unidade é tão elástica e tão intimamente coerente que pode formar pregas, alargar-se e quase desaparecer; desce até à carne e ao sangue e até ao seu sonho*<sup>306</sup>.

A poesia é, assim, uma emergência, concorda o poeta Mário Quintana:

*Quem faz poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela  
abafada,  
esse ar que entra por ela.  
Por isso é que os poemas têm ritmo  
– para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado*<sup>307</sup>.

De repente, senti, como num *déjà vu*, que eu poderia estar sentada naquela reunião em Liliput, ouvindo Gadamer, ou em uma das bifurcações da ética da compreensão em Laputa. Ao mesmo tempo, me imaginei em meio às controvérsias da academia de Lagado. A compreensão, às vezes, nos chega em um *insight*, mas precisa mesmo de diversos aportes para tornar-se um padrão. De repetição em repetição, precisamos repensar o que compreendemos para reconfigurar o padrão, ou para destruí-lo.

É um padrão de coração estático, embora à mostra, visível em sua concretude carnal – e só isso – que habita as visões dos mundos de Von Hagens? Ele é um coração humano?

Acostumamo-nos facilmente aos novos padrões apenas exteriormente. Quando de sua visita a Glubbudrib, há alguns séculos, Gulliver, a princípio, sentiu horror ao encontrar seus habitantes fantasmas. Logo se acostumou àquelas visões. A sua reação foi idêntica à dos navegadores

---

<sup>305</sup> ZAMBRANO, 2000, p. 23.

<sup>306</sup> ZAMBRANO, op. cit., p. 70.

<sup>307</sup> QUINTANA, 2001, p. 117.

européus em terras do Novo Mundo e, mais tarde, dos homens da ciência que estudaram essas culturas:

— *Na terceira ou quarta vez não me provocavam mais nenhuma emoção. Se é que restara alguma apreensão, ela fora ofuscada pela curiosidade*<sup>308</sup>.

Mas a curiosidade também foi ofuscada por um outro fator. O coração do viajante ficou desgostoso com a *história moderna*, cujas características pôde conhecer ali:

— *Como se tornou baixa a minha opinião sobre a sabedoria e integridade humanas quando fui realmente informado do que fez avançar, do que motiva as grandes empreitadas e revoluções no mundo e quando tive conhecimento dos acidentes felizes a que muitos devem seu sucesso. (...) Perjúrio, opressão, suborno, fraude, bandalheiras e doenças encontravam-se entre as mais perdoáveis artes que se dignaram a mencionar. Fiquei surpreso por verificar que a corrupção crescera tanto e tão depressa naquele império (...). Assaltaram-me reflexões melancólicas ao observar a grande parte da raça do gênero humano que, entre nós, se havia degenerado nesses últimos cem anos*<sup>309</sup>.

O leitor entenderá um pouco melhor os comentários de Gulliver – e os meus –, se imaginar a exótica Glubbudbrib – com seus mortos-vivos – como os países do nosso chamado Terceiro Mundo, e a desenvolvida Luggnagg – com seus seres imortais – o nosso Primeiro Mundo. Pense também que, apesar de proveniente da Inglaterra (Primeiro Mundo), Gulliver era um *outsider*, um náufrago, viajante por opção – na vida e nas idéias. E eu, moradora do Brasil (Terceiro Mundo), faço parte de uma minoria com possibilidade de acesso aos recursos do Primeiro Mundo.

Nós dois, portanto, cada qual em seu tempo histórico, somos tanto mortos-vivos quanto seres imortais, por qualidades inatas e por outras adquiridas, e qualquer que seja a significação de cada uma dessas condições, elas podem tornar-se o melhor e o pior. O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos habitantes das províncias de Balnibarbi, inclusive aos estudiosos de Laputa e Lagado.

Para não ser acusada de ter feito uma comparação gratuita – e atendendo às regras do *argumento de autoridade* da academia –, as diferenças entre as populações de Glubbudbrib/Terceiro Mundo e de Luggnagg/Primeiro Mundo são assim descritas pelo filósofo Michel Serres:

— *Sob as baixas latitudes encontram-se os mortais aos quais a tradição reserva o nobre nome de homens; nas altas, encontram-se os imortais, que não cessam de sorver o néctar da*

---

<sup>308</sup> SWIFT, op. cit., p. 240.

<sup>309</sup> SWIFT, op. cit., p. 244-245.

*ambrósia. (...) os esqueletos do Terceiro Mundo gritam até a morte, diante dos obesos de plenitude*<sup>310</sup>.

Os obesos de plenitude ou imortais são os ricos de dinheiro, de corpo, de alimento, de esperança, de vida, de hábitat, de democracia e de ciência. Nos dizeres de Gulliver:

— *Mesmo tendo nascido da calamidade universal da natureza humana, têm suas mentes livres e descompromissadas, sem o peso e a depressão do espírito que a contínua apreensão da morte nos causa*<sup>311</sup>!

Enquanto isso, em Glubbudubdrib:

**Mais de um milhão de mortes de bebês poderiam ter sido evitadas na África**

JOHANNESBURGO, 22 nov 2006 (AFP) - Na África, um bebê tem poucas chances de sobreviver a seu primeiro dia de vida e mais de 1,16 milhão de recém-nascidos morrem a cada ano, antes de completar um mês, por causas fáceis de serem evitadas, de acordo com um relatório divulgado nesta quarta-feira na África do Sul.

No total, 1,16 milhão de bebês morrem a cada ano na África durante seus 28 primeiros dias de vida, sendo que cerca de 500.000 no dia de seu nascimento, segundo este documento intitulado "Uma chance para os recém-nascidos da África".

"É um número enorme", lamentou o Dr. Joy Lawn, co-autor do relatório, durante sua apresentação em Johannesburg.

"Os primeiros dias de vida são os mais arriscados", ressaltou, acrescentando que três milhões de crianças africanas morrem antes de completar 5 anos, assim como pelo menos 250.000 mulheres grávidas. Os cuidados pré-natais como a vacinação contra o tétano, a prevenção da malária, além de melhores condições de higiene para o nascimento e um estímulo maior ao aleitamento poderiam salvar cerca de 800.000 recém-nascidos.

"Se estes cuidados essenciais chegassem a 90% das mulheres, 67% destas mortes poderiam ter sido evitadas", acrescentou o Dr. Lawn. O relatório de 246 páginas apresenta dados e análises reunidos por uma equipe de 60 especialistas e nove organizações internacionais, entre as quais a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Save the Children, agrupadas na Parceria pela Saúde da Mãe, do Recém-Nascido e da Criança (PMNCH).

Os países que apresentam o risco mais elevado de mortalidade neonatal são aqueles cuja situação é mais instável, como a Libéria com 66 mortes para 1.000 nascimentos, seguida da Costa do Marfim e Serra Leoa. Mesmo que a mortalidade infantil esteja intimamente ligada à pobreza, alguns países entre os mais pobres como o Malauí ou Burkina Fasso conseguiram reverter a tendência dedicando grande parte de seus orçamentos nacionais aos serviços de saúde básicos<sup>312</sup>.

---

<sup>310</sup> SERRES, 2003, p. 35.

<sup>311</sup> SWIFT, op. cit., p. 253.

<sup>312</sup> AFP. Agência de notícias. *Mais de um milhão de mortes de bebês poderiam ter sido evitadas na África*. 22 nov. 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/11/22/ult1806u4913.jhtm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

As ciências da academia de Lagado têm parte importante na responsabilidade sobre esses fatos. Não só em relação à duração da vida e à sua qualidade. As ciências, mesmo que os cientistas disso não tenham consciência, estenderam-se ao domínio da política, do poder. A política tornou-se mais uma técnica. E tanto ciência quanto política são dominadas pela economia.

Veja o exemplo dos “Mundos corporais” criados por Von Hagens, que servem para corroborar essa assertiva. Os *quatro motores* (Morin) – ciência, técnica, indústria e economia (como, aliás, verificamos em Brobdingnag) – também são vítimas de suas próprias vitórias e cúmplices de todas as forças de centralização e padronização que fabricam dualidades extremas, como mortos-vivos e imortais.

Os mortos-vivos de Glubbudubdrib ainda convivem com os perigosos dejetos das tecnologias utilizadas em Luggnagg, apesar de convenções internacionais terem proibido alguns expedientes de transferência desse tipo de lixo, como informa uma notícia recente:

**Conferência pede solidariedade para com países mais pobres**

Nairóbi, 27 nov (EFE).- Teve início hoje a conferência da Convenção de Basileia, em Nairóbi (Quênia), com um chamado à solidariedade internacional para com os países mais pobres, incapazes de administrar seus resíduos tóxicos "Os países em desenvolvimento não têm capacidade para administrar os resíduos perigosos. Eles devem reconhecer a falta de experiência e de ferramentas, mas também é necessário haver solidariedade internacional", disse a ecologista queniana Wangari Maathai, Prêmio Nobel da Paz 2004, que participou da inauguração do encontro.

Segundo Maathai, "deveria ser um crime" qualquer país não preparado permitir a importação de resíduos perigosos.

"Cabe perguntar que preço a saúde dos cidadãos paga pela irresponsabilidade de alguns Governos. O recente vazamento tóxico, que afetou a Costa do Marfim em agosto, demonstra a dificuldade que é lutar contra o problema, e é um exemplo da vulnerabilidade de países pobres", afirmou Maathai.

O desastre ocorreu quando uma companhia local de eliminação de resíduos industriais deixou vaziar cerca de 500 toneladas de água misturada com petróleo e detergente em diversas regiões de Abidjan, após o descarregamento de uma embarcação panamenha fretada por uma companhia holandesa. A nuvem tóxica resultante matou dez pessoas, e deixou aproximadamente 100 mil intoxicadas.

"Este caso nos lembra que até mesmo as melhores leis só possuem força na presença de mecanismos que assegurem seu cumprimento, e de Governos dispostos a atuar", disse o diretor-executivo do Programa da ONU para o Meio Ambiente (Pnuma), Achim Steiner.

Representantes de mais de 120 Governos assistem em Nairóbi ao encontro, que ocorre até sexta-feira, e que terá como foco principal o chamado "lixo eletrônico".

Entre 20 e 50 toneladas métricas de lixo eletrônico - como são denominados os restos de computadores obsoletos, telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos - são geradas no mundo a cada ano, informou o Pnuma.

Segundo a coalizão de ONGs Rede de Ação da Basileia (BAN), a África

se tornou o maior receptor mundial de equipamento eletrônico obsoleto e substâncias que integram os aparelhos eletrônicos, como chumbo, cádmio e mercúrio, que podem ser muito poluentes se não forem eliminados adequadamente.

Ratificada por mais de 160 países e em vigor desde 1992, a Convenção da Basileia sobre o Controle de Movimentos Transfronteiriços de Resíduos Perigosos e sua Eliminação tem como objetivo proteger a saúde humana e do meio ambiente dos efeitos adversos derivados da produção, transporte e eliminação de resíduos perigosos.

O tratado regula resíduos tóxicos, venenosos, explosivos, corrosivos, inflamáveis e infecciosos.

Além do lixo eletrônico, outros assuntos tratados na reunião serão o problema do desmantelamento de navios obsoletos, que podem liberar substâncias perigosas à natureza, e a criação de mecanismos financeiros que ajudem no cumprimento do tratado<sup>313</sup>.

Há esperança? De acordo com Serres, sim, porque também há outras emergências radicais. Uma outra caracterização humana tem surgido marginalmente, como uma bifurcação não controlada nesta evolução: o *homo universalis*, que *vê crescer sua responsabilidade para com a morte e a saúde e responde cada vez mais por si e pelo mundo*<sup>314</sup>.

Ainda mais abstrato do que concreto, esse tardio *homo universalis*, para compreender e comprometer-se consigo mesmo e com o mundo, deve, primeiro, questionar-se moralmente: quem é o meu próximo? Quem é o mundo? As respostas, sejam quais forem, não se limitarão à geografia dos espaços e ao alcance dos braços. O desenvolvimento das comunicações permite escolhas múltiplas, adotar próximos tanto aqui e agora quanto disseminá-los por outros mundos, deslocando vizinhanças e valores cognitivos; em uma outra esfera dos modelos arraigados da comunicação que confundem o verdadeiro com o poder ou a versão imediatamente acessível...

Ainda há outro fator: o tempo que resta a esse mundo e à sua humanidade será suficiente para concretizar essa evolução? Ninguém sabe... quando mais precisamos do tempo, ele voa.

O que entendi, na companhia de Serres, é a necessidade da compreensão do desapego, reaprendendo a dizer: “eu”. Seja esse eu individual ou o corpo social. Aí está parte da nova agenda também para a academia de Lagado.

Ao Parlamento das Coisas, proposto por Latour, poderíamos acrescentar, além das virtudes do humor (Stengers), do coração e da poesia (Zambrano), a compreensão do desapego (Serres) – sou eu quando sou tu (Celan e Gadamer). A proposição torna-se mais ampla se considerarmos que

---

<sup>313</sup> EFE. Agência de notícias. *Conferência pede solidariedade para com países mais pobres*. 27 nov. 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/11/27/ult1809u9931.jhtm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

<sup>314</sup> SERRES, op. cit., p. 37.

o pensamento domesticado/científico pode religar-se ao *pensamento selvagem* (Lévi-Strauss), num metapatamar compreensivo, como uma poesia da razão ou uma razão poética.

Entretanto, me parece que os discursos e a mera poesia não bastam nem como necrológico de crianças, homens e mulheres mortos-vivos. A história presente não espera soluções milagrosas do futuro. Ou, parafraseando o ditado popular, o que não se solucionou ontem e hoje, solucionado está. Resta-nos o de hoje em diante.

Talvez, e apesar das provas em contrário, não haja mais possibilidade de fuga desse novo padrão do *homem universalis* que reconfigura o humano; haja apenas dificuldades de compreensão e de comunicação, e, portanto, de compromisso e de ação. Seria necessária a literal tradução do *pensée sauvage*: amor-perfeito – que comunica pela ação a compreensão do pensamento – junto com os gritos de muitos galos que entretecem a manhã. Porque pensar apenas não basta, como sugere o poema de Cecília Meireles:

*Naquela nuvem, naquela, mando-te meu pensamento ...  
Os sonhos foram sonhados, e o padecimento aceito.  
E onde estás, Amor-Perfeito?*<sup>315</sup>

Onde estará esse amor-perfeito? Seu *terroir*<sup>316</sup> é o devir.

A despeito de tudo o que relatei até aqui, o luggnaggiano me pareceu um povo educado e generoso. Um dia, uma pessoa de qualidade perguntou-me se queria levar dois ou três imortais para o meu país, a fim de armar nosso povo contra o medo da morte. Recusei, amavelmente. Mesmo sem concordar com a relação entre envelhecimento e avareza, mas pelos exemplos vistos aqui, pensei como Gulliver:

— *Como a avareza é resultante necessária de envelhecer, aqueles imortais tornar-se-iam com o tempo proprietários de toda a nação e seriam o poder civil que, por falta de habilidade para ser bem controlado, terminaria com a ruína do bem público*<sup>317</sup>.

O que fiz, naquele momento, foi firmar outro compromisso que nos mantivesse, de certa forma, conectados: voltar à academia de Lagado, sem precisar data certa. Convidaram-me, então, para expor o que observei em minhas viagens. Fiz duas únicas exigências: que os balnibarbianos

---

<sup>315</sup> MEIRELES, Cecília. *Poema do amor-perfeito*. Disponível em:

<<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/poema.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

<sup>316</sup> O conjunto de fatores, situações geológicas, ampelográficas e climáticas, responsável pela qualidade da vinha e do vinho a partir dela produzido.

<sup>317</sup> SWIFT, op. cit., p. 260.

dispensassem seus batedores durante tal ocasião e que chamassem também os estudiosos que estivessem na ilha-voadora de Laputa, que quisessem e pudessem comparecer, é claro.

## Sobre bonecos e borboletas

Antes de voltar para casa, ainda fiz uma escala numa cidade portuária japonesa. A passagem por ali foi muito curta. Enquanto esperava, no porto, o abastecimento e a limpeza da embarcação, os marinheiros me acomodaram em sua sala de recreação, onde se iniciava uma sessão de cinema. O filme, cujo nome é *Dolls*<sup>318</sup> – bonecos –, se refere a um tradicional teatro praticado naquela província de Balnibarbi, com a utilização de marionetes: o *bunraku*, reinventado pela linguagem cinematográfica.

Entusiasmada com o volume e a qualidade das observações colhidas ao longo desta viagem, foi como se eu tomasse uma ducha fria. Ali estava a cabal demonstração da não reciprocidade! Ou, como ouvi em Laputa, *quem compreende está em dissimetria total com quem não pode ou não quer compreender*<sup>319</sup>.



Retratando relações de limite, tragédias silenciosas de casais acorrentados, o roteiro se compõe de três histórias intercaladas pela violência da melancolia. Só os objetos resgatam o silêncio. O figurino é o narrador. Os trajes dos personagens vão se transformando, de totalmente ocidentais para o estilo tradicional japonês, e suas cores revelam a passagem das estações. Há aí implícita uma certa crítica ao atual modelo japonês de adesão ao sistema dos imortais de Luggnagg? Imagino que sim.

---

<sup>318</sup> Direção: Takeshi Kitano. Japão, 2002.

<sup>319</sup> MORIN, 2005, p. 121.

A imagem do casal da primeira história é o fio condutor do enredo triplo. Andarilhos, descalços, famintos e emudecidos, homem e mulher percorrem, atados um ao outro pelos pés, o tempo cinematográfico e os cenários. Escravos, submetidos a algum poder ou a alguém. A ausência de calçado diferencia o escravo do ser humano liberto. Era assim durante o período da escravidão dos africanos no Brasil imperial.

O drama desse casal tem início quando o rapaz, no dia em que casaria com a filha do patrão, recebe a notícia de que a ex-namorada (a quem ama) tentou o suicídio. A moça escapa da morte, mas terá que carregar graves seqüelas mentais e a perda da memória. O rapaz, então, deixa tudo: casamento e possibilidades de sucesso e fortuna para viver com ela. Desprende-se de suas ambições materiais, mas não de seus padrões interiores.

Após inúteis tentativas de 'enquadrá-la', tentando protegê-la de seu próprio comportamento, desiste. A compreensão das diferenças, como suporte à relação é impossível. Do lado da moça, porque sua psique está alterada. Do lado do rapaz, porque não consegue alcançar a mente e o coração da amada. Não podendo lutar contra isso, eclipsa o próprio modo de ser e mergulha no mundo da companheira. Ainda assim, domina a incomunicação... Agora, são dois mendigos, alheados de si, do outro e do mundo a perambular sem destino.

O único elo que os une é a corda de uma lealdade inexplicável. A morte é a única forma de manter esse elo. A corda, vermelha, designa a mesma cor para o amor, a dor, a lealdade e a morte.

Em outra história, um velho senhor, que aderiu à máfia yakuza, 30 anos depois regressa ao parque onde jurou amor eterno. A antiga namorada, deixada indefinidamente à espera, mantém-se fiel a um ritual da juventude que repete todos os dias: partilhar o seu almoço com ele. Mas já não há possibilidades de retorno a um relacionamento amoroso. O tempo engoliu as esperanças. A compreensão tornou-se inútil, a partilha, sem sentido.

Por fim, há a admiração obsessiva de outro homem por outra mulher. O maior fã de uma estrela pop, cujo rosto ficou desfigurado por um acidente. O sacrifício estético leva o apaixonado a cometer uma auto-mutilação: cega-se. Abdica da visão para amar, porque ela expõe a imperfeição, a ferida, a cicatriz.

As voluptuosas imagens, combinando natureza e cultura no entorno dos personagens, estão a dizer: 'o deserto da barbárie é interior'. O amor e a compreensão são como borboletas esmagadas e sem asas (sutilmente inseridas no início do filme), por culpa da ambição, da falta de

comprometimento e da extrema paixão estética. O amor e a compreensão também são poderosos agentes de destruição.

Silenciosamente voam e caem as borboletas.

*Inteiramente através de nós.  
Eu quero crescer.  
Olho para fora, e é em mim que a árvore cresce<sup>320</sup>.*

A árvore de amor-perfeito e a compreensão perfeita não nos pertencem.

Apenas podemos vislumbrar suas cores e sentir seu perfume. Nem por isso desistimos. Mesmo sutis, inalcançáveis em sua totalidade, seus belos contornos de ideais impregnam a condição humana.



<sup>320</sup> RILKE. In: MATTÉI, 2002, p. 329.

# Viagem ao país dos houyhnhnms



321

*Puséramos a ciência diante de nós, como um objeto entre outros,  
excepcional somente por suas atitudes e performances.  
Da mesma forma, puséramos a linguagem diante de nós,  
como um objeto entre outros.  
excepcional apenas pela doçura e transparência.  
Ainda levamos muito tempo para compreender  
o que quer dizer compreender.*

Michel Serres

*É altamente provável que os viajantes que visitarem  
os países descritos neste meu trabalho  
possam detectar meus erros (se houver algum)  
e acrescentar muitas novas descobertas deles mesmos.*

Gulliver

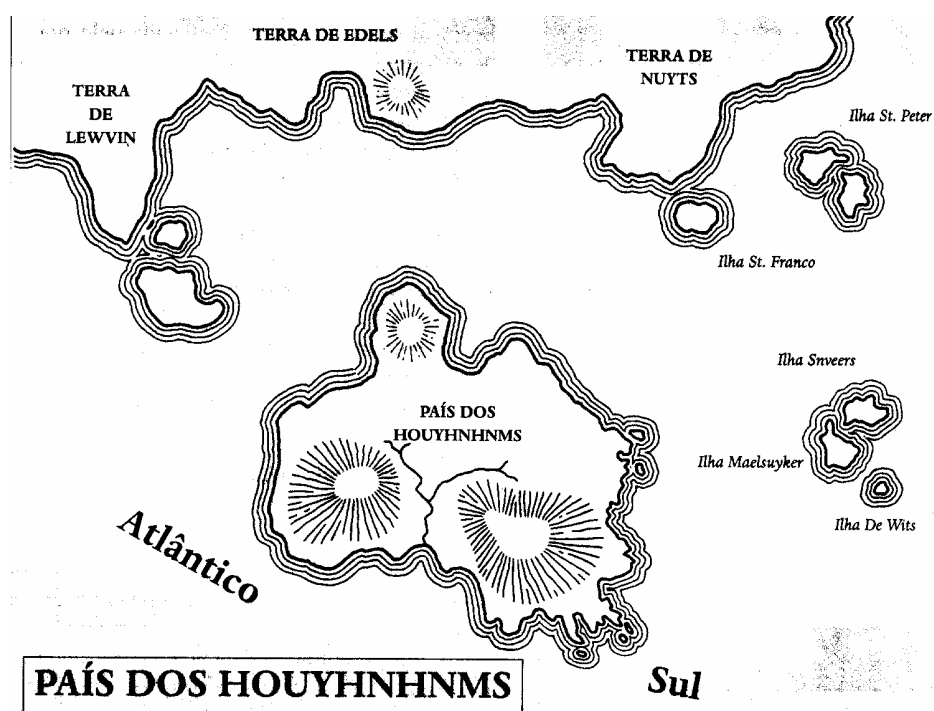
---

<sup>321</sup> *Houyhnhnm e yahoo*, de Luis Quintanilla. Disponível em:  
<<http://www.lqart.org/illustfold/gulliver/gultrav.html>>.

## Teorema de Esopo

O que está colocado em xeque  
é o caráter derrisório da noção de humanidade.  
A humanitas não implica apenas em amizade e entendimento,  
mas no reconhecimento do poder de homens sobre homens.

Edgard de Assis Carvalho



A estas alturas, eu daria por encerrado este relato, para não cansar mais o leitor. Decidi não reviver esta última viagem de Gulliver, que me pareceu como uma desistência de sua própria humanidade, o que me nego a fazer. Desgostoso com as mazelas que conhecera em terras estrangeiras e reconhecera em sua terra natal, Gulliver simplesmente entrega os pontos e transfere todas as desejáveis boas qualidades humanas para os cavalos – os houyhnhnms. Não é à toa que há a expressão popular: *quem muito fala, dá bom dia a cavalo*.

Mas confesso que cometi um engano. Compreendi, depois, que não se tratava de uma desistência e, sim, de mais uma forma de utilização do que Serres denomina de *teorema de Esopo*<sup>322</sup>: considerar a linguagem humana a melhor e a pior das coisas.

A ambigüidade desse teorema aplica-se também ao artifício engendrado pelas fábulas e mitos. Através das narrativas míticas, os seres humanos são metamorfoseados em todas as espécies. *Nesse sentido todos os nossos conhecimentos universais emanam de fontes perenes, dos fetichismos e totemismos, das fábulas e mitos sempre presentes entre nós como eram nos primeiros dias*<sup>323</sup>. Sua forma totalizadora de transmitir conhecimento é importante para a compreensão da condição humana. Agindo pelo princípio da *teoria da incongruência* (Itzhak Fried), as fábulas e os mitos libertam o pensamento lógico para, por uma mudança de perspectiva, reelaborar novos padrões.

Os centauros, seres metade homem e metade cavalo, são abundantes na mitologia grega. Entre os escritores mais recentes, essa criatura de dupla natureza aparece em profusão, entre 1887 e 1908, na produção literária de Rubén Dario, que assim a caracteriza:

*Seus pés cravam-no na terra;  
sua cabeça ergue-se livremente no céu*<sup>324</sup>.

Ou seja, é livre, capaz de pensar, meditar; e vigoroso, por sua ligação com a terra. Reflete uma imagem de inclusão. Gulliver descreve os houyhnhnms com outro tipo de dupla natureza – seres dotados de espírito humano em corpo de cavalo –, além de nobres e corteses:

— *Dotados pela natureza com uma disposição geral para todas as virtudes e não têm concepções e não fazem idéia do que é a maldade numa criatura racional*<sup>325</sup>.

Os animais humanos yahoos, por sua vez, são asquerosos:

— *Quanto mais perto chegava deles, mais repelentes se tornavam*<sup>326</sup>.

Seus atributos são a preguiça, a maldade, a traição, a vingança e um forte apego à sujeira. Nenhuma característica que lembre outro animal, a não ser o próprio humano.

Além do comportamento, as grandes diferenças físicas dos yahoos para Gulliver são a maior quantidade de pêlos pelo corpo e o comprimento das unhas, não justificando o exagero de tanta repulsa.

---

<sup>322</sup> SERRES, 2003, p.182.

<sup>323</sup> SERRES, 2003, p. 140.

<sup>324</sup> DARIO Apud BRUNEL, 1997, p. 153.

<sup>325</sup> SWIFT, op. cit., 317.

<sup>326</sup> SWIFT, op. cit., p. 275.

Na crescente desumanidade que Gulliver imprime à sua espécie, talvez esteja representado não um ideal, mas o fracasso do orgulho humano. E ele se recusa a ser considerado um yahoo.

Embora também não se identifique totalmente com os houyhnhnms, nosso amigo faz de tudo para imitá-los até que, em assembleia, os cavalos inteligentes consideram *ofensivo manter um yahoo na família mais como um houyhnhnm do que como um animal selvagem*<sup>327</sup>.

O orgulho humano de Gulliver fracassa duplamente. Ele não quer ser – e é – classificado como animal irracional; ao mesmo tempo, ele quer – e não é – classificado como animal racional.

É o mesmo fracasso desse orgulho que nos leva, hoje, a reconhecer que ainda permanecemos animais, embora tenhamos diferenças e semelhanças com as outras espécies. Pela ciência, alteramos geneticamente nossos corpos e os de porcos, galinhas, cavalos, vacas, cães e gatos. Juntos mudamos de mundo. A compreensão desse novo nós nasce de uma ‘domesticação’ recíproca que pode possibilitar uma reconciliação com a nossa própria natureza – igualmente racional e irracional.

A noção de humanidade, a partir de agora, não implica apenas em diversidade e entendimento, mas no reconhecimento do poder de homens sobre homens; dos homens sobre todas as outras espécies e vice-versa. Fato que o próprio Gulliver parece reconhecer no final do relato de suas viagens:

— *Minha reconciliação com os yahoos em geral poderia não ser tão difícil se apenas eles aceitassem os vícios e as loucuras que a natureza lhes deu*<sup>328</sup>.

Contudo, se cada um é responsável apenas pela parte que lhe toca, cada um de nós é que deve compreender e aceitar os vícios e as loucuras que a natureza deu a nós e a todos de nossa espécie.



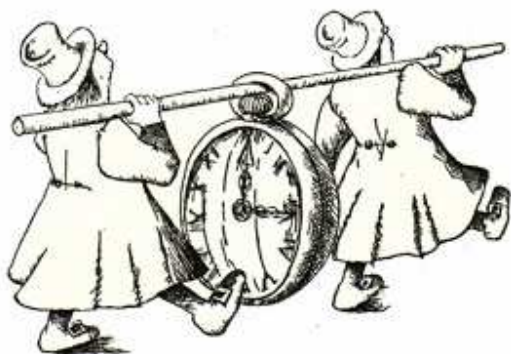
---

<sup>327</sup> SWIFT, op. cit., p. 330.

<sup>328</sup> SWIFT, op. cit., p. 349.

## À guisa de posfácio

329



*A história de qualquer aspecto da humana criação  
faz aparecer de algum modo a história total.*

María Zambrano

*Eu aqui me despeço finalmente de meus cortesês leitores  
e volto ao meu pequeno jardim (...)  
para olhar sempre meu próprio rosto em um espelho  
e assim, se for possível, com o tempo  
vir a me habituar a tolerar a visão da criatura humana.*

Gulliver

---

<sup>329</sup> *Gulliver's Watch*, de Luis Quintanilla. Disponível em: <<http://lqart.org/#drawings>>.

## Entre a aurora e o crepúsculo

(Discurso proferido pela autora durante o relato de suas viagens aos sábios da academia, em seu retorno a Balnibarbi)

*Eminentes senhores da Academia*<sup>330</sup>.

Conferem-me a honra de voltar ao seu convívio para oferecer este relato sobre a minha pregressa vida de Gulliver. Agradeço imensamente a hospitalidade, a presença de doutos pesquisadores de Laputa e de Lagado, além de intelectuais de outras paragens não menos dignas.

Pouco tenho a acrescentar ao que já está dito. Mas peço encarecidamente que relevem as lacunas desta narrativa, posto que o que tenho à mão para comunicar minhas aventuras é somente esta linguagem, ao mesmo tempo maravilhosa e imperfeita, e da qual muitos dos senhores sabem muito bem fazer melhor uso. Aliás, como constata o poeta Mário Quintana, *a gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita*<sup>331</sup>.

No mais, como reconhece Lévi-Strauss em um texto escrito durante uma viagem de navio, há uma grande diferença entre a manhã e a tarde. Ou seja, a experiência vivida e a sua memória. *A recordação é a própria vida, mas com outra qualidade*<sup>332</sup>. Gostamos de rememorar, mas não aceitamos viver novamente as labutas e os sofrimentos. É por isso que aqui não comparecem muitas lutas sinistras que travei comigo mesma.

Esta é mais uma dificuldade no caminho da compreensão e da comunicação, também demonstrada, de forma competente e bem-humorada, no filme *Narradores de Javé*<sup>333</sup>: *tirar da cabeça, minha gente, e pôr no papel*. A memória e a escrita são mistérios de um conjunto de processos sempre idênticos, mas imprevisíveis, como aqueles pelos quais a noite sucede o dia.

De qualquer forma, como para a noite as misturas não têm limites, quiçá este meu sonho realizado possa misturar-se aos sonhos de quem o lê ou ouve falar dele, numa alquimia de devires. Porque, como sugere o provérbio africano que já destaquei anteriormente como epígrafe,

---

<sup>330</sup> KAFKA, 1997, p. 59.

<sup>331</sup> QUINTANA, 1973.

<sup>332</sup> LÉVI-STRAUSS, 1998, p. 60-61.

<sup>333</sup> Direção: Eliane Caffé. Brasil, 2003.

*Raro é o sonho que começa e acaba na mesma noite.  
A verdade não está num só, mas em muitos sonhos.*

Mesmo que fugaz e emergente, que seja essa a nossa fusão de horizontes. *Seja como for, no conjunto eu alcanço o que queria alcançar. Não se diga que o esforço não valeu a pena*<sup>334</sup>.

Agradeço, novamente, a paciência e a compreensão dos senhores e paro por aqui, ainda citando palavras do mestre Lévi-Strauss – não como *argumento de autoridade*, mas de sensibilidade – que, creio, sintetizam as observações desta pesquisa e a sua comunicação:

— *Assim que se esconde atrás do horizonte, a luz enfraquece e faz surgir planos a cada instante mais complexos. A luz plena é inimiga da perspectiva, mas, entre o dia e a noite, há lugar para uma arquitetura tão fantasista quanto temporária. Com a escuridão, tudo se achata de novo, como um brinquedo japonês maravilhosamente colorido*<sup>335</sup>.



336

<sup>334</sup> KAFKA, op. cit., p. 72.

<sup>335</sup> LÉVI-STRAUSS, op. cit., p. 63.

<sup>336</sup> *Gulliver sculpture*, de Tom Otterness, 2005. Disponível em:  
<<http://www.informallearning.com/galleries/AAM2005/pages/02-Gulliver%20sculpture%20by%20Tom%20Otterness.htm>>.

# Fontes de *insights* e desdobramentos

## Aulas

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Interrogações científicas contemporâneas*. Natal: UFRN, 2004.

CARVALHO, Edgard de Assis. *Seminário de Pesquisa (doutorado)*. São Paulo: PUC/SP, 2005.

GALENO, Alex. *Tópicos avançados em Ciências Sociais*. Natal: UFRN, 2004.

## Escrituras

AFP Agência de notícias. *Curdos aprovam projeto de Constituição e ataques deixam mais de 40 mortos*. 24 ago. 2005.

\_\_\_\_\_. *Mais de um milhão de mortes de bebês poderiam ter sido evitadas na África*. 22 nov. 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/11/22/ult1806u4913.jhtm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

ALMEIDA, Maria da Conceição. *Complexidade e cosmologias da tradição*. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, 2001.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. *Ciclos e metamorfoses – uma experiência de reforma universitária*. Porto Alegre: Sulina, 2003a.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; PEREIRA, Wani Fernandes. *Lagoa do Piató – fragmentos de uma história*. Natal: EDUFRN, 2006.

ATLAN, Henri. *Vida, conhecimento e ética*. In: **Polifônicas idéias** – por uma ciência aberta. Orgs. ALMEIDA, M. C.; KNOBBE, M. M.; ALMEIDA, A. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

\_\_\_\_\_. *A ciência é inumana? Ensaio sobre a livre necessidade*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *O livro do conhecimento*. Lisboa: Editora Piaget, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOZA, David. *Invasores de corpos*. In: Folha de S. Paulo, **Mais!**, 29 out. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2910200620.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

BARROS, Manoel. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BBC. *Desemprego e racismo alimentam revolta em Paris*. 3/11/2005: <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI738431-EI294,00.html>.

BERNARDO, Enrico. *Aprender a gostar de vinho pelo melhor sommelier do mundo*. Trad. Luís Horta. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

BESNIER, Jean-Michel. *A inteligência artificial nos torna superficiais?* In: PESSIS-PASTERNAK, Guitta. **A ciência: deus ou diabo?** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. Trad. Mauro de Campos Silva. SP: Cultrix, 1992.

BOSI, Alfredo. *Uma disciplina do olhar*. Jornal **Folha de S. Paulo**, 12 de dezembro de 1998.

BRAGAMICH, Rubens. *Digressões acerca da idéia de compreensão*. Texto apresentado na seção Temas Livres do XI Simpósio Internacional da Associação Junguiana do Brasil, realizado em 2003.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BUKOWSKI, Charles. *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio*. Trad. Bettina Gertum Becker. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- CAMÕES, Luís de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. Disponível em: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/camoes.html>>. Acesso em: 5 março 2007.
- CANDEIAS, Jorge. *As viagens de Gulliver por Jonathan Swift, uma crítica*. In: **e-nigma** – revista eletrônica de ficção científica e fantástico: <<http://ficcao.online.pt/E-nigma/criticas/viagensgulliver.html>>
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, Edgard de Assis. *Virado do avesso*. São Paulo: Selecta Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Tecnociência e sistemas complexos contemporâneos*. In: CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha (Orgs.). **Ensaios de complexidade 2**. Porto Alegre: Sulina, p. 76-94, , 2003.
- CARO, Paul. *A Roda das ciências - do cientista à sociedade, os itinerários do conhecimento*. Portugal: Instituto Piaget, 1993.
- CASTRO, Gustavo & DRAVET, Florence (Org.). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004.
- CIURANA, Emilio Roger. *Antropologia hermenêutica*. Artigo. Universidade de Valladolid, Espanha. Cátedra de la Transdisciplinarietà: <<http://gramola.fyl.uva.es/~wfilosof/catedrainsdisciplinarietà.htm>>
- CYRULNIK, Boris. *Do sexto sentido – o homem e o encantamento do mundo*. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, s/d-a.
- \_\_\_\_\_. *Memória de macaco e palavras de homem*. Trad. Ana Maria Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, s/d-b.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista a Sophie Boukhari*. **Correio da Unesco**, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.spn.pt/artigo.asp?id=283>>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, angústia*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Educação matemática – da teoria à prática*. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).
- DARIO, Rubén. *Colóquio de los centauros*. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 153.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DRUMMOND de Andrade, Carlos. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O idiota*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: 34, 2002.
- EFE Agência de notícias. *Bush pede compreensão e promete recuperação total de Nova Orleans*. 02 set. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Conferência pede solidariedade para com países mais pobres*. 27 nov. 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/11/27/ult1809u9931.jhtm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.
- ENCYCLOPEDIA of the Self. Disponível em: <<http://www.selfknowledge.com/79113.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- FIORESE, Fernando. *Linha*. Disponível em: <[www.officinadopensamento.com.br/arquivos/UPP/fiorese\\_steinberg.htm](http://www.officinadopensamento.com.br/arquivos/UPP/fiorese_steinberg.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- FOLHA de S.Paulo, 23 nov. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2311200517.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2005.
- FOLHA Online. *Presidente Lula afirma que não vai fazer "gesto eleitoral" com juro*. 23 ago. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Exposição na Oca traz corpos humanos reais "plastificados"*. 15 fev. 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998, 2ª. ed.

- \_\_\_\_\_. *Quem sou eu; quem és tu?* Comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-Cristal de Paul Celan. Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.
- GONZALEZ, César. *Gadamer y la hermenéutica filosófica*. In: **Naderías entretejidas** – ensaios sobre crítica. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2001, p. 39-67.
- GRENNPEACE. *Seca na Amazônia: o futuro já chegou?* 18 out. 2005. Disponível em: <[www.adital.com.br/site/noticias/19375.asp?lang=PT&cod=19375](http://www.adital.com.br/site/noticias/19375.asp?lang=PT&cod=19375)>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- HEISENBERG, Werner. *A parte e o todo* – encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- JORNAL Missão Jovem (P.I.M.E.). Disponível em: <<http://www.pime.org.br/pimenet/missaojovem/mjpaazpaz.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2005.
- KAFKA, Franz. *Um relatório para a academia*. In: **Um médico rural**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 59-72.
- KNOBBE, Margarida Maria. *Além do finito e do definido – os intelectuais sob os ecos da fábula A cigarra e a formiga*. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 1999.
- \_\_\_\_\_. *A palavra da pele*. Revista **FAMECOS** n. 25, dez./2004. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 127-137.
- \_\_\_\_\_. *História extra-oficial – como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade*. In: Revista **Problemas Brasileiros** n. 371. Ano XLIII, setembro-outubro/2005, p. 18-23.
- KÜNCH, Dimas. *O Eixo da Incompreensão: A Guerra Contra o Iraque nas Revistas Semanais Brasileiras de Informação*. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2004.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Jamais fomos modernos* – Ensaio de Antropologia Simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1994.
- LE BRETON, David. *Do silêncio*. Trad. Luís M. Couceiro F. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- LE MONDE. *Violência na França estimula o racismo na Rússia: Imagem dos distúrbios amplia rejeição de russos a árabes e negros*. 17 nov. 2005. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2005/11/17/ult580u1755.jhtm>>. Acesso em: 23 nov. 2005.
- LETRIA, José Jorge. *Cartas aos heróis*. Porto: Âmbar, 1998.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon, Lígia Maria de Castro Simon. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. Trad. Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 9ª. Reimpressão.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- LUFT, Lya. *Para não dizer adeus*. Rio de Janeiro: Record, 2ª. Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. *Perdas e ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 26ª. ed., 2004.
- MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Mapas e plantas de James Cook. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Globalização comunicacional e transformação cultural*. In: **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. Org. Denis de Moraes. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior* – ensaio sobre o i-mundo moderno. Trad. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

- MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, MG: EFMG, 1998.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia diskín. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Poema do amor-perfeito*. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/poema.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.
- MELO NETO, João Cabral de. *Tecendo a manhã*. In: MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 151.
- MONTAIGNE. *Ensaíos*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- MONTESQUIEU, Charles Louis de. *Cartas persas*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.
- MORGAN, Marlo. *Mensagem do outro lado do mundo*. Trad. Ana Luíza D. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão Técnica: Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Trad. Hermano Neves. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O Método I – A natureza da natureza*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Método II – A vida da vida*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Método III – O conhecimento do conhecimento*. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O método 5 – a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O método 6 – ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Uma mundialização plural*. In: **Por uma outra comunicação** – mídia, mundialização cultural e poder. Org. Denis de Moraes. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Para sair do século XX*. Trad. Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_. ; SILVA, Juremir Machado da. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2002.
- MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses – conversa sobre a origem da cultura brasileira*. São Paulo: Angra, 1999.
- MURPHY, Michael P.; O'NEILL, Luke A. J (Orgs.). *O que é vida? 50 anos depois – especulações sobre o futuro da biologia*. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: UNESP/Cambridge, 1997.
- ONLINE Etymology Dictionary. Disponível em: <[www.etymonline.com](http://www.etymonline.com)>. Acesso em: 6 março 2007.
- ORMESSON, Jean d'. *Quase nada sobre quase tudo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ORWELL, George. *1984*. Trad. Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984, 17ª. Ed.
- OUTHWAITE, William. *Hans-Georg Gadamer*. In: SKINNER, Quentim (Org.). **As ciências humanas e os seus grandes pensadores**. Trad. Teresa Curvelo. Lisboa: Dom Quixote, p. 33-55, 1992.
- PAGE, Martin. *Como me tornei estúpido*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- PANORAMA Setorial. *Jornal Gazeta Mercantil*, de 4/julho/2005, p. A-8.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*, vol. I. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*, vol. II. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- PIAGET, Jean. *O desenvolvimento do pensamento*. Equilíbrio das Estruturas Cognitivas. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

- PINTO, Lúcio Flávio. *Da cheia à seca: o drama amazônico*. 27 out. 2005. Disponível em: <[www.amazonia.org.br/opiniao/artigo\\_detail.cfm?id=184832](http://www.amazonia.org.br/opiniao/artigo_detail.cfm?id=184832)>. Acesso em: 30 out. 2005.
- PITZKE, Marc. *Katrina escancara o preconceito racial dos EUA*. Ajuda foi lenta por que maioria das vítimas era de negros e pobres. **Der Spiegel**, 10 set. 2005.
- PORTELLA, Eduardo. *A razão sem compaixão*. In: **Revista Tempo Brasileiro**, 143, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. *A nova aliança – metamorfose da ciência*. Trad. Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trinciera. Brasília: Ed. UnB, 1997.
- PRIGOGINE, Ilya. *O nascimento do tempo*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1990.
- QUINTANA, Mário. *Do caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Emergência*. In: MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 117.
- REVISTA *Viver Mente & Cérebro*, 2004, n. 143.
- REVISTA *Viver Mente & Cérebro*, 2005, n. 144.
- SAID, Edward W. *Des intellectuels et du pouvoir*. Paris: Seuil. 1996.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHRÖDINGER, Erwin. *O que é vida? O aspecto físico da célula viva seguido de Mente e Matéria e Fragmentos autobiográficos*. Trad. Jesus de Paula Assis e Vera Yukie Kuwajima de Paula Assis. São Paulo: UNESP/Cambridge, 1997.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia mestiça – Le tiers-instruit*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Hominescências*. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SHIVA, Vandana. *A libertação é vida com dignidade*. Entrevista a Fergus Nicoll. Programa Agenda. Rádio **BBC**, 31 mai. 2002. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/worldservice/programmes/agenda.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2005.
- SIEBOLD, Sabine. *Anatomia dos esfolados*. In: **Reuters**, 23 jan. 2004. Disponível em: <<http://anomalias.weblog.com.pt/arquivo/004442.html>>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- SIROTSKY, Nahum. *Grito provocou tragédia no Iraque*. **Jornal Último Segundo**, 31 ago. 2005. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2005.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O desprezo das massas – ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SPINOZA, Vida e Obra. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural. s/d.
- STEIN, Ermildo. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A consciência da história: Gadamer e a hermenêutica*. In: Folha de S. Paulo, **Mais!**, 24 mar. 2002.
- STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Trad. Max Altman. São Paulo: 34, 2002.
- SWANWICH, Keith. *Ensinando música, musicalmente*. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.
- SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM, 2005a, Coleção L&PM Pocket, vol. 399.

\_\_\_\_\_. *Viagens de Gulliver*. Adaptação de Milton Claro. São Paulo: Melhoramentos, 1963, Coleção Obras Célebres n. 10.

\_\_\_\_\_. *Modesta proposta e outros textos satíricos*. Trad. José Oscar de Almeida Marques e Dorothee de Bruchard. São Paulo: Unesp, 2005b.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada – ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VERGANI, Teresa. *Excrementos do sol – a propósito de diversidades culturais*. Lisboa: Pandora, 1995.

WEBER, Max. *Sociologia*. Org. Gabriel Cohn. Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 2005.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade – o uso humano de seres humanos*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1993.

ZAMBRANO, Maria. *A metáfora do coração e outros escritos*. Trad. José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

## Filmes

*Babel*. 142 min. Direção: Alejandro González Iñárritu. EUA/México, 2006.

*Banlieue 13*. 85 min. Direção: Pierre Morel; Produção: Luc Besson. França, 2004.

*Dolls*. 113 min. Direção: Takeshi Kitano; Guarda-roupa: Yohji Yamamoto; Diretor artístico: Norihiro Isoda. Japão, 2002.

*Él*. 91 min. Direção: Luis Buñuel. Baseado em história da escritora Mercedes Pinto. Espanha, 1952.

*Hakushi, o idiota*. 166 min. Direção: Akira Kurosawa. Baseado na história *O idiota*, do escritor russo Fiodor Dostoievski. Japão, 1951.

*Laranja mecânica*. 138 min. Direção: Stanley Kubrick. Baseado em livro do escritor Anthony Burgess. Inglaterra, 1971.

*Maria querida*. 91 min. Direção: José Luís García Sánchez. Sobre a vida de Maria Zambrano. Espanha, 2004.

*Narradores de Javé*. 100 min. Direção: Eliane Caffé; Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Brasil, 2003.

*O grande ditador*. 128 min. Direção e roteiro: Charles Chaplin. EUA, 1940.

## Músicas

AMARANTE, Rodrigo. *O vento*. In: **Los Hermanos**, 2005.

CAROLINA, Ana & TOM ZÉ. *Unimultiplicidade*, In: **Ana & Jorge**, 2005.

CHAO, Manu. *Clandestino*. In: **Clandestino**, Manu Chao, 1999.

\_\_\_\_\_. *Desaparecido*. In: **Clandestino**, Manu Chao, 1999.

DU PEIXE, Jorge. *Meu maracatu pesa 1 tonelada*. In: **Nação Zumbi**, 2002.

DUNCAN, Zélia & LENINE. *Pré Pós Tudo Bossa Band*. In: **Pré Pós Tudo Bossa Band**, Zélia Duncan, 2006.

LENINE & FALCÃO, Dudu. *Paciência*. In: **Na pressão**, Lenine, 1999.

LOBÃO. *Samba da caixa preta*. In: **Noite**, Lobão, 1998.

NAÇÃO ZUMBI. *Faz tempo*. In: **Nação Zumbi**, 2002.

RUSO, Renato. *Monte Castelo*. In: Legião Urbana, **As quatro estações**, 1989.

SCIENCE, Chico. *Da lama ao caos*. In: **Da lama ao caos**, Nação Zumbi, 1994.

SY, Iron. *Résistant*. In: **Banlieue 13**, 2004.

VELOSO, Caetano. *Haiti*. In: **Tropicália 2**, Caetano Veloso & Gilberto Gil, 1993.

### Sites - ilustrações / abertura de capítulos

<<http://img441.imageshack.us/img441/8978/laputa9nk.gif>>

<<http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/mossa/p2.jpeg>>

<<http://www.marianne-aatz.de/Bildseiten/1986/gulliver.htm>>

<<http://www.digitalphotouser.co.uk/articles/frames/200205/200205.php>>

<<http://www.mallorca-market.com/english/art/hgsch/illu/index.htm>>

<[http://www.ci.kk.dk/skoler/noerre\\_gymnasium/tok/gulliver.htm](http://www.ci.kk.dk/skoler/noerre_gymnasium/tok/gulliver.htm)>

<<http://www.lqart.org/illustfold/gulliver/gultrav.html>>

<<http://www.informallearning.com/galleries/AAM2005/pages/02-Gulliver%20sculpture%20by%20Tom%20Otterness.htm>>

<<http://lqart.org/#drawings>>

### Outros sites consultados

<<http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/>>

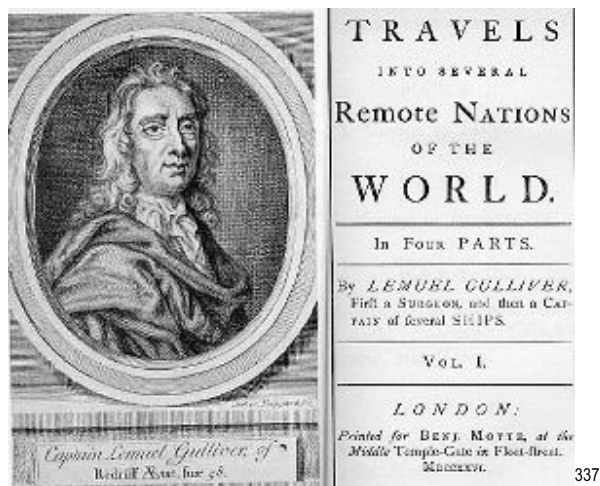
<[www.citador.pt](http://www.citador.pt)>

<[www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br)>

<[www.luisbunuel.org](http://www.luisbunuel.org)>

<<http://www.danielmunduruku.com.br>>

<[http://www.ucc.ie/acad/appsoc/hdsp/Swift\\_Gullivers\\_Travel.htm](http://www.ucc.ie/acad/appsoc/hdsp/Swift_Gullivers_Travel.htm)>



337

<sup>337</sup> Disponível em: <[http://www.ucc.ie/acad/appsoc/hdsp/Swift\\_Gullivers\\_Travel.htm](http://www.ucc.ie/acad/appsoc/hdsp/Swift_Gullivers_Travel.htm)>.